BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
SET... SANT... CATARINA
Clas.:
Reg.: 073
Data: 12.06.96

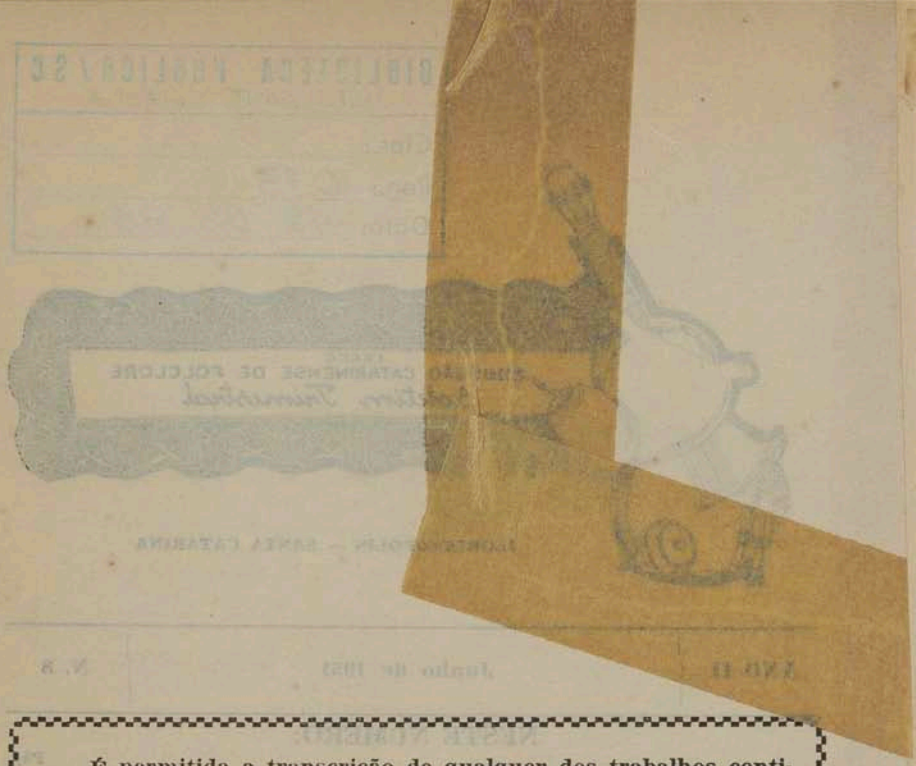
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ANO II | Junho de 1951 | N. 8

## NESTE NÚMERO:

Pág.

EDITORIAL
No Centenário de Sílvio Romero ..... 3
COLABORAÇÕES ESPECIAIS
Lúdica infantil ..... Alceu Maynard Araujo 6
As pombinhas dos telhados coloniais ..... Walter Spalding 15
O cálculo dos mêses na imaginação popular ..... Veríssimo de Mélo 19
Valor educacional do folclore ..... Mariza Lira 21
Romanceiro do Padre Cícero ..... Eduardo Campos 30
NOTICIÁRIO ..... 34
CORRESPONDÊNCIA ..... 41
RECEBEMOS E AGRADECEMOS ..... 46
O QUE DIZEM DE NÓS ..... 48
TRABALHOS ORIGINAIS
Quadrinhas do folclore ilhéu ..... Osvaldo F. de Mélo (filho) 49
Pasquins ..... Oswaldo R. Cabral 51
Tia Chica (Continuação) ..... Mário de Campos Birnfeld 58
Achegas à Poranduba Catarinense (Continuação) ..... Lucas A. Boiteux 61
Contribuição ao folclore do boi, no Brasil ..... Walter F. Piazza 71
INQUÉRITOS
Adagiário (Laguna) ..... 75
FOLCLORE ANTIGO DE STA. CATARINA
A salga do peixe ..... Virgílio Várzea 82
FOLCLORE NACIONAL
FOLCLORE CARIOCA
Santo Antônio no folclore brasileiro ..... Mariza Lira 84
FOLCLORE GOIANO
Folclore dos garimpos ..... João Dornas Filho 88
FOLCLORE ALAGOANO
"Zabumba", o "Major" Bonifácio e o "Sururu da Negra"
Luiz Alípio de Barros 90
FOLCLORE PERNAMBUCANO
O morcêgo, o dominó, o papangu, o doutor, o urso, o príncipe, a morte, o diabinho ..... Eustórgio Wanderley 92
FOLCLORE DOUTRAS TERRAS
FOLCLORE AÇORIANO
Modos de dizer micaelenses ..... F. Carreiro da Costa 94
FOLCLORE ESPANHOL
Terapêutica Ocular ..... Antônio Castillo de Lucas 97
Relação dos Membros efetivos ..... 99
Relação dos Membros correspondentes ..... 100
FÓRA DO TEXTO:
FOTOGRAFIAS:
Carro de Bois (óleo) — Willy Zumblick
Carro de Bois (água-forte) — José Silveira d'Ávila



É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

# NO CENTENÁRIO DE SÍLVIO ROMERO

**Na sessão de 20 de abril p. p., na Câmara dos Deputados, em nome da Comissão de Educação e Cultura daquela Casa do Parlamento Nacional, o representante de nosso Estado, Jorge Lacerda, pronunciou a seguinte oração:**

"Não é esta uma consagração, pois espíritos como o de Silvio Romero já se consagraram através de sua obra. Neste momento não ha senão que lhe perlustrar breves trechos do amplo itinerário que empreendeu, em multiplas direções, no território da inteligência e da cultura no Brasil. Nascido em Sergipe, plasmou-lhe o espírito, entretanto, o velho Recife que exercia na época uma irresistivel fascinação sobre a mocidade, com o seu ambiente de intensa fermentação intelectual. E ali foi Silvio Romero desferir os primeiros arremessos de sua inteligência, inquieta e desbravadora, rompendo os hábitos de rotina do meio e imprimindo um sentido renovador ao cenário cultural do seu tempo. Marcara-lhe o pensamento, no contato anterior com o sertão, o amor aos estudos de nossas tradições. Dotado de capacidade de trabalho e faculdades raras de percepção e análise, realizou uma obra imensa no campo da sociologia, antropologia, linguistica, etnografia, folclore, poesia, critica literária e filosófica.

Sociólogo, estudou os fatores étnicos da vida nacional. Folclorista, penetrou antes de ninguem nas raizes remotas e nos residuos do passado brasileiro, procurando recolher os lineamentos originais de nossa formação. Crítico literário, e não tinhamos critica até então, desprezou Sylvio Romero o impressionismo então em voga, emprestando às suas interpretações uma base cientifica, através dos métodos e resultados do seu trabalho de sociólogo. Exerceu, como hoje se verifica, uma influência considerável em sua época e que se estendeu pelo tempo. Soube ele aplicar, além do mais, uma metodologia objetiva à análise e solução dos nossos problemas. E êsse sentido realista veio enriquecer-lhe as observações e, no equacionamento das nossas questões políticas, procurou estabelecer — o que não se fizera até alí — os fatores geográficos, etnográficos e econômicos.

Sr. Presidente, as incursões da inteli-

gência de Sylvio Romero não se limitavam a meras especulações de ordem doutrinária, mas penetravam no âmago da nossa terra, da nossa sociedade e do nosso homem, buscando captar por inteiro a nossa realidade palpitante. Não se pagava êle das idealizações arbitrárias do romantismo. Procurou libertar-se daquela atitude que, não raro, nos tem convertido em inquilinos espirituais de outras terras. "Nosso maior mal — dizia êle — é pretendermos ser como nação, como todo político social, o que não somos realmente". As lições que absorveu dos mestres estrangeiros serviam-lhe antes de instrumentos atualizados para uma análise mais perfeita dos problemas nacionais. Nele coexistiam bem vivos, de par com a tendência universalista de seu espírito, o sentimento da província e o sentimento da Pátria. Ampliou o nosso conhecimento do Brasil, alertando as gerações para a dura verdade daquela revelação de Euclides da Cunha, segundo a qual "as nossas realidades, entregamos, numa inconsciência do prodigos sem tutela, ao estudo de alguns homens de outros climas, a ponto de, ainda hoje procurarmos nas páginas de Saint Hilaire ... notícias do Brasil". O sergipano tinha um temperamento arrebatado. A flama a tocar-lhe os nervos, empunha Sylvio Romero as armas de polemista ágil, áspero, implacável. Extremava-se não raro, em impetuosas diatribes e invectivas, que punham em sobressalto os arraiais literários do país. Afigura-se-nos hoje um Leon Daudet extraviado nos trópicos. Era esta uma das características que lhe informavam o espírito: uma personalidade humana subordinada às contingências de uma psicologia singular. Arrebatado no ataque, era também capaz das grandes ternuras e das amplas generosidades.

Agnóstico, embora, não recusava que um certo sentimento religioso não se lhe desfalecera no íntimo de si mesmo. Aliás, para um coração indomável como o seu, as filosofias em trânsito dele não se apoderariam de todo. E através da entrevista concedida a João do Rio, em que evoca a paisagem da infância, dizia que bem cedo aprendera as orações e se habituara tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, tendo-a ainda na conta de uma criação fundamental e irredutível da humanidade. O destino, srs. deputados, parece ter reservado aos agnósticos um sítio ignoto do coração para as retardatarias sementeiras da fé, na maturidade ...

Também sulcou os ásperos roteiros da política. Batalhou pela abolição e pela República. E nesta casa representou seu Estado. Quando quis reeleger-se viu malogrado o seu objetivo. "Sou um desarmado para a vida prática" — exclamava êle melancòlicamente. Mas ia encontrar contudo no trabalho infatigável da cátedra e no exercício ininterrupto das letras a melhor expressão do seu espírito de lutador.

Adquirem, Sr. Presidente, viva atualidade algumas de suas páginas sôbre os problemas sociais e políticos da nação. Se reexaminarmos as advertências que Sylvio Romero dirigiu aos responsáveis da coisa pública, verificaremos que elas não perderam com o tempo a sua oportunidade. "... Mesmo quando estudava correntes e escolas literárias — observa um estudioso lúcido de Sylvio Romero — ou escrevia a história do pensamento nacional, sente-se que jamais perdeu êle de vista aquele são brasileirismo que certamente é um sinal do seu interesse político: a qualidade mais significativa da sua obra".

Num momento, srs. deputados, em que a crise assalta os continentes e o pessimismo anuvia as reflexões dos filósofos e pensadores; quando um Toynbee, após analisar com a sua sabedoria uma vintena de civilizações, e conclui que a sua autopsia das civilizações mortas não lhe permite formular o horóscopo da nossa propria civilização; quando um Jaspers assinala a presença de um sentimento específico de impotência — o homem sabendo-se encadeado ao transito das coisas que se julgou capaz de governar, voltemos neste momento de perplexidade as nossas vistas para nós mesmos. E preparemo-nos. Vozes como a de Sylvio Romero deverão repercutir, com todo o teor de sua sinceridade, por toda a carta geográfica do país. "O Brasil social — dizia êle — é que deve atrair todos os esforços dos seus pensadores, dos seus homens de coração e de boa vontade, todos os que têm um pouco de alma para devotar à pátria".

# COLABORAÇÕES ESPECIAIS

A aceitação que vem tendo o nosso Boletim é revelada não apenas no interêsse com que, frequentemente, recebemos pedidos de coleções completas de seus exemplares, como, principalmente, pela distinção que lhe fazem eminentes folclorólogos do país e do estrangeiro, endereçando-lhe as suas colaborações.

Êste número inclue nada menos de cinco colaborações especiais, assinadas por ilustres escritores nacionais: Walter Spalding, veterano e sempre querido colaborador nosso; Mariza Lira, um nome exponencial no meio folclórico brasileiro; Veríssimo de Melo, um ativo e fecundo escritor potiguar; Alceu Maynard Araujo, um grande pesquizador paulista, laureado, últimamente, no 5º Concurso de Monografias, com o primeiro prêmio; e Eduardo Campos, do Ceará.

Com especial agrado registramos a afluência desta colaboração especial. É uma honra de que nos orgulhamos: — sermos um órgão distinguido pela preferência de tão ilustres nomes, para a divulgação dos seus brilhantes trabalhos.

# LÚDICA INFANTIL

Alceu Maynard Araujo

Na minha infância feliz, passada numa cidade do interior do Estado de São Paulo, em Botucatú, pratiquei quem sabe todos os jogos comuns a essa fase de nossa vida. Lembro-me dos papagáios que empinávamos, das arapucas, laços, mundéus, fôjo, alçapões de rede, gaiola com vara de visgo, bodoques, fundas, estilingues e xipocas que faziamos.

Aprendi a fazer todos êsses implementos da lúdica infantil com meu querido pai. Eu e meus manos aprendemos com o "Velho" um punhado de cousas uteis... e também essas cousas de moleque. De velho é que papai não tinha nada. Era um moço, um companheirão que nos ensinava a praticar ginástica, saltos com vara, exercícios em barras e paralelas, participando êle mesmo conosco de tôdas essas cousas. Êle era naquela época um companheiro mais velho e sabíamos que tinha sido um bom moleque na sua infância, em Itapetininga.

O melhor gancho para um estilingue só papai sabia escolher. Só êle sabia afinar a taquarinha para armação de papagáio de varetas levíssimas! Em Botucatú, onde nasceram meus três irmãos mais moços e onde fomos criados, "os filhos de Mário" (eu, Mário, Rubem, Levi, Virgílio e Coriolano) que assim nos chamavam os companheiros de brincadeira, na época de determinados brincos eram os que possuiam

os papagáios, gaiolas, estilingues, xipocas, bodoques, invejados pelos demais moleques de nosso tempo. O segredo de tudo estava na capacidade realizadora do nosso querido pai. Êle fazia todos os brinquedos para nós. E aprendíamos com êle como se devia fazer. A única cousa proíbida era brincar ou fazer "ronqueira"... É por isso que as escondidas, fazíamos nossas garruchinhas de cano de guarda-chuva ou de metal sem emenda.

Fomos uma vez ao cinema. Lá apareceu um artista (Rod la Roque, ih ! ! ! já faz 30 anos) atirando uma peça de madeira que na fita tinha o nome de "chicote australiano". Quando mais tarde estudávamos antropologia, um dia lendo Montandon lá encontramos o nosso chicote australiano, nosso velho conhecido, nada mais do que o "bumerang".

Papai fez para nós caprichosamente um "chicote australiano". No quintal enorme de nossa casa, fazíamos o treinamento. Primeiramente os alvos eram as laranjas espetadas no quintal, e quando papai não estava conosco, eram as cabeças das pobres galinhas do vizinho... Ficamos uns "bambas" no manejo do tal chicote. Mas, sòmente papai é que sabia fazer como o moço da fita: arremessar o "bumerang" que dava uma volta e caia onde êle estava. Nenhum "filho de Mário" conseguia fazer tal.

Balão de duas bocas, de vários tipos: almofada, charuto, avião, pomba, cruz, peixe, etc.; papagáio com rabo ou sem rabo, com roncador, com lanterna para soltar à noite; assombração feita com vela dentro de uma cabaça (porunga) onde eram escavados os buracos oculares, nasal e oral, à moda de caveira e um mundão de cousas, papai é que fazia para nós. E com êle aprendíamos a fazer tudo isso. E os piões ? E as piorras de porunga ?

Vamos descrever algumas cousas que êle antes fazia para os filhos e agora anda fazendo para os netos.

## ESTILINGUE

Sempre o conheci por êste nome. Lembro-me que uns meninos que chegaram doutro Estado, foram morar em Botucatú, chamavam-no de "seta" ou "setra", "baladeira" e "atiradeira".

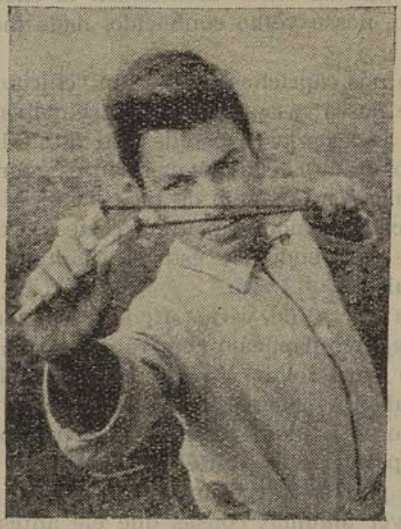
O estilingue é composto de três partes distintas: o gancho ou forquilha (cabo), elástico e a malha.

Papai fazia um estilingue, cujo cabo não era de gancho. Era um pau, em que prendia duas alcinhas de couro, nas quais amarrava o elástico.

A forquilha preferida era de laranjeira, goiabeira ou jaboticabeira. Quando o ângulo da forquilha era muito aberto, papai amarrava-o com arame e levava-a ao fogo para secar, tal qual fazia com as varas para pescar (de bambu cana-do-reino). Depois de seca, estava pronto.

Tirava o arame e o ângulo conservava o desejado tamanho. Nas extremidades das duas hastes da forquilha, fazia um pique para ajustar aí melhor o elástico ou as alças de couro. Pode-se prender o elástico diretamente à madeira. Há quem prefira assim. Nós preferíamos os que possuiam alças de couro onde seria amarrado o elástico.

O elástico usado era de camaras de ar de automóveis. Uma vez riscado a lápis, duas paralelas, tiravamos duas tiras longas, de mais ou menos trinta centímetros de comprimento. A largura nunca superior a um centímetro. O elástico era cuidadosamente cortado com a "tezorôna" da Vovó Olímpia. (Às escondidas, porque o elástico tira o corte da tesoura).



A malha é a parte do couro onde vai o projetil: pedra, mamona verde ou pelota de barro cozido. De vez em quando aparecia uma botina sem "língua". Não era fácil encontrá-la. Lá estava numa das malhas de nossos estilingues. A malha tem forma retangular, medindo mais ou menos dez por três centímetros. Faz-se um pequeno furo nas duas extremidades, onde se prende o elástico. Para amarrar os elásticos, não usavamos barbante, nem linha, pois êstes cortavam-nos logo. Papai nos ensinou a amarrar com elástico. Para isso cortava bem fininha umas tiras. Assim amarrado, tinha-se estilingue para uma porção de tempo.

Às vezes, num dos elásticos, começava um pequeno corte. Era um "dente". Sempre pelo dente é que se partia o elástico. Tínhamos, então, que substituir essa "perna" do estilingue, porque assim chamavamos cada uma das tiras que compunham o par de elástico.

Nossa crendice infantil! O primeiro passarinho que matássemos

com um estilingue novo, deveria dar seu sangue para passarmos no cabo, para que, com êle, não errásemos uma pedrada sequer. Essa crendice não a aprendemos com papai, porém com moleques de nosso tempo. Outra cousa que fazíamos a canivete, era um pique no gancho, para assinalar o número de pássaros que havíamos matado com aquele estilingue. Meu mano Marinho tinha um estilingue, em cujo cabo não havia mais lugar para assinalar, tantos eram os piques. Êstes iam subindo nas hastes da forquilha. Da empunhadura, passavam para os ganchos. O cabo de seu estilingue era um verdadeiro reco-reco... Tinha uma pontaria! Melhor do que a de Assis Brasil no revolver... Eu e Rubem éramos "pixotes"! Um ou dois piques assinalavam nossa empunhadura do estilingue. Levi, Virgílio e Coriolano, tinham boa pontaria, mas "cuéra" mesmo era o Marinho.

## BODOQUE

Uma vara de marmeleiro de boa grossura, ressecada ao fogo, cuja flexibilidade não ficasse prejudicada. Nas extremidades, fazia-se o encaixe para o amarrio da corda. Mais ou menos no centro, metade do arco, deixava-se a madeira afinada, o que lhe dava maior flexibilidade. Tomava-se o cuidado de não tirar a casca da empunhadura. O motivo era o seguinte: aí é que se pegava, então deixava a casca para proteger contra a humanidade da mão. O suor ajuda a tirar a flexibilidade. Outro cuidado que se tomava era passar cera no bodoque para conservá-lo. A cera evita a humidade que lhe rouba a flexibilidade ideal.

A corda era feita de barbante tecido e depois encerado para aumentar-lhe a resistência e durabilidade. Tomava-se o arco e fazia-se a seguinte operação para completar o bodoque: amarrava-se o arco e fazia-se a seguinte operação para completar o bodoque: amarrava-se o barbante numa das extremidades, noutra êle passava sem amarrar, ficando, então, duas cordas bem esticadas e juxtapostas; depois colocavam-se dois pequenos pausinhos, chamados "espeques" para afastar as duas cordas, a uma distância de dois a quatro centímetros. (Os espeques eram envolvidos com barbante mais fino, ficando bem seguros às cordas). Na metade da corda, coincidindo com a empunhadura do arco, fazia-se um trançado, chamado "malha", a qual formava uma redinha de malhas bem pequenas (é aí que que se coloca o projétil que, geralmente, eram pelotas de barro cozido).

Numa das extremidades do arco a corda não é amarrada. Tôdas as vezes que o Bodoque é usado, para guardá-lo, desprende-se a corda afim de que êle não fique "viciado", isto é, arcado, mas se conserve sempre reto.

As pelotas eram feitas de barro especial, saibro, que iamos buscar no Tanquinho. Feitas as pelotas, deixávamos que elas enxugas-

sem à sombra. Eram adrede colocadas sôbre uma fôlha de zinco. Uma vez enxutas, fazíamos fogo de baixo do zinco. Assim obtínhamos pelotas regulares e duras, que eram postas num sapicuá logo que esfriassem. Ali estava a "munição".

Carregávamos também nossa "munição" no bolso da calça. Era Vovó Olímpia que fazia as nossas roupas. Ela muito bondosamente executava o nosso pedido, fazendo as algibeiras das calças tão fundas, que davam para carregar "munição". Eram algibeiras reforçadas, porque na época do jogo de bolinhas, elas ficavam abarrotadas...

Usavamos bodoque para matar ratos no paiol de milho, quando íamos passar férias na fazenda do Vovô Zeca de Souza Nogueira, ou quando íamos caçar coelho (preá) do brejo.

Nas primeiras bodocadas que dei, o projétil não acertou no alvo e sim na unha do meu polegar esquerdo. É por isso que sempre demos preferência ao estilingue... o "dedão" estava protegido...

## FUNDA

Um dos primeiros livros que li foi a Bíblia. Mamãe abriu um dia no capítulo que contava a história de David. Como me fascinou a coragem daquele pastorzinho, que enfrentou o gigante Golias. Pra mim, naquele tempo, o gigante Golias era muito mais alto do que "tio Antônio de Souza", um primo de Vovó, que nós chamávamos de tio (velho costume mineiro) e que media 2 metros de altura... e era muito mais gordo do que o Eduardo Pacheco, outro aparentado nosso, que pesava mais de 150 quilos. David me fascinava! Perguntei a mamãe o que era a funda. Ela me explicou. Foi uma boa explicação. Porém, fazer e manejá-la aprendi com papai. Era uma faixa de 1 metro mais ou menos de algodãosinho crú. Numa das pontas amarrava uma tira que enroscava e segurava entre os dedos desde o médio até o mínimo. A outra extremidade da faixa, a que ficava livre, era presa entre o polegar e o indicador. Feitos os giros necessários, soltava-se a ponta presa entre o "dedão" e o "furabolo", e o projétil saía.

Um dia, quase aconteceu comigo o que sucedeu a Golias. Meu mano Levi, loiro e pequeno como o pastorzinho bíblico, erra a meta e o seixo prostra-me com a cabeça ensanguentada. A minha sorte foi que passou de raspão... Essa pedra — o decreto que proíbiu o uso das fundas aos "filhos do Mário".

## XIPOCA

Estamos falando em "armas"... Havia outra que também usávamos para atirar projéteis. Era a Xipoca. O projétil era inofensivo; pasta de papel molhado. Não causava grande estrago com o seu impacto. O alvo era sempre alguma pessoa. Fazíamos as nossas "guerras" com a xipoca.

Dois grupos. Um ficava distante do outro cêrca de cinco a oito metros. O projétil de uma boa xipoca atinge o dobro de distância. E a da mal feita, não vai além de quatro metros. A munição era um jornal. Levávamos também em nossa "trincheira", uma vasilha com água para molhar o papel. E quando esta faltava, chegávamos até a mascá-lo. As "trincheiras" eram as barras que riscávamos no chão. A "terra de ninguem" era, como dissemos, mais ou menos cinco a oito metros. Só podiamos invadir a trincheira adversária, quando tivessemos acertado maior número de "balaços"... e a munição tivesse acabado.

A xipoca era feita da seguinte maneira. Um canudo de taquara de mais ou menos trinta centímetros de comprimento. O êmbolo feito de madeira resistente e pouco maior do que o tamanho do tubo. Êle devia correr não muito folgadamente dentro do cano.

O preparo da xipoca era feito cuidadosamente, pois do seu per-

feito acabamento resultava o sucesso na "guerra". Quanto maior a pressão, mais distante era lançado o projétil.

Municiávamos assim a xipoca: tomávamos um pedaço de papel, bem amassado e humedecido que, em seguida, era colocado no tubo. Com a vareta (êmbolo) socávamos o papel até atingir a extremidade oposta. (Deve-se socar bem, depois do que colocar nova "bucha" e procura socar de novo. Com a introdução desta bucha o ar no tubo comprime-se, aumentando a pressão). O preparo está pronto. A xipoca está carregada... só falta disparar.

Para lançar o projétil fazia-se da seguinte maneira: com a mão esquerda segurava-se o tubo, com o polegar sôbre o tampão de papel. Encostava-se a vareta apoiada no peito e empurrava-se. No momento que estivesse bem comprimido o ar, tirava-se o polegar esquerdo e o projétil de papel saltava, dando um pequeno estampido. Recomeçava-se então o municiamento...

## PAPAGÁIO

É conhecido por pandorga (Rio Grande do Sul e Sta. Catarina); cafifa, pipa e quadrado noutros Estados. Eu o conheci por papagáio. Para meu filho Marcos farei também papagáios, e ensiná-lo-ei a chamá-lo por êsse nome, que é regional do Estado de São Paulo.

Faziamos de hastes de taquara bem trabalhada. Havia o papagáio simples, feito com duas varetas cruzadas. Ficava quadrado ou retangular. O papagáio "redondo" era feito com três hastes. Era hexago-

nal, mas nós o chamávamos de redondo. Havia também o "estrela", feito com maior número de varetas

Preparadas as hastes, eram amarradas firmemente, passando-se uma linha nas pontas das varetas. Estava pronta a armação. Depois colocava-se o papel de seda. Para que êle ficasse bonito, usavam-se duas ou três cores. As prediletas eram: verde e amarelo. Sempre aprendemos a amar as cores nacionais!

Quando a cola estava seca, dávamos os retoques finais: cabresto e suporte para o rabo.

O cabresto era feito de linha mais resistente (cordonet). Amarravam-se as duas pontas superiores, e a linha mestra saía do centro do papagáio, justamente do ponto de inserção das varetas. O suporte para o rabo era um pedaço de linha, amarrado nas extremidades inferiores, opostas às do cabresto. Pregado o rabo de pano, estava pronto o papagáio.

Esperava-se um ventinho e lá ia o nosso carretel de linha número 24 todo desenrolado. Empinava-se o papagáio. Uma das cousas de que mais gostávamos era de mandar "telegramas" e "carta-recibo". Pequenos pedaços de papel, enfiados na linha. Iamos "tenteando" até que êle chegasse ao cabresto do papagáio, lá nas alturas.

Nossos papagáios não tinham mais de que meio metro de tamanho. Papai fazia uns enormes com um metro e pouco, para soltar à noite, com lanterna no rabo. Era um espetáculo! Uma lanterninha japonesa, pairando tão alto! E naquele tempo julgávamos que estava próxima das estrelas...

Havia um tipo de papagáio sem rabo. Também não tinha linhas ligando as pontas das hastes. Era levíssimo. Uma haste arqueada, ficava mesmo como um arco e corda. Amarrava-se uma outra haste transversalmente. Ficava um quadrado. Colava-se o papel. O cabresto era mais simples. Nos lados, pregava-se papel de seda, preparados como aneis de uma corrente. Com qualqúer ventinho êle era empinado. Era pouco resistente e podia-se usar linha n. 40, mais fina, para soltá-lo.

O tipo comum de papagáio, logo que se começava a empinar, dava "cabeçadas", isto é, desequilibrava-se, tendendo a cair. Logo sabiamos porque isso se dava: era de maior rabo que êle precisava. Emendavamos mais um pedaço de tira de pano e tudo ficava sanado. O papagáio subia sem dar "cabeçadas"...

Outras vezes, no rabo amarrávamos pedaços de lamina de lata. Quando viamos um papagáio, procuravamos empinar o nosso na proximidade, até que se aproximasse do outro no ar. "Tenteando", dando linha ou recolhendo, procuravamos fazer com que o rabo do nosso papagáio se enroscasse na linha do outro. Era um combate. Sempre faziamos assim.

Achavamos indispensável a "maquininha" de recolher linha do

papagáio. Sôbre uma tábua pregávamos duas hastes de mais ou menos um palmo de altura. Entre elas, na metade, introduziamos duas varetas cruzadas, perfuradas por uma manivela. A linha era amarrada numa das pontas do quadrado de madeira (formado pelas varetas cruzadas). Virando-o a manivela, a linha ia enrolando, pois o quadrado ia rodando. Sentavamos no chão, afirmávamos com os pés as pontas da tábua, com a mão esquerda uma das hastes ("virgem") e com a direita o cabo da manivela.

Os jogos infantís sempre aparecem em uma determinada época. Os meninos não pulam sela-corrente o ano todo. É um jogo do inverno. Os papagáios também têm a sua estação. Logo que aparecem os primeiros, pega a moda. Numa determinada estação do ano, jogávamos bolinha de gude, jogo a que davamos o nome de "biróca"; noutra, fazíamos as brincadeiras de "quadrilha", em que tomava parte o nosso bando. Sempre tínhamos conta a ajustar com o "gang" de outro bairro. Nas férias escolares de verão, entretinhamo-nos a caçar passarinhos com gaiola e alçapão. Lá iamos com as gaiolas e as "negaças", varas de visgo, vários tipos de alçapão. Afamado era o alçapão de rêde que papai fazia.

Outros jogos tinham sua época, porém constante era o uso do estilingue. Como era uma "arma", nas algibeiras dos "filhos de Mário" o ano todo eram encontrados pedregulhos e um estilingue.

"Eta molecada terrível!"

"Os filhos de Mário", nunca leram Gibi, nem histórias em quadrinhos, mas souberam aproveitar a infância como bons moleques que foram, usando êsses implementos tradicionais da lúdica da infância brasileira: estilingue, bodoque, funda, xipoca, etc...

S. Paulo, 31 de janeiro de 1951.

---

**A Comissão Catarinense de Folclore precisa da ajuda de todos os catarinenses para que possa preencher as suas elevadas finalidades.**

**Portanto, leitor amigo, coopere para o nosso engrandecimento cultural divulgando os seus conhecimentos sôbre a vida do nosso povo, nas suas horas alegres ou tristes, no trabalho ou no divertimento.**

**Envie o seu trabalho à Comissão Catarinense de Folclore, Rua Esteves Júnior, 138 — Florianópolis.**

## AS POMBINHAS DOS TELHADOS COLONIAIS

**Walter Spalding**

Encontram-se ainda, em velhas residências construidas na época colonial e em algumas do primeiro império, mormente em Santa Catarina e sobretudo na ilha, e na cidade de Florianópolis, certos enfeites, quer nas pontas das cumieiras, quer nos quatro cantos dos beirais dos telhados, — com a forma de "pombinhas" ora em atitude de vôo, ora de repouso.

Julga-se, no geral, que êsses enfeites não passam de remates estéticos, populares. Entretanto tal não acontece. Há, nessas manifestações de arte popular, finalidades de caráter religioso.

As pombinhas são um símbolo usado na Igreja Católica desde os tempos primitivos e a história religiosa está cheia de acontecimentos em que a pombinha, — a bíblica mensageira de Noé, — desempenha papel muito importante.

O padre Ernesto Ferreira em sua obra **Ao Espelho da Tradição** (Ponta Delgada — São Miguel — Açores), relacionou grande número de acontecimentos de caráter religioso em que a pombinha aparece como manifestação especial de cousa extra-terrena.

Não é ela apenas o símbolo do Espírito Santo, mas foi também recomendada pelo Divino Salvador aos discípulos para que a imitassem.

"Animal simples e alegre", diz São Cipriano, a pomba vive ao lado do homem, procura as habitações humanas para seus pousos e aí faz seus ninhos, como verdadeiro símbolo de amor e candura.

Além da participação da pomba no Velho Testamento, na Era Cristã a sua importância cresceu e tanto mais que o próprio Cristo,

como dissemos, a recómenda como digna de imitação, aos discípulos.

Diz-nos o padre Ernesto Ferreira (ob. cit.):

"No primeiro século da Era de Cristo nunca aparece a pomba sosinha nas representações alegóricas, mas juntamente com a cena do Dilúvio universal. A partir do meado do segundo século, empregam-na ora aliada com outras figuras, ora insulada, como emblema da alma justa. Nesta última forma exerce papel brilhante na hagiografia. Quando Santa Júlia, a gloriosa virgem de Cartago, expirou crucificada, com o derradeiro suspiro saiu-lhe da boca uma pomba branca, que voou para o alto. Foi a sua alma cândida que subiu ao céu. Quando Santa Escolástica morreu, São Bento viu, da cela do seu convento, a alma de sua irmã elevar-se nos ares em forma de pomba. Em figura de pomba, ascendeu ao céu em 12 de fevereiro do ano de 304, Santa Eulália, a virgem mártir de Barcelona, vítima do ódio do cruel Daciano. Quatro anos depois, em 10 de dezembro de 308, foi martirizada outra virgem também chamada Eulália, natural de **Emerita Augusta**, capital da Lusitânia. Refere o padre Diogo do Rosário no seu **Flos Sanctorum:** "Gregório de Tours descreve um milagre que a referida Santa cada ano costumava fazer no dia do seu martírio, porque algumas árvores que estavam sôbre seu sepúlcro e o cobriam, não obstante acharem-se despojadas das suas fôlhas, por ser no mês de dezembro, naquele floresciam e produziam umas flores que tinham a figura de pomba e cheiro muito suave; pelas quais, segundo o tempo em que saiam, entendia a gente se o seguinte ano havia de ser próspero ou estéril, e dava graças a Deus por um e suplicava a Santa pelo outro, por que livrasse aquela cidade de calamidades".

Em forma de pomba viu frei Antônio de Lisboa, quando ainda usava a murcia dos cruzios, subir à eterna mansão a alma de um humilde franciscano, na ocasião em que o ínclito taumaturgo português celebrava o incruento sacrifício no seu mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Depois da morte do bispo São Petrônio, foi eleito para lhe suceder seu irmão Marcelo pelo clero e pelo povo. Esta escolha confirmou-a o céu. Durante a cerimônia da consagração, apareceu repentinamente uma pomba, que, voando em volta de Marcelo, o acompanhou até a cadeira episcopal. No dia da sagração de São Maurilo, bispo de Angers, desceu sôbre sua cabeça uma pomba. No dia em que foram martirizados Dionísio, Rústico e Eleutério, cuja festa se celebra a 9 de outubro, três pombas, tendo nos peitos, a letras vermelhas, êstes nomes, poisaram no altar em que dizia missa um santo bispo. Cortada a cabeça de São Quintino, viram os circunstantes a alma do mártir voar para o céu sob a figura de alva pomba. Santa Joana d'Arc foi queimada em Rução em 30 de maio de 1431. A alma desprendeu-se-lhe do corpo sob a forma de pomba".

Depois de citar outros fatos e de referir-se à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade representada por uma pomba e ao batismo de Cristo, no Jordão, onde também a pomba apareceu volitando sôbre a cabeça do Redentor, refere-se o padre Ernesto Ferreira à denominação que Tertuliano deu, no segundo século, à Igreja, ou melhor, aos templos cristãos: **Domus Columbae** — Casa da pomba, casa do Espírito Santo.

Além disso tudo, outros grandes santos e teólogos são representados com pombas ao lado, como São Gregório Magno que, segundo Santo Efrém, sòmente trabalhava em companhia de uma pombinha. E São Fabião foi escolhido papa por uma pomba que se sentou sôbre sua cabeça quando tratavam da eleição para o sucessor na cadeira de São Pedro.

E assim, muitos e muitos outros, em todo o curso da história religiosa, antiga, média e moderna.

Vemos, aí, claramente o simbolismo da pombinha em matéria religiosa. E, como a própria casa de Deus foi denominada "Casa da Pombinha", por Tertuliano, não ficava fora de mão recorrer também a êsse simbolismo cristão para pedir as bençãos do céu para o lar. E a "pombinha" começou a aparecer nos telhados como súplica visível e constante à proteção divina.

Aliás, o ilustre sacerdote que citamos, o padre Ernesto Ferreira, falecido em 1943, nos diz claramente das razões da pombinha simbólica nos telhados:

"Sendo muito viva nos Açores, — declara, — e mormente na Ilha de São Miguel, a devoção do Espírito Santo, de estranhar seria que ao seu culto não andasse associada a pomba simbólica. — Ainda hoje se vêem casas, quer de pobres, quer de ricos, tendo nos ângulos dos telhados remates do feitio de pomba a voar, recortados toscamente em telha pelos pedreiros, ou propositadamente fabricadas nas olarias. A êstes remates, que terminam os beirais em saliencia lanceolada. dá-se vulgarmente o nome de **pombinhas**".

Vem daí, também, a "festa da cumieira" hoje quasi em desuso, e inteiramente abandonada quanto ao simbolismo religioso. Nos Açores ainda a fazem e em São Miguel, diz-nos o citado padre Ernesto Ferreira, "quando está a terminar a construção do této de uma casa, é costume ter hasteada no espigão, durante o dia, a bandeira com a **Pombinha**, de cetim branco, bordada a oiro, e à sua sombra protetora tomam todos os operários uma refeição, em que não falta a **massa sovada** e **vinho de cheiro**, refeição oferecida pelo dono, que assim quere chamar a paz, a felicidade e a abundância sôbre a sua família e sôbre a sua morada".

E, com tudo isso, nos Açores, há, ainda, a FESTA DA POMBINHA celebrada no domingo da Pascoela, sábado anterior e segunda-feira seguinte. A própria semana é denominada "da Pombinha".

Esta festa, em São Miguel, teve origem numa cerimônia religiosa em ação de graças pela cessação de terrível epidemia que grassara em 1673, baseada no fato seguinte que nos relata o padre Ernesto Ferreira:

"Na Matriz da cidade e no altar de São Roque, houve missa cantada em ação de graças e sermão congratulatório. Eis senão quando, entrou, vinda de região ignota, uma pomba que assistiu a êstes atos, poisada, parte do tempo no púlpito e parte no friso de uma capela, e saiu por uma fresta quando acabou a solenidade".

Foi isto justamente na segunda-feira depois do domingo da Pascoela.

À nímia gentileza da Exma. Sra. Dona Lídia Viveiros Leiria, senhora de boa cultura, micaelense de velha estirpe, devemos a gentileza da comunicação do trabalho do padre Ernesto Ferreira e aqui lhe deixamos os nossos agradecimentos, certo de que os estudiosos catarinenses aos quais consagro muito especialmente estas linhas, tenham, afinal, a pura origem das belas e expressivas **pombinhas** que ainda se encontram em muitos telhados de suas casas e oxalá seja reiniciada tão alevantada quanto artística simbologia.

Infelizmente em Pôrto Alegre, Bom Jesus do Triunfo, Taquarí, Rio Pardo e outros povos fundados por açorianos já se não encontra mais dessas delicadas **pombinhas**, expulsas pelo "progresso" dos telhados laicos e chatos ou arrebicados à revolucionária, de nossas casas.

A época materialista cujo início data de meados do século passado, pôs fim a êsse delicioso e delicado simbolismo cristão e transformou, também, o almôço dos operários à sombra da "bandeira da Pombinha", em "festa da cumieira" (que também já não existe, pràticamente), celebrada à sombra de galhos verdes e palmas de coqueiro, como que significando que alí não se irá instalar um lar cristão, mas... um estábulo! Graças a Deus, porém, também o estábulo tem seu simbolismo cristão e os senhores materialistas querendo matar o cristianismo substituiram um símbolo por outro, embora não tradicional em casos tais, mas tradicionalíssimo nas festividades do Natal. E ainda bem que nem tudo se perdeu, graças à ignorância que tem, às vezes, dessas cousas...

**Prezado leitor!**

**Contribua para uma maior divulgação das nossas coisas enviando a sua contribuição à Comissão Catarinense de Folclore — Rua Esteves Júnior, 138 — Florianópolis.**

## O CÁLCULO DOS MÊSES NA IMAGINAÇÃO POPULAR

**Veríssimo de Melo**

A imaginação do povo, em sua sabedoria, não tem limite. Tudo procura explicar e compreender, sempre do modo mais fácil e acessível.

O Folk-lore é o grande repositório dessas formulas singelas, destinadas a fixar os conhecimentos mais variados. Quase sempre a tarefa cabe ao poeta popular, anônimo e sábio, que os condensa em versos e rimas pobres, mas que alcançam o milagre da consagração pública, através os séculos.

Êsses versos e rimas, como dizia, nem sempre são perfeitos. Nem sempre são corretos, harmoniosos. Sendo de todos, sem fronteiras ou limitações, claro é que estarão sujeitos a mutilações e enxertos no espaço e no tempo. Alguma coisa, porém, o conceito fundamental, a espinha dorsal dessas rudes criações desafia os anos, na aceitação e repetição de todos os dias.

Há, por exemplo, uma copla conhecidíssima no Brasil e no estrangeiro, fixando o número dos dias que têm os meses. Geralmente, quando queremos saber se determinado mês é de trinta ou trinta e um dias, sem o auxílio do calendário, ficamos em situação embaraçosa. O poeta popular, que não perde vaza, criou então uns versinhos para guardar essas noções. Observem a identidade das variantes tanto no Brasil como em Portugal, México, França ou Inglaterra.

Em Natal, colhi esta versão, fornecida por meu saudoso pai:

Trinta dias tem setembro,
Abril, junho e novembro.
Fevereiro, vinte e oito;
E os mais que sete são,
Trinta e um todos terão.

Já os pernambucanos, segundo a variante consignada por Pereira da Costa, no "FOLK-LORE PERNAMBUCANO", p. 504, são mais minuciosos. Fazem referência até aos anos bissextos:

"Trinta dias tem setembro,
Abril, junho e novembro.
Fevereiro vinte e oito tem
Se fôr bissexto mais um lhe dêem,
E os mais que sete são,
Trinta e um todos terão".

O mesmo autor, numa nota à margem, cita uma versão portuguesa, que difere da nossa apenas por ser mais sintética:

"Trinta dias tem novembro,
Abril, junho e setembro;
Vinte e oito terá um
E os mais trinta e um".

A variante mexicana, igualmente, não se distancia muito da nossa. Verifica-se apenas a deslocação de vocábulos, dentro dos versos, para efeito de rima no idioma espanhol. Foi divulgada pelo dr. E. Brondo Whitt, no artigo "DEL VIEJO FOLKLORE", publicado no **"Anuario da Sociedad Folk-lorica de Mexico"**, n. II:

"Abril tiene treinta días,
Septiembre, noviembre y junio;
Febrero tiene veintiocho
y los demás treinta y uno".

No livro "NOUVELLES LEÇONS DE FRANÇAIS", de Henri de Lanteuil, encontrei a versão francesa:

"Trente jours ont novembre,
Avril, juin, et septembre:
De vingt-huit il en est un,
Les autres ont trente et un".

A variante inglesa fui colher no compendio de S. Burtin-Vinholes, "ENGLISH CLASS", 1º Year, p. 44:

"Thirty days has September,
April, June and November;
All the rest have thirty-one,
February has twenty-eight alone,
Excepting Leap-Year that's the time
When February's days are twenty-nine".

Do cotejo das versões, observa-se que a fonte dêsses versinhos só pode ter sido uma só, isto é, um poeta anônimo que condensou o cálculo dos meses numa copla. Depois, com o correr dos anos, os versos espalharam-se pelo mundo e tomou as formas que as versões de hoje reproduzem.

De onde veio? Não sei e acredito que ninguém sabe. Quem foi seu autor? Muito menos. A realidade é que ela aí está, no Brasil, em Portugal, no México, na França e na Inglaterra, útil e interessante, divertindo e prestando um serviço ao Homem.

## VALOR EDUCACIONAL DO FOLCLORE

Mariza Lira

Entre os grandes problemas educacionais do nosso tempo avulta de importância a organização dos recreativos infantís.

Durante muitos séculos por influência deletéria da pedagogia medieval a alegria foi exilada das escolas.

Prevalecia então uma concepção de vida eminentemente mistica, que apresentava os sofrimentos como melhor meio de aperfeiçoamento humano.

Admitia-se que, em virtude do pecado original, o homem achava-se na terra para espiar a culpa de seus ancestrais bíblicos.

Partindo dêsse ponto de vista, os pedagogos do passado, condenavam qualquer manifestação lúdica dentro dos muros da escola.

Com o Renascimento surgiram críticas contra essa pedagogia, mas, apesar de tudo, os seus vestígios perduraram até o século passado, quando a escola passou a tolerar algumas manifestações recreativas. Sòmente no dia de hoje, ao calor das doutrinas renovadoras, a recreação infantil adquiriu o devido papel na vida escolar.

A psicologia moderna demonstrou cabalmente que a alegria é uma necessidade para a criança e constitue, mesmo um fator de equilíbrio anímico.

A criança triste ou está doente ou é uma desajustada.

Verificada essa importância do fator recreativo, a pedagogia teve de resolver um problema decisivo: como organizar a recreação infantil na escola ?

A preliminar que se impõe, é conhecer o que vem a ser manifestação recreativa, isto é jogo como costumam dizer os pedagogistas.

Inúmeras são as teorias formuladas para explicar a atividade recreativa.

Para o poeta e filósofo alemão Schiller o jogo não passa de mero excesso de energia acumulada no indivíduo. Êsse ponto de vista foi mais tarde apoiado pelo filosofo inglês Spencer.

Já para o psicologo suisso Karl Gross o brinquedo é uma manifestação puramente instintiva.

Mais original é a teoria de Stanley Hall, psicólogo norte americano que sustenta ser o jogo, nas diversas fases pelas quais passa o homem da infância à idade adulta, uma recapitulação das atividades humanas desde a fase primitiva selvagem, até ao estado civilizado. Teoria da recapitulação.

Para Lord Kames tôda a atividade humana, distribue-se em duas direções: a da necessidade que leva a criatura a trabalhar e a da recreação que a orienta para os jogos e divertimentos.

Apleton vê nos jogos e brinquedos uma manifestação de crescimento orgânico e ao mesmo tempo um treino para a vida.

Bem antiga é a teoria já sustentada por Aristoteles e modernamente apoiada por Karl Gross, Carr e Claperède, que consiste em explicar o jogo e a recreação em geral como uma espécie de "Catharsis", extravasamento de impulsos e recalques, que o homem tem necessidade de dar evasão.

Entretanto a mais moderna de todas as teorias é a que sustentam Elmer Mitchell e Bernard Mason pela qual o jogo é interpretado com a própria expressão humana, atendendo às diferenças individuais de cada um, (self-expression — theory).

É bem possível que cada uma dessas teorias tenha algo de verdade, pois é evidente que êste problema é de tal modo complexo nos seus variados aspectos que exige sòmente uma solução eclética. Mas, o melhor meio de explicar os jogos e brinquedos é classificá-los como a exteriorização de estados dalma.

Reconhecido desta maneira o significado psicológico da atividade recreativa, o pedagogista encontra como material fecundo e admirável para organizar a recreação infantil o riquíssimo espólio conservado no folclore.

É uma contribuição valiosíssima; representa na realidade o resultado de uma experiência tradicional através dos séculos.

E dêste modo inúmeros jogos e brinquedos que eram condenados pela escola antiga, foram em boa hora incorporados às atividades lúdicas da vida escolar moderna.

Embora êsse ponto de vista seja obra da pedagogia moderna, devemos reconhecer que no século passado, por influência educacional francesa já se tinha iniciado entre nós nos recreios escolares o aproveitamento de tradições populares, sôbre tudo das cantigas de rodas.

No século passado, como se sabe, a França exerceu fascínio extraordinário no campo cultural.

Numerosos professores e professoras franceses mantinham educandários entre nós.

Dava-se então à infância e à adolescência brasileira uma educação profundamente afrancesada.

Data dessa época a introdução em nosso folclore infantil de numerosas cantigas de procedência francesa.

É fácil comprovar a nossa asserção relembrando alguns exemplos.

E um dos encantos da pesquisa folclórica é justamente descobrir os elos remotos do tradicionalismo.

Comuníssima em todo o Brasil é a cantiga de roda que todas as nossas crianças conhecem mesmo que em diferentes variantes:

Passa, passa, gavião
Todo mundo passa
As lavadeiras fazem assim,
Assim, assim...

Dessa forma cantam no Rio, mas não em todo o Rio, pois que em alguns suburbios dizem:

Passa, passa, gavião
Todo o mundo é bom

Já em Minas Gerais a variante mais comum foi recolhida por Alexina Magalhães, professora e folclorista mineira. Eis a variante:

Na corda da viola
Todo mundo bate
As lavadeiras fazem assim
Assim, assim.

A versão baiana recolhida por Camargo Guarnière, em Salvador, canta:

Na ponta da viola
Todo mundo faz ai

Já verificamos quanto ao verso inicial as seguintes variantes:

Passa, passa, gavião

---

Na corda da viola

---

Na ponta da viola

---

Lindolfo Gomes, grande mestre de folclore, regista outra variante que principia por esta forma:

Na ponte do gavião

Figueiredo Pimentel, no seu livro "Meus brinquedos", regista est'outra:

A ponte da Vinhaça

O professor Joaquim Ribeiro, no seu livro "Folclore Brasileiro", apresenta uma versão pernambucana na qual a cantiga se inicia da seguinte forma:

Na ponte do violão...

Todas essas versões atestam transformações locais de uma velha ronda europeia, de procedência francesa ou melhor formada na celebre cidade de Avignon.

Vinhaça, gavião, viola, violão, etc., são metamorfoses verbais do vocábulo Avignon.

Também nos Jardins da Infância do Rio, usam:

Na corda da violinha
Todo mundo bate
Os cachorrinhos fazem

e então vem o estribilho imitando o latido do cachorrinho, o miado do gato, enfim as vozes dos vários animais familiares.

Também usam:

Na corda da viola
Todo mundo bate
A Nenenzinha canta assim

ou ri-se assim, ou tosse ou espirra, ou chora, grita, faz birras, salta etc.

Nêsse brinquedo de caráter imitativo quer no jardim do infância, como no curso primário, o que se pretende é despertar a observação da criança.

A ronda francesa tem a seguinte forma:

"Sur le pont d'Avignon
L'on y danse, l'on y danse,
Sur le pont d'Avignon
L'on y danse tout en ronde
Les beaux messieurs font comm'ça
Et puis encor comm'ça

Confirma a procedência francesa não só essas variantes verbais como a temática dramatizante dêsse folguedo infantil.

As crianças quando cantam, fazem movimentos imitativos das tarefas referidas.

A propagação da cantiga de Avignon, não só em França como fora dela, deve-se, sem dúvida, ao fato de Avignon, a cuja ponte se alude na ciranda, ter sido a cidade que serviu de residência ao Papa, durante todo o tempo do seu afastamento de Roma.

É compreensível pois que a fama da cidade papal ultrapassasse as fronteiras da França e se espalhasse pelos países católicos.

A ponte de Avignon possuia em baixo de seus como que terraços relvados, onde o povo vinha cantar e dansar em ronda.

Avignon pela sua fidalguia era uma cidade cheia de fausto e esplendor.

Perpetuada pela tradição através da cantiga, essa ponte sobreviveu a si mesma, pois, é sabido que foi destruida pelas águas em 1.669.

Mas a fôrça invencível da tradição, através dos séculos, rememora nas vozes puras das crianças.

Outra cantiga muito apreciada pelas meninas dos colégios é a "No jardim celeste".

Cantam-na numa espécie de dueto em duas filas, de mãos dadas, avançando e recuando. A primeira fileira convida:

Vamos ao jardim celeste
Giroflê, ô giroflár
Vamos ao jardim celeste
Para lá nos encontrar ?

A segunda fileira indaga:

O que foram lá fazer ?

e continúa tal qual o que cantou a primeira fileira, que responde a seguir:

Colher muitas violetas

Continuando o mesmo estribilho que se segue a pergunta:

Prá que servem as violetas ?

Responde a primeira fileira:

Prá coroar Nossa Senhora

etc., etc., ao que a segunda prossegue na indagação:

Se encontrassem com a Rainha ?

A resposta vem depois do estribilho:

Eu daria os cumprimentos

prosseguindo o estribilho para formar a quadra.

A segunda atinge o climax da indagação:

Se encontrassem com o demônio ?

termina com o giroflê, giroflar, ao que a primeira responde encerrando a questão numa debandada alacre, depois de cantar:

Mostraria minhas cruzes
Giroflê, giroflár etc.

---

Santana Nery, no seu livro "Folclore bresiliène", publicado em París, em 1889, insinua que o nosso Jardim Celeste teve origem no brinquedo francês:

"Savez vous planter les choux
à la mode de chez nous ?

apresentando uma versão francesa entremeada de português:

Ó Madame voulez vous danser
Á la mode des français ?
**Ao fechar** da contredanse
Á la mode de la France

Eu discordo completamente. É que em minhas pesquizas cheguei à conclusão que essa cantiga nada mais é que um dueto talvez transfigurado, mas em que persistiu o refrão Giroflê, Giroflár de uma opereta cômica com êste nome, de autoria de Leterrier et Vanloo com música de Charles Lecocq, que fêz muito sucesso em París, desde a estréia em 1874.

A música com certeza sofreu adulteração e baseam essa afirmativa numa corrigenda que um velho professor francês da fazenda de um dos meus tios pretendeu fazer da toada dessa cantiga que eu, minhas primas e as amiguinhas cantávamos numa noite de luar.

O próprio têma da cantiga brasileira que se refere ao Jardim Celeste identifica-se com o estribilho Giroflê, que significa nome de uma planta européia — goivo.

Outra cantiga popularíssima entre nossos colegiais é a "Meu castelo é tão belo" ou "O meu bel castel".

Essa cantiga também cantada, pelo menos no Rio em dueto por crianças formando uma roda grande e duas formando uma roda pequena.

Começa a cantiga como uma espécie de desafio e
Dizem as da roda pequena:

"Meu castelo é tão belo
Matutiro ó tiro lá.

Respondem as da roda grande:

Mas o meu inda é melhor
Matutiro tiro lá.

Pedem as da roda pequena

"Dai-me uma de vossas filhas

Ao que as outras respondem:

"Escolhei a qual quizerdes.

Segue-se a escolha pelo nome com o designativo explícito Mademoiselle Fulana.

A concessão só é dada depois de escolhido e aceito o ofício dado a ela.

Essa lenga lenga sempre acompanhada do "Matutiro tiro lá" só termina quando tôdas as meninas houverem passado de uma para outra roda.

Essa cantiga infantil possue numerosas variantes sobretudo no estribilho.

Em algumas versões se diz "Matutiro tiro lá".

N'outras variantes surgem as seguintes formas:

"Matatira tire e rão"

ou:

Batatinha derôro

ou mais esta:

Batatinha de lelô

ou ainda:

Batatinha de grelô

Êste estribilho naturalmente está ligado ao Tero-lero do século XVII, em Portugal, conforme se encontra no auto do "Fidalgo aprendiz", de Dom Francisco Manuel, que diz assim:

Sabes o sapateado?
O tero-lero, o violão,
O Machadinh?

de onde se tranportou para o "tiro-liro li" e "tiro-liro-lá" de várias canções regionais folcloricas de Portugal.

E ainda hoje na giria carioca a expressão infantil foi aproveitada no modismo que se ouve comumente: isto é lero-lero.

Ora analizando a cantiga aqui registrada do ponto de vista comparativo, já o professor João Ribeiro, no livro "O Folclore", apontava a versão francesa:

Ah, mon beau chateau
Ma tant tire, lire, lire...
Le motre est plús beau
Ma tant tire, lire, lire

Nesta cantiga a temática é uma sobrevivencia de velhos costumes medievais: o pedido de casamento passado num castelo, o emissário, a solicitação, as recusas, os conchavos e o acôrdo final.

Mais uma vez se comprova que no folclore infantil ha muita sobrevivencia das usanças antigas.

Outra ronda popular entre as crianças brasileiras, na qual aparece o mesmo tema do pedido casamento, é a:

Eu sou pobre, pobre, pobre.

Não se discute a procedência.

A cantiga é de origem francesa e tem a seguinte forma:

Je suis pauvre, pauvre, pauvre
Je m'en vais, m'en vais, m'en vais
Je suis pauvre, pauvre, pauvre
Je m'eu vai d'ici

As nossas crianças ou quem lhas ensinou a cantiga traduziram o primeiro e o terceiro verso, mas deformaram o segundo e o quarto com certeza com a preocupação de conservar os sons.

Em Minas, Alexina Magalhães recolheu uma versão dessa cantiga tal como se canta ali, mas com os versos todos traduzidos:

Eu sou pobre, pobre, pobre
Vou-me embora, vou embora

Uma outra cantiga de roda, talvez de origem francesa, por basear-se numa lenda europeia popularizada na França por meio da canção "Malborough — s'en va-t'en guerre" e, que nos chegou depois de aclimada no tradicionalismo portuguez, é a conhecidíssima Senhora Dona Sancha.

Assim cantam as crianças e nas suas cantigas não sabem que perpetuam temas seculares.

E já constitue uma tradição entre nós, o aproveitamento do folclore na recreação escolar.

Não há dúvida entretanto que a amplitude desse aproveitamento é obra exclusivamente da pedagogia moderna.

Já não se restringe apenas às cantigas e às rondas infantís.

Uma multidão de folguedos, danças, jogos e advinhas e de outras diversões têm sido utilizadas nessa obra educacional.

---

A vida recreativa da criança e até mesmo do adolescente enriquecida com esses documentos tradicionais, exige contudo perícia na seleção dos mesmos.

Nem todas as tradições infantís oferecem interêsse educativo. Cabe ao pedagogista examinar êsses materiais folclóricos e expurgá-los de tudo aquilo que atente contra uma diversão sadia e satisfatória.

O texto folclórico deve ser cuidadosamente revisto, sem todavia prejudicar a índole popular e tradicional.

Um dos cuidados deve ser o exame da linguagem. Asssim por exemplo:

É comum ouvirmos as crianças cantarem.

Um dois três
Quatro cinco seis
Sete oito nove
**Param** doze
Faltam três

A professora deve mostrar o êrro, corrigindo. Êsse êrro deve ser alterado, pois, é simples correção. Mas não é lícito retirar dêsses textos populares os regionalismos que devem ser rigorosamente respeitados.

E porque respeitar êsses regionalismos ?

A resposta é elucidativa. O regionalismo verbal é fator de ajustamento da criança ao seu meio ambiente.

Representa até um elemento valioso de socialização que não deve ser despresado.

Outra função educativa do folclore recreativo infantil é garantir ao sentimento da criança um conjunto de valores nacionalistas.

A infância encontra no folclore um laço que à liga à própria tradição da pátria.

E não é apenas isso. Além da estruturação da criança à região e à pátria, o folclore representa poderoso elo humano, pois quasi sempre retrata, através da sua singeleza, constantemente a identidade do espírito humano.

Tem, pois, o folclore uma admirável analogia com o sentimento democrático da fraternidade universal.

Creio, minhas senhoras e meus senhores, que não podia ser mais grandiosa a finalidade do folclore na grande obra educativa, que tornará a criança de hoje no homem laborioso, justo e patriota de amanhã.

---

Antes de terminar, permitam-me uma observação de mulher. Uma coisa que sempre me despertou curiosidade foi a ausência de nomes femininos nas comissões estaduais de folclore.

Neste caso, está o Estado de Santa Catarina. Eu não acredito, absolutamente, que não haja nesta terra tão acolhedora mulheres aptas para os estudos folcloricos.

O que há, tenho quasi que a certeza, é acanhamento, é modéstia, talvez, ouso dizer, falta de coragem para se arrojarem a tais estudos, naturalmente bastante penosos.

Mas, no campo de folclore, a não ser no setor do folclore secreto ainda pouco estudado, não há inconveniente e nada que atente contra a moral feminina.

Há até problemas que podem ser estudados melhormente pela observação meticulosa e sensível da mulher.

É o caso das rendas catarinenses.

Com um pouco de treino de pesquizas somado a uma leitura apurada dos livros básicos de folclore, estou certa de que qualquer catarinense culta seria capaz de realizá-lo.

Agradeço emocionada a honra desta incumbencia, mas para provar que o trabalho não é transcendente, associo-lhe nomes de várias figuras femininas desta linda terra.

Estando perfeitamente convencida de que a Sub-Comissão Estadual de Santa Catarina tem o dever inadiavel de incluir a mulher catarinense em seus trabalhos, entrego ao Dr. Osvaldo Cabral a missão de eleger um nome representativo da cultura feminina de Santa Catarina para com as suas realizações aumentar o prestígio dêste próspero Estado sulino e honrar as tradições do Brasil.

COLABORE COM A COMISSÃO. ENVIE-LHE AS SUAS OBSERVAÇÕES.

A SUA COLABORAÇÃO SERÁ PUBLICADA NO BOLETIM SEGUINTE SE CHEGAR A TEMPO.

## ROMANCEIRO DO PADRE CÍCERO

**Eduardo Campos** (do Ceará)

Dentro de mais alguns anos, inevitàvelmente, o romanceiro do Padre Cícero Romão Batista, "post-mortem", estará formando uma bibliografia de várias dezenas de pequenos folhetos. Não é exagero de nossa parte falar assim, quando sabemos ser do conhecimento daqueles que se dedicam a tais estudos, a maneira sincera, profundamente humana do homem rude do campo adorar pessoas que em vida fizeram caridade, se destacando em supostos milagres.

Padre Cícero Romão Batista foi uma das grandes figuras do Ceará. O venerando sacerdote, entre político enérgico e padre caridoso que era, pouco a pouco foi assegurando a Juazeiro do Norte sua independência municipal. E durante o longo tempo que viveu, praticando boas obras, protegendo os pobres, foi conquistando a amizade dos romeiros e provocando para Juazeiro do Norte um surto de progresso até então nunca experimentado.

Morto, seu nome ficou mais vivo ainda na voz dos cantadores, nos versos humildes dos historiadores do sertão, nas conversas de seus coevos. E sua morte marcou o início de um dos romanceiros mais significativos que tivemos ensejo de conhecer no Brasil, nestes últimos tempos. Juazeiro, atualmente, alguém já disse, pouco tem do Padre Cícero. Talvez haja razão de sobra nessas palavras. Mas convem que se diga: fenômenos como êsse do patriarca do Juazeiro do Norte, depois de sua ação, ficam influenciando o povo mais humilde, aos que ainda hoje não se cansam de fazer orações ao meu "padim Ciço".

Padre Cícero agora cresce na admiração do povo. Agiganta-se. Os "historiadores" do sertão contam seus milagres, contam sua vida, apregoam sua existência eivada de boas obras de caridade. E o padre cresce para a categoria de um legítimo santo. Nos folhetos da literatura de cordel, que trazem as assinaturas de João Ferreira Lima, José Bernardo Silva, João de Cristo-Rei, poetas populares, gente do povo, está bem modelado o espírito com que o sertão encara a vida e a obra do Padre Cícero Romão Batista.

Neste trabalho vamos nos ocupar de um dos três livros da chamada literatura de cordel, de autoria de José Bernardo da Silva, cuja grafia e maneira de se expressar respeitamos.

Intitulam-se os trabalhos: "A prantiada morte do Padre Cícero R. Batista", "O Cruzeiro do Horto" e "Aviso do Padre Cícero", com sub-títulos: "Para despertar os cuidados e converter os pecadores". Essas edições são em duas cores, impressas na própria cidade de Juazeiro.

O "historiador" do Carirí, com sua maneira simples de interpretar e narrar a "prantiada morte do padre Cícero", logo no início do seu trabalho, afirma que o patriarca cegou para não ver os usos do "hoje presente". E conta aquela história já sabida do tratamento de sua vista, mas com particularidades tão interessantes que surpreendem o leitor e nas quais sobrelevam alguns verdadeiros achados de poesia. Vejamos como exemplo os versos que se seguem:

"Corria o vocal na rua
Um dia: vai, outro: não vai
Diz um é bom ir, outro diz: não
Até que êle não foi mais
Mas a surpresa anda alerta
De vez em quando penetra
Com seus gestos acidentados"...

E depois, conta a recomendação que o padre fez aos romeiros, ordenando que todos pedissem à Virgem das Dores os defendesse da peste e "quando o homem chegasse" (o médico) não esperasse ordens suas, pois nada mais tinha a dizer.

Versos adiante, o historiador volta a defender o seu ponto de vista, fazendo nas palavras do próprio padre, que teria dito:

"Porque minha doença
Médico algum dará geito
nem os santos milagrosos
Não tirariam proveito
Tiravam os pais de família
se obrigassem as filhas
terem vergonha e respeito"...

Pelo que se leu, o leitor menos avisado poderá perfeitamente entender que Juazeiro do Norte, na época, era uma cidade onde imperava a devassidão, onde havia a grande miséria da imoralidade pública. Mas nada disso. Juazeiro era uma cidade digna de respeito.

Mas... aquí se revela uma das características do povo humilde do sertão. O sertanejo julga suas infelicidades como provenientes da irresponsabilidade dos pecadores que vivem sobre a terra esquecidos das palavras de Deus.

A história que se lê nesta literatura popular, em sua linguagem às vezes docemente saborosa, serve como contribuição para um estudo mais detido sobre o Padre Cícero Romão Batista. Todos os pormenores vão nesses folhetos contados maravilhosamente, com certo engenho e muita graça. Bernardo da Silva não esquece a dieta a que esteve submetido seu padrinho, a cólica que o atormentava, deixando-o irascível muitas vezes, não esquecendo também de ocupar-se do purgante que fizeram o padre tomar. É a esse respeito que o "historiador" popular diz:

Deram-lhe logo um purgante
Porem de nada serviu
antes, tornou pior
pois até lhe impediu (1)
E nisto houve desfalque
e logo lhe deu um ataque
Por grande dor que sentiu

Os assistentes presentes
ficaram muito veixados
esgotaram todos os meios
que tem um home estudado
vendo debalde recursos
romperam alí em soluços
bastante contrariados

lhe deram três engeções
mais ele não melhorou
depois um copo de leite
que ele a metade tomou
com a fraqueza também
o leite não lhe fez bem
que ele até vomitou".

Nos versos que se seguem, o "historiador" escreve com desespero vendo o padre morrer... Salta-lhe a dúvida: então êle não seria também pecador? Não teria provocado a morte do padre? E se expressa com toda a sinceridade:

"Foi aquela tirania
que os romeiros obrei
foi santos que vendí caro
E muitas vêzes forcei
foi dedos machucados
dos teus romeiros estimados
que muitas vêzes machuquei

Foi defumar vossa face
foi eu não lhe respeitar
foi boiar corretor (2)
para os romeiros enganar
não respeito às donzelas
que me deste e eu a elas
não lhe fiz por respeitar"...

(1) — "Pois até lhe impediu"... o autor quis dizer que o padre ficou impossibilitado em suas funções fisiológicas.
(2) — "Boiar corretor"... no sentido de reunir, de chamar. Diz-se: aboiar, i, é. chamar o gado ao curral.

Mas nesta acusação há muito de exagero, já se vê. O que se fazia em Juazeiro do Norte era do conhecimento do Padre. Os santos em postal, que se vendia, eram bentos por ele próprio... e nisto não reside falta alguma. E era difícil se "boiar", como afirma o "historiador", romeiros, porque eles não iam para Juazeiro a convite de quem quer que fosse, mas, simplesmente, pela fama dos milagres do padre Romão Batista. O resto era natural e decorria das condições do lugar onde se reuniam comerciantes desonestos, trapaceando, iludindo os incautos...

O trabalho de Bernardo da Silva parece-nos ser um dos primeiros escritos logo após o passamento do padre. Por isso mesmo o autor, nos versos finais, deixa transparecer o seu estado de espírito.

"Não findei o trabalho
porque estou perturbado
Mas ainda vou terminar
onde ele está sepultado
onde a terra não consome (3)
quem imortalizou o seu nome
eterno condecorado".

O nome do padre Cícero continua bem vivo no meio dos sertanejos. E isso se deve, agora, em grande parte, a êsse ciclo-post-mortem do seu romanceiro popular que vai tomando vulto, dia a dia. Em outro folheto, José Bernardo da Silva conta uma visão que teve do padre, na qual ele traça as diretrizes para a salvação dos romeiros, dizendo, entre outras cousas:

"Ou a reforma da vida
ou o povo é caturado
ou disaparece o uso
ou o mundo é devorado
ou o tesouro no céu
ou a cadeira do réu
no fogo almadiçoado".

Pretendemos fazer, em futuro próximo, um estudo pormenorizado do romanceiro de que falamos acima. Muita cousa se poderá revelar, principalmente agora, em relação àquelas que vivem em Juazeiro do Norte e aos que para lá se deslocam em visita ao túmulo do venerando padre.

(3) — "Onde a terra não consome"... O "historiador" espera que o corpo do padre não sofra putrefação. Só assim êle será realmente um verdadeiro santo.

# NOTICIÁRIO

## CENTRO DE PESQUISAS DE LAJES

Por telegrama recebido pelo dr. Oswaldo R. Cabral, Secretário-Geral da Comissão Catarinense de Folclore, fomos cientificados da fundação de um centro de pesquisas folclóricas na cidade de Lages.

A reunião de fundação foi presidida pelo Prof. Dr. Osni Régis, prefeito municipal, e grande propugnador pelo desenvolvimento cultural daquela rica comuna catarinense, e realizou-se a 29 de abril p. p.

Na sua instalação foram aclamados Secretário e Sub-Secretário do Centro de Pesquisas Folclóricas, respectivamente, o Prof. Walter Dachs e Guido Wilmar Sassi.

Daqui auguramos ao novo núcleo de folcloristas conterrâneos imensas felicidades pelo crescente desvendamento da demopsicologia catarinense.

## AUXÍLIOS À NOSSA COMISSÃO

A Comissão Catarinense de Folclore dirigiu um apêlo às Prefeituras Municipais, solicitando, para sua manutenção e aparelhamento, um auxílio pecuniário, variável de acôrdo com as possibilidades financeiras de cada uma.

Até o presente momento atenderam:

**Jaraguá do Sul** — com duzentos cruzeiros mensais, correspondente ao mês de abril p. p.

**Indaial** — quatrocentos cruzeiros correspondente aos quatro primeiros meses do corrente ano.

**Concórdia** — seiscentos cruzeiros correspondente ao ano em curso.

Somos gratos aos Exmos. Prefeitos Municipais que tão bem compreenderam a obra cultural que procuramos realizar.

Os Srs. Prefeitos de Rio do Sul, Campo Alegre, Chapecó, São Francisco do Sul Biguaçú e Criciúma, ficaram de enviar o nosso apêlo às respectivas Câmaras Municipais afim-de ser votado o necessário crédito, esperando a Comissão que os Srs Vereadores, compreendendo também o alcance dos nossos serviços, se associem, pelo voto favorável, à iniciativa de amparar com pequeno auxílio mensal, indispensável, esta Comissão.

Até a presente data não recebemos

qualquer resposta dos Municípios de Blumenau, Bom Retiro, Caçador, Campos Novos, Canoinhas, Ibirama, Itajaí, Joaçaba, Joinvile, Laguna, Lages, Mafra, Nova-Trento, Orleães, Palhoça, Pôrto-União, Pôrto-Belo, São Bento, São Joaquim, São José, Tijucas, Tubarão, Urussanga, Videira, Tangará, Piratuba, Capinzal, Taió, Guaramirim, Araquarí, Camboriú, Gaspar, Imaruí, Italópolis, Ituporanga, Jaguaruna, Rodeio e Turvo.

Nos negaram o auxílio pleiteado os Municípios de Araranguá, Brusque e Timbó.

Aos que bem compreenderam o nosso apêlo e a obra cultural que empreendemos e que tem, bem alto, elevado o nome de Santa Catarina e do Brasil os nossos sinceros agradecimentos.

## CLUBE INTERNACIONAL DE FOLK-LORE

Veríssimo de Melo

Está em período de organização, por iniciativa nossa e com o apôio, desde a primeira hora, de Luis da Camara Cascudo e Tobias Rosemberg, o CLUBE INTERNACIONAL DE FOLK-LORE, sociedade destinada a promover um maior intercambio de livros, revistas, peças etnográficas, consultas e cartas entre folcloristas de todo o mundo.

É o primeiro clube de folk-lore, de carater essencialmente internacional, que se procura instituir. Naturalmente, muitas sociedades de folk-lore americanas e européias, em certo sentido, já vinham cumprindo parte do programa do clube. Mas, o crescente entusiasmo pelos estudos das tradições populares em todos os países aconselhava a que se fundasse uma sociedade de carater mais amplo, regulamentando esse problema de intercambio entre folcloristas e criando novas possibilidades para o incremento na troca de livros e publicações da especialidade, que consideramos indispensáveis para os trabalhos dessa natureza.

O folk-lore — como o definiu expressivamente Saintyves — é a ciencia que "estuda a cultura material e intelectual nas classes populares dos países civilizados". E quem quer que se inicie nesses estudos verificará desde logo um fenômeno curioso: As manifestações folclóricas são universais. Nada em folk-lore é exclusivo dêste ou daquele povo. Tudo é universal, porque, sendo o folk-lore uma ciencia viva e em constante recriação e adaptação, o que hoje surge no populário brasileiro, de características marcadamente nacionais, amanhã se espalhará no mundo e se incorporá ao folk-lore de todos os povos. Desta forma, como estudar bem, em suas origens e evolução os fatos folclóricos, sem o conhecimento de livros e trabalhos estrangeiros? Quantas manifestações do populário brasileiro já não se esclareceram para nos através a leitura de obras de outros países.

É indiscutível a importância do intercâmbio internacional de livros para os nossos estudos.

O CLUB INTERNACIONAL DE FOLK-LORE, por intermédio do seu eminente CONSELHO DIRETOR, para o qual foram escolhidos nomes de alta projeção internacional, como Luis da Camara Cascudo, (Brasil); Prof. Stith Thompson, (EE. UU); Prof. Raffaele Corso, (Itália) :dr. Vicente Garcia de Diego, (Espanha); Dr. Augusto Cesar Pires de Lima, (Portugal): dr. Juan Alfonso Carrizo, (Argentina); e dr. Alfredo Metraux, (França); e da ação continuada e fecunda dos seus DELEGADOS DE PAISES, escolhidos todos entre folcloristas de renome firmado; e finalmente pelo seu ilustre quadro social, tem efetivamente um alto serviço a desenvolver no prestígio aos estudos desse ramo da antropologia cultural.

As NORMAS PROVISORIAS do Club, feitas em colaboração com o ativo delegado argentino dr. Tobias Rosemberg, vigorarão até que um comité internacional de socios possa debater e organizar os ESTATUTOS definitivos, a serem aprovados pelo Conselho Diretor. Muitas lacunas que as NORMAS apresentarão, pela complexidade de seu carater universal, serão preenchidas oportunamente por ocasião da redação final dos ESTATUTOS. Assim nos parece mais lógico e adequado do que procurar impôr, desde logo uns Estatutos ao Clube. Por outra parte, eles terão a colabo-

ração preciosa de todos os delegados, conselheiros e socios que o desejem. O presidente do club, a ser eleito logo estejam filiados à nossa organização 15 ou mais nações, entre os delegados de paises, terá o papel de autoridade centralizadora e a ele competirá a expedição de diplomas e publicação de um boletim anual, contendo todos os endereços dos socios e relação de livros da nossa especialidade publicados nos diferentes paises.

Resta proclamar que as possibilidades do CLUB INTERNACIONAL DE FOLK-LORE são infinitas. Inúmeras e valiosas amizades iremos fazer com o seu desdobramento. E o êxito de nossa idéia dependerá exclusivamente de nós, socios do Club, corresponder à expectativa e cumprir fielmente as normas estabelecidas, servindo aos companheiros, temos certeza de que conquistaremos um marco sem precedente na história da jovem ciência.

E' animado, portanto, dos melhores propósitos de entendimento e ajuda mutuos que lançamos aqui em veemente apelo a todos os membros do CLUB INTERNACIONAL DE FOLK-LORE, para que colaborem decididamente conosco, absolutamente convictos de que estarão servindo a si proprio, em particular, mas, principalmente, a sua Pátria e à gloria da ciencia em todo o mundo.

Diario de Natal, 29-1-1951.

## PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

A Comissão Catarinense de Folclore de que é Secretário Geral, o dr. Oswaldo R. Cabral vem de receber da Comissão Nacional, para divulgação em Sta. Catarina o temário adotado para o Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. A Comissão Organizadora do Congresso, segundo oficio enviado ficou assim constituída. Presidente — Renato Almeida; Vice-Presidente — Basilio de Magalhães, Gilberto Freyre, Lindolfo Gomes e Luiz da Camara Cascudo; Secretário Geral — Cecilia Meireles; Secretário Geral Adjunto: Nobrega da Cunha; Tesoureiro: Manuel Diegues Junior; Membros: Alceu Maynard Araujo; Fausto Teixeira, Fernando Correa de Azevedo, José Calazans, José Maria de Melo, Mariza Lira, Pedro Gouveia Filho, Veríssimo de Melo, Waldemar de Oliveira e Walter Spalding.

O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura convocou para 22 de agosto do ano corrente, o I Congresso Brasileiro de Folclore, por sugestão da sua comissão de Folclore, a quem a idéia foi proposta pela Comissão Baiana de Folclore, onde a levou o sr. José Calazans. O Congresso comemorará o centenário do nascimento dos folcloristas brasileiros Silvio Romero, Vale Cabral, Pereira da Costa e Manuel Querino.

A Comissão Nacional de Folclore organizou o seu temário com a seguinte justificação:

"O I Congresso Brasileiro de Folclore tem como objetivo fixar os elementos essenciais de pesquisa científica do folclore em nosso país, de modo a permitir em consequência, sua analise, interpretação e comparação. Para tanto é mister a maior coleta de material folclorico, afim de tornar possivel caracterizar não somente seus aspectos regionais como também seus valores tradicionais e as linhas de sua evolução. Cabe, pois, ao Congresso como sua principal atividade, o exame e apreciação de teses que, informando e expondo os assuntos escolhidos pelo respectivo autor, visem a estabelecer conceitos, planos ou analisar, ou ainda sugerir elementos de pesquisa. Para êsse fim as contribuições a serem apresentadas, em forma de teses ou de memorias, deverão enquadrar-se numa das secções do temário, a seguir anunciado especificando-se, dentro de cada assunto geral e para fins de exemplificação, aspectos particulares que merecem ser apreciados".

O temário é o seguinte:

**I — Parte geral: Nomenclatura:** fixação da terminologia e dos nomes das espécies nas manifestações folcloricas; os motivos e as respectivas determinantes de generos.

**2 — Pesquizas e registro:** — Organização de inqueritos; planos de investigação e de estudo; conceituação e fixação de origens; tipos de inqueritos gerais ou especificos; como e porque meios realizar os inqueritos; depoimentos pessoais e narrativas de autores antigos; processos

de documentação; fichamento e arquivamento; processos conhecidos ou que devam ser adotados; museus, exposições, etc.

3 — **Classificação:** Classificação do folclore em geral, e, sobretudo, do folclore brasileiro; divisão das espécies folclóricas; divisões específicas ou particulares de contos, de dansas, de música, etc.; tipos de classificação; regional, por espécie por motivo determinante, etc.; estudos comparativos; evolução dos generos.

— 4 **Divulgação e intercambio:** Processos de divulgação e de intercambio de trabalhos, de pesquisas e de material; relações nacionais e internacionais; bibliografia brasileira; organização de uma Biblioteca Folclórica; tradução de obras universais básicas; divulgação por intermedio do rádio, do disco e do cinema.

II — **Parte especializada. Poesia popular:** Coleta de poesia popular e registo da linguagem: ciclos tematicos; cantadores populares; desafios e cantorias; generos ou "regras" da cantoria; formas de poesia popular (mnemonica), ABC, Pelo Sinal, xácaras, loas, motes, etc; romanceiro; cancioneiro; a poesia na literatura de cordel.

6 — **Novelistica popular:** — Contos, mitos e lendas; tradições; fábulas; anedotário; origens e evolução dos respectivos; coleta e registo das pesquisas; estudos comparativos.

7 — **Crendices e superticões:** Medicina popular; orações, benzeduras e curas; curandeiros; origens e interpretação das crendices; bruxedos; superstições populares; dias aziagos, tabús, abusões, amuletos e ex-votos. Formas populares de religiões, etc.

8 — **Adagiário e adivinhas:** Formação e irradiação dos adagios, proverbios ou ditados populares; fórmulas conhecidas, material existente e a ser pesquisado; classificação e analise.

9 — **Artes populares:** Ergologia; artes populares, artezanato e industrialização: pintura, arquitetura, esculturas populares; trabalhos de ceramica, de palha, etc.; rendas, indumentaria, culinaria; significação, objetivos e fins das artes populares.

10 — **Música e dansas populares:** Pesquisa (processos, metodos, técnica de transcrição de fonogramas, notação musical), estudo das caracteristicas da música popular brasileira; instrumentos e conjuntos; caracterização do que é folclorico na música brasileira, generos vocais e instrumentais, coreografia popular.

11 — **Demonstrações folcloricas:** Folguedos populares nas diversas regiões ou áreas do país, forma e época de apresentação; entrecho, musica, coreografia, figuras; indumentaria e implementos, etc; descrição e documentação; estudos comparativos; cooperação dos poderes públicos; teatro folclorico; festividades populares.

III — **Folclores aplicados. Folclore e educação:** Importancia do folclore na educação; estado atual do problema (Recomendações da Comissão Nacional de Folclore aprovadas pelo Seminario Internacional de Alfabetização e Educação de Adultos, Doc. 133, de 14.9. 49 e Sugestões brasileiras à V Assembléia Geral da UNESCO Doc. 178, de 1. 4. 50); ensino do folclore nos diversos graus (primário, secundario e superior); didatica folclorica; motivos folcloricos locais como centro de interesse no ensino; utilização de material folclorico (literatura infantil, cantos, dansas, musicas, etc). . ..

13 — **Folclore e Arte:** Influência dos motivos folcloricos nas artes plasticas e na musica; aproveitamento de temas folcloricos no teatro, no cinema, no rádio, etc; dansas de inspiração folclorica; relações entre os motivos populares e a arte erudita.

14 — **Folclore e literatura:** Temas ou motivos folcloricos aproveitados em literatura; romances, contos, poesias regionais; anotação e interpretação de literatura regionalista; papel e importancia dessa literatura; estudo da linguagem popular.

15 — **Folclore e Economia::** Proteção ao folclore como fonte de produção economica.

## EM PLENA ATIVIDADE OS FOLCLORISTAS CATARINENSES

A Comissão Catarinense de Folclore, orientada pelo dr. Osvaldo R. Cabral, consagrado historiador e homem de letras conterraneo, muito tem feito em pról da nossa cultura. Haja visto o seu "Boletim Trimestral" já no sétimo numero e que bem atesta a nossa afirmativa.

Seguindo o programa que fôra traçado para êste ano — de muitas atividades folclóricas, pois, todos os que se dedicam aos estudos demológicos se preparam para o 1º Congresso Brasileiro de Folclore, a realizar-se em agôsto vindouro na Capital da República — já realizou o dr. Osvaldo R. Cabral, entendimentos vários para a fundação de centros de pesquisas folclóricas em estabelecimentos de ensino desta capital e do interior do Estado.

Assim, em dias do mês passado efetuou, no salão nobre do Colégio Catarinense, com a presença dos srs. Pe. Alvino B. Braun S. J. e Jornalista Walter Piazza, uma palestra, à convite do Grêmio Cultural "Padre Schrader" sôbre o interêsse do folclore na educação e a matéria que abrange.

Ante-ontem, no Colégio "Coração de Jesus", a convite do Clube de Sociologia daquele educandário contando com a presença da revda. Irmã Marilza, diretora do estabelecimento; do padre Frei Capelão, do prof. João dos Santos Areão, lente de Sociologia daquela casa e membro da Comissão Catarinense de Folclore, bem como do jornalista Walter F. Piazza, nosso confrade, redator do "Boletim Trimestral" e tesoureiro da Comissão de Folclore realizou outra reunião.

O conferencista expôs as finalidades da palestra e, durante uma hora, falou sôbre os mais variados campos para a pesquisa folclórica, sempre, entremeando a sua oração com aquele "sense of humour" que lhe é peculiar e, dessa forma, cativando o auditório.

Ao terminar foi vibrantemente aplaudido.

Com a direção do estabelecimento, com a diretoria do Clube de Sociologia e com o prof. João dos Santos Areão foi acertada a instalação do Centro de Pesquisas Folclóricas naquele modelar educandário que muito honra o nosso Estado.

Reuniões como essa demonstram a grande vitalidade da Comissão Catarinense de Folclore, superiormente orientada pelo dr. Osvaldo R. Cabral.

(De "A Gazeta", de Florianópolis, 21-4-1951).

## 6º CONCURSO DE MONOGRAFIAS FOLCLÓRICAS

Como nos anos anteriores o Departamento de Cultura de São Paulo programou para o corrente um Concurso de Monografias Folclóricas.

Está êle aberto até 31 de outubro vindouro.

Obedece as seguintes normas:

1 — As monografias versarão sôbre qualquer aspecto do folclore nacional. Deverão ser inéditas, originais e na língua do país.

2 — Sòmente serão levadas em consideração as monografias que representarem o resultado de pesquisas pessoais, feitas pelos autores em campo.

Entretanto, poderão ser aceitos, a título excepcional e de acôrdo com a deliberação do júri, trabalhos que, embora não satisfazendo essa exigência, revelem pontos de vista originais na interpretação de dados obtidos em livros sôbre o folclore brasileiro.

3 — As obras apresentadas a concurso deverão ter o mínimo de 30 (trinta) páginas em formato papel ofício, datilografadas de um só lado, com dois espaços, em três vias.

4 — Os autores deverão assinar os trabalhos e acompanhá-los da indicação de residência.

5 — Cada concurrente poderá apresentar apenas uma monografia.

6 — Poderão concorrer todos os brasileiros natos ou naturalizados e os estrangeiros radicados no país.

7 — Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta de três especialistas (estudiosos do folclore), que poderá ser assessorada por outros especialistas.

8 — Caberá a Comissão Julgadora, a seu critério, o direito de:

a) anular êste Concurso, por considerar os trabalhos não merecedores dos prêmios;

b) conferir apenas os prêmios que julgar passíveis de distribuição;

c) eliminar os candidatos que não cumprirem as exigências dêste edital.

9 — A Comissão Julgadora deverá apresentar o resultado do julgamento, no máximo, até o dia 15 de dezembro de 1951.

10 — Serão conferidos os seguintes prêmios: um primeiro prêmio não desdobrável de Cr$ 20.000,00; um segundo prêmio, não desdobrável de Cr$ 10.000,00; primeira, segunda e terceira menções honrosas.

11 — O Departamento de Cultura fará publicar na Revista do Arquivo Municipal as monografias premiadas.

Do primeiro e segundo prêmios, bem como das três menções honrosas, será feita uma separata de 500 exemplares.

tendo os autores direito a cem. Dos trabalhos não premiados, o júri poderá classificar até cinco para publicação na Revista do Arquivo.

12 — A Discoteca Pública Municipal ficará de posse de duas vias dos trabalhos, premiados e uma via dos não premiados; os restantes serão devolvidos aos seus autores.

13 — Os trabalhos deverão ser enviados à Discoteca Pública Municipal do Departamento Municipal de Cultura, à rua Florêncio de Abreu, 157, — 9º andar.

14 — Pela apresentação dos trabalhos entende-se que os concurrentes aceitam tôdas as cláusulas dêste edital.

Está, assim, aberta uma perspectiva aos estudiosos dos nossos habitualismos para que mostrem ao Brasil os resultados de suas perquisas e dos seus esforços.

Mais um importante concurso de monografias folclóricas.

## MAIS UM IMPORTANTE CONCURSO DE MONOGRAFIAS FOLCLORICAS

Em 25 de abril de 1951

Ibecc/Cnfl/CIRCULAR.

Exmo. Snr. Dr. Oswaldo R. Cabral.

Secretário-Geral da Comissão de Folclore de Santa Catarina.

Prezado colega :

Tenho a grande satisfação de comunicar-lhe a auspiciosa notícia de que as Companhias Sul-América, que instituiram um Prêmio de 50.0000 cruzeiros, distribuido anualmente pelo IBECC, resolveram que o dêste ano, em homenagem ao I Congresso Brasileiro de Folclore, seja destinado ao melhor trabalho sôbre "Origens e Desenvolvimento dos Estudos de Folclore no Brasil".

2. Incluo anexo a Circular do Presidente do IBECC, com as condições do Concurso, as quais lhe solicito que faça publicar na imprensa local.

3. Não preciso insistir na importância dêsse Concurso e no seu alto significado e estou certo de que os folcloristas de todo o Brasil o receberão com o maior regosijo, como um triunfo a mais de seus esforços em favor da cultura popular brasileira.

Atenciosas saudações.

**Renato Almeida**

Secretário-Geral.

CIRCULAR Nº 9

Em 24 de abril de 1951.

Prezado confrade.

Tenho o prazer de levar ao conhecimento de Vossa Senhoria que o PRÊMIO SUL AMÉRICA, será conferido em 1951, por intermédio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. O assunto versará sôbre "Origens e Desenvolvimento dos Estudos de Folclore no Brasil."

O Tema do concurso foi escolhido com o intuito de comemorar o centenário de Sylvio Romero, Pereira da Costa, Manuel Querino e Vale Cabral, precursores dos estudos do folclore no Brasil e visa a apreciação, em conjunto, dos mesmos estudos e das suas possibilidades futuras.

O concurso será feito sob as condições seguintes:

1. As monografias, originais e inéditas, serão entregues na Secretaria do IBECC, que funciona no Palácio Itamaraty, séde do Ministério das Relações Exteriores, em dois exemplares datilografados, de 100 páginas no mínimo, escritos em português, até o dia 31 de outubro de 1951.

2. Os autores se apresentarão com pseudônimo, mencionando seus nomes em envelopes fechados, que acompanha-

rão os originais. Será aberto unicamente o envelope contendo o nome do autor ou autores que tiverem sido premiados.

3. A Diretoria do IBECC organizará uma comissão de três ou cinco pessoas idôneas, de competência especializada, de preferência membros do Instituto, que emitirá parecer sôbre os trabalhos apresentados e indicará o que deva ser premiado.

4. O prêmio será de cincoenta mil cruzeiros e constará de diploma assinado pelo Presidente do IBECC e pelos membros da Comissão julgadora.

5. A Comissão poderá propôr a divisão da importância do prêmio entre dois trabalhos, ou opinar pela sua não-concessão. O parecer e a indicação do nome do vencedor do concurso serão submetidos à aprovação da Diretoria do IBECC.

6. Se o prêmio não fôr concedido, será reaberta nova inscrição para o concurso, pelo prazo de doze meses, sob as demais condições presentes.

7. Não poderão tomar parte no concurso os membros da Diretoria e do Conselho Deliberativo do IBECC.

8. Far-se-á a entrega do prêmio em sessão solene do IBECC, sob a presidência do Ministro das Relações Exteriores, no Palácio do Itamaraty, na segunda quinzena de dezembro de 1951.

Esperando que seja dada a máxima divulgação a êsse concurso, reitero a Vossa Senhoria os protestos da minha estima e mais distinta consideração.

**Levi Carneiro**
Presidente.

---

**O BOLETIM TRIMESTRAL não póde viver sem a cooperação dos que se interessam pelos tradicionalismos de um povo.**

**Coopere, financeiramente, com a direção do Boletim.**

# CORRESPONDÊNCIA

**Da vitória dos nossos esforços — de todos os Membros efetivos e correspondentes da Comissão Catarinense de Folclore — bem dizem os conceitos expendidos pelos missivistas ilustres que nos endereçaram as cartas que adiante transcrevemos.**

**São, também, novas seivas nos momentos de cansaço e de desânimo, as palavras que nos vêm de outros Estados da Pátria Brasileira ou de outros países d'Aquém e d'Além-Atlântico.**

Do Prof. Roger Bastide, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, o dr. Oswaldo R. Cabral, secretário-geral da Comissão Catarinense de Folclore, recebeu a seguinte carta:

"Cher Monsieur,

je viens de recevoir — et de lire — le Nº 7 du Boletim Trimestral de la Comission de Folklore de Sta. Catharina.

Si riche de documents et de matériaux précieux pour le folkloriste. Permettez-moi de signaler, en passant, quelques reflexions qui me sont venues en le lisant:

1ª) p. 4 — Le velório ou veillée du mort existe à peu prés partout en Europe; que de veillées auxquelles j'ai assisté en France ! mais elle ne comprend que les parents proches du mort ou ses amis intimes; ou y boit le café, ou y parle bas — chez les catholiques on dit des prières — dans les grandes villes, la veillée tend à disparaitre. Dès lors l'élément indien ou africain ne peut se trouver que dans des apports (par ex. dire des devinettes, pendant la veillée comme au Maranhão, les danses... etc...)

2ª) p. 25 — La conception de Orlando Ferreira de Mello rejoint la théorie que Raoul Alleir a developpé — avec de nombreux arguments etnographiques et historiques — dans ses divers livres sur la Magie et la Religion, et que j'ai resumée dans mes Éléments de Sociologie religieuse sous le titre de "L'Homme à la croisée des chemins" (à la fin du livre). Reste le problème de savoir s'il y a eu option livre — ou si de choix s'explique par d'autres faits (R. Alleir pensait à l'influence de la sexualité).

3ª) p. — Dans quelle mesure l'étude sur les pompiers appartient-elle au folklore ? Non qu'il n'y ait pas un folklore urbain, mais il me semble qu'il faudrait le chercher dans les rituels des "homenagens", des baptimes et mariages, dans certaines coutumes profissio-

nelles. Dans le cas des pompiers, le folklore pouvait se trouver dans les bals qu'ils dansaient, par exemple.

Tout ceci pour vous montrer l'intérêt avec lequel j'ai lu ce numero. Permettez-moi de profiter de cette lettre pour vous féliciter du prix que vous venez d'obtenir et de votre these sur la médecine folklorique, si attachante (qui aurait encore gagnée à être détachée de sa lere parte, presque impossible à faire loin de riches bibliothéques specialisées) et pour vous dire combien je garde le plus précieux souvenir de notre rencontre jadis à St. Catarina.

**Roger Bastide"**

*
* *

Belo Horizonte, 4 de fevereiro de 1951.
Ilmo. Sr.
Dr. Oswaldo R. Cabral
Rua Esteves Júnior, 138
**FLORIANÓPOLIS — S. C.**
Prezado confrade,

Acabo de receber os números 3 e 4 (Ano I) e 5 e 6 (Ano II), do Boletim Trimestral dessa Sub-comissão de Folclore, que V. S. teve a nímia gentileza de enviar-me.

2. É excusado dizer-lhe da magnífica impressão que me causaram os exemplares recebidos, não só pela excelente matéria que contêm como ainda pela soberba apresentação gráfica.

3. Estou lhe enviando, em separado, um exemplar de meus "Estudos de Folclore" e de meu "Vocabulário do Caipira Paulista", que suponho contenham matéria de seu interêsse. Oportunamente, enviarei colaborações para o seu "Boletim Trimestral".

4. Solicito-lhe continuar a remessa dessa publicação e, se possível, enviar-me os números faltosos para completar a coleção, pelo que serei muito agradecido.

5. Tendo me transferido de Sete Lagoas para esta capital, tenha a bondade de remeter qualquer correspondência a mim dirigida para: Rua Rio Prêto, 296 (Floresta), Belo Horizonte.

6. Sem mais, aceite os calorosos parabéns pela publicação que seguramente dirige, e os votos sinceros de que ela tenha longa e proveitosa existência.

Atenciosamente,
**Fausto Teixeira**

*
* *

Sr. dr. Oswaldo R. Cabral.
Natal, 2-2-51.

Peço aceitar e transmitir aos seus companheiros do BOLETIM TRIMESTRAL todos os meus parabens pela excelente divulgação realizada com esse documento vivo das atividades folclóricas em Santa Catarina.

Não é possível índice mais expressivo do entusiasmo comunicante e de sugestiva alegria na pesquisa, estudo e fixação das constantes psicologicas do povo catarinense mantidas no seu rico Folk-Lore.

Muito grato pelo envio do BOLETIM.
Muito cordialmente,
**Luis da Camara Cascudo.**

*
* *

Bogotá, enero 22 de 1950
Señor Dr. Oswaldo R. Cabral
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
Muy estimado Doctor:

La presente tiene por objeto comunicar a usted el recibo de las importantes publicaciones enviadas por esa Comisión com destino a la Biblioteca del Instituto Etnológico Nacional, a solicitud muy oportuna de nuestro compatriota y colega, Doctor Rafael Reyes Parga.

Al agradecer a usted este interesante envío, aprovecho la ocasión para celebrar con verdadero entusiasmo, la iniciación de este intercambio y vinculación entre las dos Instituciones, lo cual redundará en beneficio de las investigaciones y fines que persiguen una y otra.

Por el próximo correo serán despachadas a esa Comisión los números no agotados de las publicaciones del Instituto Etnológico.

Formulo votos por los éxitos de los trabajo de esa Comisión y me suscribo muy atentamente,

**Luiz Duque Gomez**
Director del Instituto Etnológico de Arqueología.

*
* *

Da dra. Heloisa Alberto Tôrres, diretora do Museu Nacional, recebemos:

Em 26 de março de 1951
Exmo. Dr. Oswaldo R. Cabral

Secretário-Geral da Comissão Catarinense

Prezado confrade:

Tenho o prazer de comunicar-lhe que já está em funcionamento a Comissão de Exposição criada pela Comissão Nacional de Folclore, na sua reunião de 1º de março do corrente. Essa Comissão tem por objetivo organizar a Exposição Folclórica que estará aberta ao público durante o próximo Congresso Brasileiro de Folklore, a iniciar-se a 22 de agosto dêste ano.

Para o bom êxito dessa Exposição, naturalmente precisamos do apôio das Comissões Estaduais que se deve traduzir na coleta e remessa, o mais breve possível, de material significativo e típico das respectivas regiões. Embora as Comissões Estaduais tenham liberdade de escolha, pretendemos auxiliá-las com algumas sugestões, que o prezado confrade receberá dentro de alguns dias, juntamente com instruções sôbre como obter transporte gratuito para esse material. Desde já podemos avisar que o depósito, para onde devem ser endereçados os objetos, será o edifício do Ministério das Relações Exteriores.

Esta primeira comunicação tem por objetivo indicar o nosso desejo de que esse Estado participe da Exposição e pedir-lhe rapidez no trabalho de coleta e remessa do material a expôr, visto que os objetos, que por acaso estiverem no Distrito Federal, a 1º de julho próximo não poderão figurar na Exposição.

Fazendo votos por uma boa representação desse Estado na Exposição Folclórica, subscrevo-me, atenciosamente.

**Heloisa Alberto Torres**

Presidente da Comissão de Exposição.

*

* *

Exmo. Snr. Dr. Oswaldo R. Cabral

Ilustre Diretor do BOLETIM TRIMESTRAL DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Tenho na mão, e muito penhorado agradeço, a oferta do n. 6 do vosso excelente **Boletim**, cuja leitura me suscitou, como a dos já anteriormente recebidos pela mesma amável via, o mais intenso e absorvente interesse. Admiro e louvo, com as minhas melhores homenagens, o abnegado esforço de cuidado e aplicação que naturalmente implica a compilação duma revista desse gênero, sobretudo num meio da extensão desse e onde se sobrepõem correntes de tão diversa origem rácica. Por isso, **in imo pectore**, digo: Bem hajam os que a êsse esforço se estão dedicando com tão útil e meritória deligência!

Deparei neste número com uma curiosidade, mencionada nos "Estudos de Folclore Mineiro", do escritor Fausto Teixeira, sob a rubrica de **Travalinguas**, e ela me sugere levar ao conhecimento de V. Excia, no interesse das nossas relações de intercâmbio cultural, os seguintes tipos similares que nesta Ilha açoriana surdem também, empregados vulgarmente como exercício ortofônico de anormais dislálicos (aliás designados aqui por destrava-línguas):

— O rato roeu o roupão à Rita e a Rita com raiva arrancou-lhe o rabo.

— Debaixo daquela parreira está um pardal pardo a palrar. Porque palras, ó palrador? Eu palro e palrarei, porque sou pardal pardo palrador-mór de el-Rei.

— Compadre, compre pouca capa: quem pouca capa compra, pouca capa paga: eu comprei pouca capa e pouca capa paguei.

No mesmo Boletim n. 6, mereceu-me também especial atenção, entre as Orações citadas no artigo **Achegas à Poranduba Catarinense**, do Comte. Boiteux, a que respeita a Santa Helena, por contrastá-la com a variante que nesta Ilha corre:

Santa Helena Constantina
Que as águas do mar passaste,
Por graça do ceu, divina,
Entre as mil Virgens ficaste;
A cruz de Cristo enconstraste
E dela os cravos tiraste:
Em tua mão, o primeiro,
Com muita fé o guardaste;
O outro ao mar rejeitaste,
Pondo-o quieto e banzeiro;
E a Santo Antônio, o terceiro,
Em testamento o deixaste,
Para em sonhos nos dizer
O que quizermos saber.

(depois de recitada a oração, pergunta-se o que se pretende saber).

Reiterando a V. Excia. os meus agradecimentos, junto-lhes cordiais saudações com protestos da grande simpatia e consideração do

De V. Exª atº venr. e amº obgº

**Humberto de Betencourt**

*

* *

**Buenos Aires 5 de marzo de 1951 ..**

Sr. Oswaldo Cabral

Florianópolis

Mi estimado amigo:

Regresso de un viaje muy largo por todo el litoral atlántico de mi país y me encuentro com el Nº 6 de su precioso Boletim, que ya es todo um libro de extraordinario valor.

Que hermosa presentación le han dado ! Que fuentes para el estudioso del folklore brasileiro ! Le agradezco sinceramente la inclusión del modesto trabajo remetido, que el buen amigo le ha dado un lugar de preferência.

Estoy dando los últimos toques a "Folkloristas del mundo" y como en mi anterior trabajo los brasileños ocuparán el lugar de preferência.

Actualízeme toda notícia suya sobre cambio en la bibliografia, y trate de que sus compañeros de comisión me remitan sus datos. Llegarán a tiempo si lo hacen rápido.

Muy cordialmente estrecha sus manos

**Felix Coluccio**

*

* *

São Paulo, 14 de março de 1951

Exmo. Snr. Oswaldo R. Cabral

Prezado senhor:

Tive oportunidade de ter, há dias, visto dois exemplares do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, boletim de cuja existência ignorava, como se ignora de muita coisa boa que se publica em nossa terra.

Interesso-me vivamente pelo assunto que constitui uma de minhas preocupações na Cadeira de Antropologia, da qual sou assistente. E os dois números do aludido Boletim forneceram-me bom material de confronto para minhas pesquisas relativas as formas de cura empregadas no litoral norte do Estado de S. Paulo.

Gostaria imensamente de poder contar com a boa vontade dos membros da Sub-Comissão Catarinense de Folclore no sentido de poder obter todos os números do Boletim. De minha parte, tomarei a liberdade de lhes oferecer um pequeno trabalho que apresentei ao concurso de monografias folclóricas instituido pelo Departamento Municipal de Cultura de S. Paulo, em 1948 — ("Os pasquins do Litoral norte de S. Paulo e suas pecualiaridades na Ilha de São Sebastião") — trabalho do qual estou aguardando as separatas.

Certa de ter o meu nome incluido no fichário das pessoas que recebem o Boletim, subscrevo-me com alta estima e elevada consideração.

**Gioconda Mussolini**

*

* *

Em 27 de abril de 1951 recebeu o secretário Geral da Comissão Catarinense de Folclore o seguinte ofício:

Exmo. Sr. Oswaldo R. Cabral

Florianópolis — Santa Catarina

Meu prezado colega,

Para que possamos manter sempre os nossos entendimentos relativos ao I Congresso Brasileiro de Folclore, quero pôlo ao corrente de tôdas as decisões que têm sido tomadas, esperando sempre receber as suas sugestões.

Entendi-me com Sua Excelência o Senhor Ministro Simões Filho, que colocou o palácio do Seu Ministério à nossa disposição, para que nele se realize o Congresso.

A Comissão incumbida da Exposição de Arte Popular, presidida por d. Heloisa Torres, e da qual fazem parte os companheiros Edison Carneiro, Manuel Diégues Júnior e Simeão Leal, continua trabalhando ativamente. A exposição se realizará no Museu Nacional e esperamos que as contribuições dos vários Estados nos permitam dar um caráter bastante amplo a essa demonstração do folclore brasileiro. A Comissão se entenderá oportunamente com o colega e conto receberá o seu mais decidido apôio.

Entendimentos diretos que tive a honra de estabelecer com o Senhor Governador de S. Paulo, com o Senhor Prefeito da Capital daquêle Estado e com a Câmara Municipal da mesma cidade, asseguram a representação paulista com o maior brilho.

Contamos que êsse Estado também se faça representar da melhor forma, quer com a presença de uma Delegação, quer com o envio de teses e memórias e de material para a exposição. Estimariamos receber por igual sugestões das Comissões Estaduais e dos membros da Comissão Organizadora relativas aos planos de

trabalho futuros, que cabe ao Congresso programar. Porque o nosso grande desejo é que êsse certame estabeleça diretivas que orientem e dêm unidade às nossas atividades. Estas, por enquanto, têm sido um tanto dispersas, como aliás não poderiam deixar de ser, neste período inicial. O Congresso visa exatamente coordenar os esforços e dirigí-los na forma que lhe parecer mais aproveitável, para incentivar os estudos e pesquisas e para proteger o patrimônio da cultura popular brasileira.

Tenho levado na mais alta conta o empenho que vem demonstrando para permitir que o certame de agôsto próximo se realize com o maior êxito e consiga os resultados mais favoráveis

Com os maiores agradecimentos,

**Renato Almeida**

Presidente da Comissão Organizadora

**LEITOR!**

**Esperamos que tenha gostado do nosso Boletim, entretanto, muito nos custa fazê-lo. Coopere com a direção ajudando, financeiramente, a Comissão Catarinense de Folclore.**

# O QUE DIZEM DE NÓS

O Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, prestigiosa e culta associação de Angra do Heroismo, do Arquipélago dos Açores, que conta em seu seio figuras das mais representativas da intelectualidade do arquipélago donde vieram os nossos antepassados, em seu número 8/1950 assim, se expressa a respeito do nosso Boletim:

"IBECC — Sub-Comissão Catarinense de Folclore — Boletim Trimestral. Florianópolis. Números 1, 2, 3 e 4 — Ano I 1950 —

Eis uma publicação brasileira da maior importância para nós. O Estado de Santa Catarina é uma das regiões do Brasil que maior número de colonos açorianos recebeu e onde a sua influência mais se fez sentir, como ficou demonstrado no 1º Congresso Catarinense de História, feliz iniciativa levada á efeito com os melhores resultados, e nos copiosos e bem fundamentados estudos do sr. dr. Oswaldo R. Cabral, que o Instituto conta no número restricto dos seus sócios honorários.

Propõe-se o Boletim arquivar usos, costumes e tradições populares do Estado de Santa Catarina, e nêle encontrarão os etnógrafos açorianos e brasileiros muitos elementos de estudo comparativo entre o Brasil e os Açores, verificando possivel e até prováveis diferenças e discernindo as suas causas.

Os quatro números publicados já mencionaram bastantes factos e demonstram quanto virá a ser útil a publicação.

Por isso é com entusiasmo que saudamos o seu aparecimento e fazemos sinceros votos por próspera e longa vida".

Somos gratos a tão amável e cativante notícia.

*

* *

O Prof. Walter Spalding, no "Jornal do Dia" de 6-5-951, escreveu:

"A COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, de Florianópolis, continua na sua intensa e interessante atividade. Já por mais de uma vez nos referimos, nesta coluna á atividade brilhante da Comissão Catarinense de Folclore que bem merece ser constantemente lembrada como exemplo a seguir.

Seu magnifico BOLETIM de que acaba de sair o n. 7 é atestado vivo da vida intensiva daquela Comissão Central. A matéria que traz, é excelente e preciosa.

Divide-se a matéria desse número em Colaborações especiais, Trabalhos originais, Inquéritos, Folclore antigo de Santa Catarina, Folclore Nacional, Folclore doutras terras, Flagrantes folclóricos, Noticiário, Correspondência, Livros recebidos, etc. Um número cheio e valioso como o tem sido, aliás, todos os anteriores, desse grande Boletim da Comissão Catarinense de Folclore".

# RECEBEMOS E AGRADECEMOS

**ALICE PIFER CANABRAVA — A Evolução das Posturas Municipais de Sant'-Ana da Paraiba** — A Professora Alice Pifer Canabrava é um dos expoentes da moderna geração de pesquisadores paulistas. Aluna de Pierre Monbeig, esteve em Santa Catarina em 1940, por ocasião da reunião do IX Congresso de Geografia, integrando a luzida e eficiente embaixada da sua terra natal. Professora da Faculdade de Filosofia, já a encontramos relatando trabalhos da sua especialidade, a Geografia, no I Congresso de Geografia e História da Bahia, em 1949. Suas contribuições para o estudo da geografia humana são bastante numerosas e tôdas consequentes aos estudos e às pesquisas de campo a que se dedica com os seus discípulos. A evolução das posturas municipais de Sant'Ana da Paraiba é uma interessante monografia que abrange um período de quase meio século — de 1829 a 1867 — escrita com segurança e baseada em documentação inédita.

*
* *

ALICE PIFER CANABRAVA — **Documentos sôbre os índios do Rio Juquiá** — Outro trabalho da ilustre professora paulista, contendo inumeras observações sôbre os índios do rio Juquiá. Como todos os seus trabalhos é resultado de pesquisas feitas com acurado senso de observação e que deve obrigatòriamente figurar entre os trabalhos indispensáveis às consultas dos nossos etnólogos.

*
* *

**MAX TAVARES DO AMARAL — Historia da Colonização Alemã no Vale do Itajaí** — O trabalho do ex-deputado federal por Santa Catarina foi apresentado ao I Congresso Catarinense de História, realizado nesta Capital em 1948 e provocou, na ocasião, largos e acalorados debates não só nas Comissões como em plenário. Apareceu em elegante separata do Instituto Hans Staden, de S. Paulo e acaba de surgir no 2º Volume dos Anais daquêle Congresso.

É um trabalho meticuloso e honesto, que bastante recomenda a capacidade do A. como escritor.

*
* *

**GASTÃO DE BETTENCOURT — A Bahia e o seu Folclore — Relicário de Tradições Portuguesas** — Separata elegantíssima de Brasilia (Vol VI) acaba de aparecer em Coimbra a interessante monografia do ilustre Membro do Instituto de Coimbra, Dr. Gastão de Bettencourt, A Bahia e o seu Folclore. Estuda o A. nas suas páginas as tradições portuguesas que a Bahia conserva, ilustrando-as sugestivamente. É um trabalho que se lê de um fôlego, com agrado, senão encantamento.

*
* *

**JOSE PEREZ BARRADAS — Arqueologia Agustiniana** — Biblioteca de Cultu-

ra Colombiana — Volumoso tratado de arqueologia da região de San Agustin, resultado de investigações feitas pelo A. em 1937. Obra enriquecida com numerosíssimas fotografias, mapas e desenhos, de estátuas, relevos, sarcófagos e poterie, é um grande repositório de interessante documentos para o estudo comparado de arqueologia continental.

*
* *

**JOSE ROYO Y GOMEZ — Las Piedras de Tunja** — Publicações do Instituto Etnologico Nacional de Bogotá — Trabalho de geologia levado a efeito na região do nordeste de Pacatativá, convertida em Parque Nacional pelo Govêrno Colombiano colocado sob a tutela do Instituto Etnológico da República irmã.

*
* *

**VIRGINIA GUTIERREZ DE PINEDA — Organizacion Social en la Guajira** — Vol. IIII da Revista do Instituto Etnológico de Bogotá — 1950

**ROBERTO PINEDA GERALDO — Aspectos de la Magia en La Guajira** — Vol. III — da Revista do Instituto Etnológico Nacional de Bogotá.

Duas interessantíssimas obras publicadas pelo Instituto Etnológico Nacional de Bogotá, sob a direção de Paul Rivet. Na primeira estuda a A. tôda a organização social das populações indígenas de La Guajira. Assim, inicia a obra com a organização familiar, o cuidado prenatal,, o nascimento, a alimentação das crianças, para passar depois à vida da criança, as suas ocupações, jogos e educação; a iniciação das jovens é outro capitulo de real interesse, como é o que trata dos assuntos prematrimoniais. Em seguida estuda a A. o matrimônio, a maternidade, o regime social, as enfermidades, a morte, a família, o clã, o direito, as leis de herança e trabalho.

É, sem dúvida, um grande livro, que se completa com o segundo, de autoria do espôso da A. do primeiro, em que são estudadas as diferentes práticas mágicas usadas na mesma região, ligadas ao ciclo vital, à medicina, aos ritos funerários, ao teatro, bem como as praticas contramágicas que se caracterizam pela usança de amuletos, talismans, fetiches, etc... Obras que se completam e que merecem registro especial como modêlo de trabalhos de pesquisas e observação.

## REVISTAS E BOLETINS

**Revista Portuguesa de Filologia** — Direção do eminente filologo lusitano Prof. Dr. Manoel Paiva Boléo — Vol.. III Tomos I e II — contendo farta matéria sobre linguística. Êste número inclue um excelente artigo do nosso correspondente em Indaial, sr. Teobaldo C. Jamundá, sôbre o livro de Emilio Willems — A aculturação dos Alemães no Brasil.

*
* *

**Boletim de la Asociacion Tucumana de Folklore** — nos. 9/10 com uma tradução de Salvador Bucca sobre A nova concepção do Folclore, de autoria de Raffaele Corso, além de outros trabalhos de interesse folclorico.

*
* *

**Boletim de Arqueologia** — Nos. 4, 5 e 6 do Vol. II — Bogotá — com interessante matéria sôbre arqueologia, etnogeografia, linguistica, antropologia e etnografia.

*
* *

**Guia Arqueológica de San Agustin** — editado pela Imprensa Nacional de Colombia

*
* *

**Rumos** — Excelente revista cultural, editada em Lages, sob a direção de Guido Wilmar Sassi.

*
* *

**Folclore** — Orgão da Comissão Espirito-Santense de Folclore — nº 9 — Como sempre, excelente êste número da mais antiga publicação folclorica do país.

## LIVROS CATARINENSES

**WALTER F. PIAZZA — "NOVA-TRENTO"** — (edição comemorativa do 75º Aniversário da Colonização Italiana). Contém uma "Síntese Folclórica.

# TRABALHOS ORIGINAIS

## QUADRINHAS DO FOLCLORE ILHÉU

**Osvaldo F. de Melo (filho)**

Há dias, divulguei pela página literária do jornal "A Gazeta", algumas quadrinhas tradicionais, que colhi de bons informantes, no interior da Ilha de Santa Catarina. Num pequeno comentário dizia eu que o material divulgado parecia próprio para uma página literária, porque alí estava fixado o lirismo do colonizador luso. Mas, não é só o fundo lírico que dá valôr àqueles versos. Para o estudo demopsicológico êles são importantes. Já tive oportunidade de expender a minha opinião de que ninguém poderá escrever sôbre o homem da Ilha (o nosso litorâneo, aliás) com penetração e fundo psicológico, sem conhecer a sua poesia.

E a poesia do nosso pescador ou do nosso pequeno agricultor está representada nas suas quadrinhas. Elas acompanham o homem no seu trabalho; são musicadas nos bailes e nas ratoeiras e nos fandangos, constituem-se tema principal.

Daí, porque agora, pelo Boletim Trimestral, trago aos leitores de outros pontos do País, aquelas quadrinhas que selecionei dentre uma centena, aproximadamente. Possìvelmente um ou outro estudioso as aproveitará para efeito de análise e comparação.

Algumas quadrinhas encerram um fundo romântico. Geralmente há notáveis comparações ou figuras poéticas:

Açucena quando nasce,
Longe do pé bota flôr;
Na ausência se conhece
Quem é firme no seu amôr.

Fui à praia comprar peixe,
Comprei um pampo dourado;
Dentro do pampo encontrei
O teu coração retratado.

Bananeira chora, chora,
Pelos filhos que tem;
Cortam o cacho, chora a mãe,
Ficam os filhos sem ninguém.

O meu amor foi embora,
Prá banda que o Sol entrou;
O Sol já foi, já veiu,
Meu amor foi e ficou.

Perguntei ao Sol se viu
À Lua se conheceu;
Às estrêlas se encontraram
Amor firme como o meu.

Menina não se encoste,
Que a parede tem pó;
Só encoste nos meus braço(s)
Que o amôr é um só.

Outras, lembram o violeiro decepcionado ou...

Tú andas te gabando
Que tens muito "aonde" escôlhas;
Toma cuidado, não fiques,
Como a figueira sem fôlhas.

Vou escrever uma carta
Com a pena do quero-quero;
Prá te mandar dizer
Que não te ligo nem te quero.

Quem zombou do meu amôr
Foi a minha namorada;
Pensa que eu tenho paixão...
Paixão, não tenho nada.

Num copo de salsa verde,
Num copo de verde salsa,
Mais vale uma feia firme
Que uma bonita falsa.

Muitas delas têm um sentido jocoso:

Da minha casa prá lá
Todo mundo me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

Atirei um cravo nágua
De teimoso foi ao fundo;
Os peixinhos responderam
Viva D. Pedro II.

Eu plantei a cana verde
Lá em baixo, na baixada;
Me chuparam a cana tôda,
Só deixaram a bagaçada.

Quem é amarelo não dança,
Só dança quem é vermelho;
O melhor dos dançadores
Dança dobrando o joêlho.

Outras, finalmente, usadas nos desafios, indicam a posição em que se coloca o cantador.

Quem quizer cantar comigo
Lave a boca com sabão;
Olha que eu tiro cantigas
Da palma da minha mão.

Não tenho medo de homem,
Nem do ronco que êle tem;
O besouro também ronca;
Vai-se ver não é ninguém.

Eu sou cabra cantado(r)
Canto uma semana inteira;
Canto como gaturamo
Na ponta da laranjeira.

Sou cantador de fama,
E canto como um tié;
Desafio cantado(r)
Venha de onde vie(r)

Assim, através dos seus versos, esboça-se o retrato psicológico do homem do litoral, que, em meio à pobreza, às dificuldades e às maleitas, ainda consegue perpetuar a sua poesia, que é imortal, porque é a sua alma.

## PASQUINS

**Oswaldo R. Cabral**

O pasquim, ou "pesquim", como é vulgamente chamado, é uma espécie de jornal manuscrito, que aparece no interior da Ilha de Santa Catarina, e em alguns pontos do litoral, com finalidade crítica e agressiva.

É sempre manuscrito, grafadas as palavras como os moradores dos "**sítios**" (1) comumente as pronunciam, e sempre versificados.

A sua divulgação é feita da seguinte maneira: o autor do "pasquim", escreve em papel almasso a sua versalhada e o coloca, dobrado, por baixo da porta da venda ou negócio das visinhança.

A venda é um mixto de casa de secos e molhados e botequim que se localisam ao longo das estradas, nas encruzilhadas, etc... É ponto de reunião obrigatória dos moradores da zona. Em geral, num circulo de 100 metros ou mais são encontradas 3, 4 ou 5 vendas, cada qual reunindo os seus fregueses de acôrdo com as amisades, com a cor política dos mesmos, com os interêsses particulares, etc.

Durante o dia são frequentadas pelos desocupados da zona ou por aqueles que já terminaram a sua tarefa, por exemplo, os vendedores de peixe, legumes, aves, etc... que, saindo pela madrugada, já realizaram os seus negócios na cidade.

À tarde aumenta a frequência, até 9 e 10 horas da noite. Conversa e cachaça. Atualmente, para atrair a freguesia, algumas já possuem o seu rádio de bateria.

Colocado o pasquim por baixo da porta, o dono da venda se encarrega da divulgação.

---

(1) — **Sítios** são localidades do interior, agrupamentos da zona suburbana e rural.

Lê aos fregueses, outros pedem para tirar cópia e assim, sucessivamente, de mão em mão, é divulgado o pasquim.

Também aos sabados de Aleluia aparecem pendurados nas árvores, nos postes, nos moirões das cercas, os judas de trapo e palha, destinados a serem malhados pela garotada.

Muitos dêstes judas trazem pendurados ao peito ou pregados à mão, pasquins, que são, no caso, chamados Testamentos do Judas.

A época do aparecimento dos pasquins não depende, salvo os testamentos que são exclusivo do sábado de aleluia, de qualquer fator serão da existência de um motivo qualquer que sirva à critica mordaz do caboclo, à sua veia satirica.

O movel dos pasquins é expôr alguém ao ridiculo, à maledicencia pública.

É arma política, serve às vinganças pessoais , ao despeito e, quando inocente brincadeira, para expôr um defeito, para comentar um mal sucedido caso de amor, um fracasso qualquer.

É sempre anônimo.

A instituição é antiga e é o pavor dos maridos mansos, dos namorados degolados, dos fracassados, dos poucos escrupulosos.

A divulgação é rápida. Num dia tôda a visinhança toma conhecimento dêle. Os versos são decorados e repetidos. Em dois, as cópias pululam.

Juntamos alguns exemplares de pasquins por nós colhidos nos sitios das proximidades da Capital.

O primeiro dêles é uma sátira a varios empregados de uma fazenda de propriedade do Estado, havendo nele insinuações pouco airosas à honestidade e crítica ao pessoal excessivo da mesma fazenda que chegava a empregar 4 funcionários para... mungir uma vaca!

viva Santa Catarina
que é nossa Padroeira
viva o nosso amigo Jóca (1)
O capataz da cocheira
Vamos falar agora
Daquela grande ladroeira

O nosso amigo Jóquinha (2)
no Pantanal é querido
queres vender aquela vaca
que dá o leite fervido
dou-te 5 mil cruzeiros
é o que tenho no sentido.

ha tempos vendeu-se um porco
todo o mundo admirou
no Pantanal (3) nunca houve
nem nunca lá se criou
farelo milho e alfafa
a este porco engordou

acabou-se Assis Brasil (4)
coisa de admirar
não tem mais farelo nem milho
pra porco e vaca engordar
acabou-se a opinião
desta família real.

acabou-se esta mamata
que era coisa de mesquinha
vamos dar viva o nosso chefe
que veio lá de Canoinhas
veio deixar em sinúca
a família do Jóquinha.

Zé do Marco e Adailto (5)
são dois rapazes de talento
urravam lá do cumicio
no meio de tanta gente
na assumida do Irineu (6)
ele vae te dar um presente.

(1) — Operário de um pôsto agro-pecuário existente nas proximidades
(2) — Filho do Joca
(3) — Localidade no distrito de Trindade, nas proximidades da Capital
(4) — É o nome do Pôsto.
(5) — Cabos eleitorais
(6) — Governador do Estado, eleito pela oposição.

nosso inimigo Jóca
é favor já devolver
a lista do pessoal
do mal que tinha a fazer
o negócio foi o contrario
agora tu quem vás sofrer.

aqui vamos passando
nem mal nem bem
também saiu a rainha
que é a senhora Nenen (7)
também saiu o Côco
que coisa boa ele tem

coisa boa que me refiro
é relogio e bicicléta
a turma não dorme mais
mas andam de olho aberto
senhora dona Pequena (8)
é a mulher prediléta

Januario lava a têta
Zé do Marco vai enchugar
Joquinha traz o balde
Jóca o leite vai tirar
e com isso o vosso chefe
não póde mais aguentar (9)

tanto pucharam na têta
que chegaram a ofender
acabaram pisando o môjo
e a vaca vai morrer
manda chamar o doutor
para a vaca defender.

10 são os mandamentos
aos 12 vou terminar
nessa terra tu fizeste
aqui mesmo vaes pagar
respeita os teus colegas
e o chefe que chegar.

(7) — Filha do Joca
(8) — Esposa do Joca
(9) — Critica ao numeroso pessoal do Pôsto para um só serviço...

* * *

Êste segundo pasquim apareceu êste ano no lugar Pantanal, nas proximidades daquela mesma Fazenda e é uma crítica violenta à eleição da "rainha" de um clube local, na qual, parece, não correu o pleito muito limpo...

O que vamos contar
já não é novidade
pois o povo todo sabe
até mesmo na cidade

vai haver uma festança
aqui no Pantanal
otra festa de rainha
e um baile no arraial

a família do Jóca
púla de alegria
fizeram rainha a força (1).
isto sim que é folia

o compadre do Altino
amigo do coração
é um grande patife
foi quem fez a traição

fiquem todos sabendo
foi quem tudo descubriu
sabendo que o Altino
cinco mil votos imprimiu

o Jóca quando soube
passou a mão na caréca
derrotado isso nunca
nem que eu venda a cuéca

a Pequena furiósa
gritou pelo João
entrou também a Marina
e fizeram a tapeação

o dinheiro lá é mato
pois não custa a ganhar
vendendo farelo e leite
para o luxo sustentar

aproveite minha gente
que a coisa vae mudar
não tem mais leite para vender
nem farelo pra roubar

pois o posto já é mãi
das família do Pereira
pai filhos e genro
só vive na roubalheira

(1) — Nos clubes dos sítios é eleita anualmente a rainha. O posto é muito disputado. Imprimem-se cédulas que são vendidas aos votantes.

o Dr. Lauro bem sabe (2)
dessa grande bandalheira
e o Jóca continua
vivendo da roubalheira

oito mil cruzeiros
custou essa façanha
rainha feita a força
e a pequena não se acanha

A Pequena sempre foi
uma grande cafitína
agora depois de velha
está gostando da bolina

o Virgilio homem serio
coitado de boa fé
não esperava enfrentar
essa gente da ralé

o tesoureiro do clube
é um rapaz muito serio
mas só se negociasse
com o povo do cemitério (3)

ele está muito contente
com o pandeiro na mão
pai de duas rainhas
coroadas no salão

mas todo mundo sabe
da grande tapeação
a primeira já roubaram
que foi aquela iluzão

a Nenen caiu em graça
da familia dos Pereiras
é só ser coroada
vai cair na fuzarqueira

cuidado sr. Alcino
que está bem empregado
vai cazar-se com a Nenen
do nariz arribitado

o dinheiro do Corintian (4)
dessa vez também entrou
e o tesoureiro coitado
agora se atrapalhou

a pequena de salto alto
no dia da eleição
batia no... e gritava
no meio do salão. (5)

a Marina com as pernas tortas
puchava pela buceta (6)
com o seu vestido rajado
parecia uma borboleta

o Joca com beiço grande
chamou a dona Nenê
ganha-se ou não ganha-se
o roubo eu sube fazê

isso tudo é dinheiro que
no posto tem saido
a Pequena deu-lhe um cinto
e tambem deu-lhe um vestido

o amigo Joquinha
amigo do coração
entrou com cem cruzeiros
para ajudar a fundação

esse dinheiro já se sabe
que não lhe custou a ganhar
é do farelo e do leite
que ele ajuda a roubar

quatro contos o Joca queria
o Aurino não quiz dar
o Modesto se conformou
e os trez contos foi buscar

e assim vai terminar
essa grande tapeação
o festejo das rainhas
nacida neste rincão.

Êste material foi colhido por um morador da zona que prefere (et. pour cause!...) conservar o seu nome oculto.

(2) — Diretor do Posto.
(3) — O cemitério de Florianópolis fica nas proximidades.
(4) — É o nome do Clube local.
(5) — Aqui a palavra de 2 letras que significa trazeiro.
(6) — O têrmo é forte. Significa aqui as partes pudendas da mulher.

* *

O pasquim que se segue narra um casamento frustrado, fato que se verificou na Costeira do Ribeirão. Foi colhido pelo Prof. Adelino Gonçalves, nosso colaborador e excelente pesquisador.

## Casamento de Onório

Em Costeira há festança
Onório vai se casar,
Foi à cidade urgente
O seu "terno" foi buscar.

O Onório é bom mulato
Mas é um pouco brejeiro,
Gosta de tocar gaita
P'ra arranjar algum dinheiro.

Onório foi p'ra cidade
Sua noiva a esperá-lo,
Se êle não voltar de lancha
De certo vem a cavalo.

Sua noiva é a Belmira
Mulata de bom coração,
Se éla casar com Onório
Dará bôa criação.

Aproximando-se a hora
Do casamento falado,
Os convidados já chegando
Entretanto, tudo parado.

Belmira metida na sêda
No rendão e no filó,
Onório está na cidade
Procurando o negro Ló.

Belmira toda faceira
Toda cheia de rendão,
Tudo comprado fiado.
E a cama era do João.

Já era quasi noitinha
Quando Onório chegou,
Como não teve dinheiro
O seu "terno" lá ficou.

Belmira esperava o noivo
Como se espera um doutor,
Quando Onório chegou
Parecia um desertor.

O povo estava cansado
Pois, disto nunca se viu,
Até parece que o noivo
Ficou com mêdo e fugiu.

Quando Onório chegou
Parecia envergonhado,
Não sabia como falar
Diante dos convidados.

Belmira já perguntava,
Como hei de me deitar ?
Se é de lado ou de costas
Ou de barriga p'ro ar.

Foram de pressa chamar
A Caitana na Freguezia,
Pois já queriam brigar
O Ludovino com a Maria.

Disse Belmira, tristonha,
Dou-me bem com o Joaquim,
Mamãe, não faça fiasco
Não queira entrar em pasquim.

Até a Maria do Lino
No terreiro a falar;
A Belmira não casou
Mas, a Chica há de casar.

A senhora Feliciana
Com seu vestido levantado,
Foi dar parte a Bernardina
Que Onório tinha chegado.

Onório quando chegou
Deu volta pela cozinha
Já que não posso casar-me,
Vamos comer a galinha.

O Joaquim da Libana
Deu voltas pelo terreiro,
Onório não se casou
Porque não tinha dinheiro.

Onório fingindo doente
Disse que se ia embora
E a pobre da Belmira
Foi quem engoliu a bola.

Onório disse ao sair
Corrido por dois Policias
—Hermógenes tu dê lembrança
A mulata da Maurícia.

O senhor Manoel do Lino
É um pretinho pinpão
Foi êle quem devorou
O arroz do caldeirão.

E, a Maria do Lino
Com os cabêlos à escadinha
Ficou triste por ter gasto
Seu dinheiro com galinhas.

Debaixo da cama tinha
Um boião cheio de brôa,
Que não se esqueceu de dar
Dona Maria Laôa.

Toda gente esperava
Uma festa tão bonita,
A Belmira esperava
Esquentar sua malmita.

Acabou-se a festança
Cada um se retirou,
Belmira ficou chorando
Porque a panéla furou.

Onório desapareceu
Belmira ficou assim,
De tanto que se livrou
Mas sempre entrou no pasquim.

* * *

Por último, ainda colheita do Professor Adelino Gonçalves êste pasquim sem título feito exclusivamente para colocar em fóco as alcunhas de moradores da região.

Com efeito, nos "sítios" rara é a pessôa, homem ou mulher, de qualquer condição, idade ou côr, que não possua um "apelido", isto é, uma alcunha.

Muito corrido, aos pulos,
Um **veado,** bem se via, (Zé Siqueira)
Por causa do **pernilongo** (Modesto Gonçalves)
Que muito lhe perseguia.

**Bomfim** e o **caipira,** (Pedro e Joaquim Silvano)
E tambem o **macótão,** (Valentim)
Vão chamar o **corta-areia** (Ludovino)
por causa do **bagre** pimpão (João da Cruz)

O **paranho** e o **gordura.** (Ernesto e Julio Siqueira)
Conversando com Simão,
Quando chegou o **corisco** (Onório)
Corrido como um **trovão.** (Joaquim Libano)

O **gato** foi quem trouxe (Manoel Felisbino)
O **manteiga** em companhia, (Francelino)
P'rá isca do **camondongo** (Rafael)
Não sei se apanharia.

O **frango** e o **gatinho** (Manoel Aninha e Felisbino)
Foram fazer sua festança,
O **lagarto** saiu da tóca (Inácio Euflausino)
P'rá encher a sua pança.

P'rá vender um **peixe-anjo** (Manoel Bento)
Precisaram dois **petiços** (Marcélo e Modesto Camilo)
Responde o **laranja-azêda** (Manoel Ludovino)
Não é grande nem por isso.

A pobre da **marrequinha** (Venceslau)
Muita **manjuva** pegou, (Tibúrcio)
E colocou num viveiro
Num **samburá** fundeou. (Francisco Martins)

Quando apontou a **comidía** (Andrade)
**Nordeste** estava pimpão, (Inácio Gonçalves)
O **Deus-te-livre,** gritou (Venâncio)
Quando viu o **mergulhão** (Jacinto Barbosa)

Ó **Zé-completo** dizia (José Izidoro)
O **pechincha** é meu irmão, (Julio Izidoro)
Quando viu o **caximbáu** (Joaquim Lopes)
No bico do **marrecão.** (Firmiano)

O maldito do **biacú** (João Felisbina)
Tem comido muito **botão,** (Manoel Faria)
E tem feito grande estrago
No bico do **cangeirão.** (Manoel Lino)

A **gralha** muito gritava (Zéca Silveira)
Quando a **puíta** roncou, (Matias)
Até que o **Jacotinga** (Manoel Gonçalves)
Pelos ares logo voou.

*
* *

Êstes "**pesquins**" são uma pequena amostra da "instituição". Temos esperanças de que os nossos pesquizadores recolham material tão ou mais interessante do que êste que acabamos de transcrever, contribuindo assim para o registro de uma arte popular tão difundida no litoral catarinense. E a Comissão Catarinense de Folclore, evidentemente, receberá as contribuições, incluindo-as no seu arquivo e publicando-as nêste Boletim.

**A Direção dêste Boletim está interessada no levantamento da Carta Folclórica do Estado.**

**Portanto, leitor amigo, contribua para que consigamos tal intento.**

# TIA CHICA

Mário Campos Birnfeld

**A contribuição dêste ilustrado patrício conclue nêste número. Transmitimos, assim, uma belíssima página de folclore catarinense aos nossos leitores.**

## CRENDICES

A tia Chica acreditava na existência e na influência de bruxas, fantasmas, lobishomens, bois-tatás, assombramentos, etc. Contou-me acerca dessas cousas imaginárias, mais ou menos o que todos conhecemos, o que intimida os crendeiros do mundo.

Como novidade, falou-me de duas crendices, que morreram ao nascer, (a realidade não pare mitos. Que pena!) e duma, para a qual não encontrara nome, nem explicação.

**A primeira** foi batisada com o nome de boi-tatá do mar. Ei-la resumidamente: Durante a guerra, (a tia Chica não soube dizer-me se foi no correr da de 1914 a 1918, ou se na revolta da esquadra contra o marechal Floriano) veio do mar, uma noite, uma luz muito forte, que correu várias vezes pelas margens da baía de São Francisco, pelo morro do João Dias, pela enseada de Ubatuba, até a ponta da Enxada. Na entrada da barra, havia um grupo de pescadores, que se amedrontou com o fato. Um deles riscou na areia o sinosamão, dentro do qual puseram-se a rezar. A luz desapareceu, e, como vinha do mar, tinha de ser a manifestação dum boi-tatá do mar. No dia se-

guinte, todos correram à praia, e viram um navio-de-querra ancorado perto da ilha do Farol. Concluiram, então, que a luz ambulante provinha dum holofote. E não erraram.

**A segunda** chamaram de pelota. Apreciemo-la. Uma noite, vários pescadores estavam tarrafeando em Ubatuba. De repente, começaram a ouvir o som repetido (crebro som, como disse o Poeta) dum objeto, que caia no mar, perto deles. Suspenderam a pescaria, como medida de precaução e para consultarem sobre o caso. Depois de demorada discussão e análise do mistério, convenceram-se de que o Tinhoso, por zombaria ou para impedir que eles pescassem, atirava bolas no mar. Era melhor irem para casa. A notícia espalhou-se pelos sítios, e alguém, cheio de experiência ou de cepticismo, disse que aquele ruido devia ser o ronco de miraguaias. Ninguém mais falou em pelota.

**Vamos à terceira** Uma noite, a tia Chica viu sair do morro do João Dias um fogo, que, depois de subir muito, caiu no mar. Eu sugeri a hipótese dum foguete, dos empregados pelo exército para iluminar o campo inimigo. A tia Chica rejeitou a minha tentativa de explicação. Lembrei-lhe que, em cima do morro, havia um fortim ocupado por um pequeno destacamento de artilharia costeira. A tia Chica perseverou na crença de que aquele fogo não era obra humana, e, como ela não o viu mais, com certeza morreu com esse problema.

## BENZEDURAS

**Bichas.** Sobre a cabeça do paciente, que deve estar sentado, fazer o sinal da cruz com uma folha de laranjeira, enquanto diz três vezes:

De 10 que se parem em 9,
de 9 que se parem em 8,
de 8 que se parem em 7,
de 7 que se parem em 6,
de 6 que se parem em 5,
de 5 que se parem em 4,
de 4 que se parem em 3,
de 3 que se parem em 2,
de 2 que se parem em 1,
de 1 que se derreta, e que fique nenhuma.
Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amen.

Depois disso, atirar ao mar, ao rio, etc..., a folha de laranjeira.

**Casos de diagnóstico difícil.** Quando o mal é ignorado, fazer o sinal da cruz sobre o corpo do paciente, enquanto diz tres vezes:

Eu te benzo em nome de Deus Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Se tu tiveres mau olhado, quebranto, espinhela caída, ar, reumatismo, bicha chupa-sangue, bicha miuda, bicha grada, que Nossa Senhora te cure. Ámen, Jesus.

**Espinha de peixe ou osso preso na garganta.** Rezar tres vezes, atrás do paciente ,dando-lhe, após cada oração, pequeno golpe na nuca:

São Bras, pergunta ao moço (à moça) se é espinha ou osso, e que vá para baixo ou para cima, e que saia do pescoço. Ámen.

**Rendidura, pancada ou corte.** Simular que costura o lugar ofendido, com uma agulha nova e linha branca, enquanto reza tres vezes:

Por São Limponço, eu coso carne rasgada, nervo torcido, nervo magoado. Ámen.

Depois disso, por fora a agulha e a linha. (Quem será São Limponço? Não será corruptela de São Ildefonso?).

**Sol na cabeça. (Dôr de cabeça pertinaz ou enxaqueca)** Colocar sobre a cabeça do paciente, uma toalha dobrada e, sobre esta, uma garrafinha com água e tres dentes de alho. Rezar tres vezes:

Deus é Sol Deus é Lua, Deus é claridade. Sol, por onde entraste, por ali sairás.

Em nome de Deus e da Virgem Maria. Ámen.

Se a água ferver dentro da garrafa, o paciente ficará bom para sempre.

## ORAÇÕES

**Desfazer trovoadas ou temporais.** Aos primeiros ameaços do meteoro, rezar tres Credo e tres Ave.

A tia Chica me recomendou que não empregasse com muita frequência tão poderoso instrumento, a fim de evitar que a força das trovoadas ou dos temporais desfeitos se fosse acumulando, e desabasse um dia de modo catastrófico e incontível.

**Perseguições, difamações, etc.** Quando uma pessôa for ameaçada por alguém, for difamada ou pressentir que algo se trama contra ela, rezar:

Livrai-me, Jesus, dos meus inimigos,
se tiverem olhos, que não me enxerguem,
se tiverem ouvidos, que não me ouçam,
se tiverem mãos, que não me peguem,
se tiverem boca, que não me falem,
se tiverem armas, que não me firam;
boca de cão e de lobo para mim seja trancada,
boca dos meus inimigos para mim seja tapada.
Que eu fique em paz e em concórdia. Ámen.

Essa oração corre mundo em várias versões. A da tia Chica é concisa e essencial. Ciro Alegria, no seu romance de costumes peruanos, dá-nos uma versão cheia de novidades e muito prolixa.

**Perigo iminente ou grave, momentos difíceis ou in extremis.** Rezar: Entrego-me a Deus Todo-Poderoso, e que Seu Filho me dê a Sua divina luz. Entrego minha alma ao divino Jesus. Ámen.

**Súplica à Sant'Ana para os casos acima**

Senhora Sant'Ana
Mãe da Mãe de Deus,
Ouvi os meus gemidos,
Pois o clamor é meu.

Senhora Sant'Ana,
São José, São Joaquim,
Na hora da morte
Lembrai-vos de mi.

# ACHEGAS À PORANDUBA CATARINENSE

LUCAS A. BOITEUX

**Continuamos nêste número a divulgar as "Achegas à Poranduba Catarinense", que o nosso ilustrado conterrâneo Comte. Lucas Alexandre Boiteux houve por bem nos confiar para publicação.**

## EXPRESSÕES, FRASES FEITAS E LOCUÇÕES POPULARES

ADULAÇÃO:
Pôr nos cornos da Lua.
Pôr nos carapitos da Lua.
Tratar à vela de libra.

AFOITEZA:
Bolir em canzola de marimbondo.

ALEGRIA:
Vêr passarinho verde.

AUDACIA:
Ter topete.

BONDADE:
Bom de não prestar.
Bom de dôer.
Bom de pelar.

CIUME:
Dôr de canelas.

DECEPÇÃO:
Benzer-se com a canhota.
Cair a alma aos pés.
Ir às nuvens.

DEFESA:
Varrer a testada.
Pular fóra.
Safar a onça.

DESEQUILIBRIO MENTAL:
Andar de miolo móle.
Andar no mundo da lua.
De pá virada.
Estar de parafuso frouxo.
Ter macaquinhos no sotão.
Ter uma aduéla, uma veia, uma teia de menos.

DESCONFIANÇA:
Andar com pedra no sapato.
Andar de pulga na orelha.
Andar de orelhas murchas.
Com o diabo a roncar nas tripas.
Com o rabo entre as pernas.
Estar em cólicas.
Ter culpa no cartório.

DESPRESTÍGIO:
Águas passadas.
Bananeira que já deu cacho.
Carta fóra do baralho.

DIFICULDADE:
Aí é onde pega o carro.
Aí é que a porca torce o rabo.
Andar-se ou meter-se em maus lençóes.
Andar com a água pela barba.
Andar com a corda no pescoço.
Andar em palpos de aranha.
Andar no mato sem cachorro.
Meter-se em calças pardas.
Meter-se em camisa de onze varas.
Meter-se em funduras.

DISFARCE:
Fazer-se de Mané de Côco.
Não se dar por achado.

DIVAGAÇÃO:
Andar no mundo da Lua.
Ter cabeça de vento.

DESAPONTAMENTO:
Bater com o nariz na porta.
Perder o tempo e o latim.
Sair com a cara à banda.
Sair com a cara de pau.
Sair com nariz de palmo e meio.
Sair com uma lata ao rabo.

EGOISMO:
Meter-se no quente.
Mato de onde não sai coelho.
Sovina como rato.
Unha de fome.

EMBARAÇO:
Fazer das tripas coração.
Levar a cruz ao calvário.
Suar por quantas juntas tem.

EMBRIAGUEZ:
Amarrar uma gata, um pifão.
Beber água que passarinho não bébe.
Beber até os portais da igreja.
Bebedo que nem uma cabra.
Fardar-se de urso.
Ir à farmácia.
Estar chopeado, chumbado, na mona.
Matar o bicho.
Tomar um trago, um pileque, um pórre.

ENGANO:
Cair na esparréla.
Comprar gato por lebre.
Comprar nabos em sacos.
Fazer grilo.
Ficar chupando o dedo.
Ficar no "ora veja".
Passar a perna; a piassaba; um calo.
Passar uma rasteira.
Passar mel nos beiços.
Fazer uma tapeação.

EXAGERO:
Fazer de um argueiro um cavaleiro.
Negro como um tição.
Grande como um bonde.
Sangrar na veia da raiva.
De levar couro e cabelo.

EXPLORAÇÃO:
Meter o dente.
Deixar em fraldas.
Comer alguém por uma perna.

FELICIDADE:
Andar na ponta.
Caír no gôto.
Com uma cajadada matar dois coelhos.

Caír a sôpa no mel.
Dar conta do recado.
Dar no nove... no vinte.
De vento em pôpa.
Estar no seu Pernambuco.
Estar em suas sete quintas.
Nadar em águas de rosas.
Ouro sôbre azul.
Ser mais feliz que Tiradentes.
Tirar o ventre da miséria.
Tirar o pé da lama.
Tirar o dedo do...
Viver à tripa fôrra
Viver num céu aberto.

FUGA:
Dar às vilas Diogo.
Dar sêbo às canelas.
Abrir o arco.
Meter o pé no mundo.
Abrir o chambre.
Pernas p'ra que tê quero.
Tirar o corpo fóra.
Sair cispando.
Sair escafedendo.
Sair de lata ao rabo.
Sair vendendo azeite às canadas.

GRAVIDEZ:
Estar de barriga à bôca.
Estar de esperanças.
Estar picada da cobra.

HIPOCRISIA:
Acender uma vela a Deus e outra ao diabo.
Cara de boi sonso.
Chorar pela testa acima.
Chorar lágrimas de crocodilo.
Maria vai com as outras.
Morder e assoprar.
Pau de dois bicos.
Rir-se dos dentes p'ra fóra.
Riso amarelo.
Vêr cara e não vêr coração.
Virar casaca.

IGNORANCIA:
Burro como uma porta, como uma tranca.
Cair de quatro e não se levantar.
Dizer batatas.
Dr. da mula ruça.
Dr. da Academia do Eduardo Sales.
Não entender do riscado.
Não enxergar 2 palmos adiante do nariz.
Falar grego.

INDISCRIÇÃO:
Bater ou dar com a língua nos dentes.
Cair como um patinho.
Dar um gargarejo.
Deitar verde para colher maduro.
Rêde ou barco furado.
Segredo de Polichinelo.
Tapar o sol com uma peneira.

IMPOSSIBILIDADE:
No dia de São Nunca.
Quando as galinhas criarem dentes

INTROMISSÃO:
Meter-se a fogueteiro.
Nariz de cêra.

INQUIETAÇÃO:
Perder a tramontana.
Ter bicho carpinteiro.
Ter praga de Judeu errante.

INSUCESSO:
Bater com o nariz na porta.
Cair de cavalo magro.
Dar em água de barrela.
Dar com os burros nagua.
Dar por paus e por pedras.
Entornar o caldo.
Espichar-se todo.
Ficar no "Ora veja".
Pagar o pato.
Perder seu latim.
Sair atolado.
Sair de mãos abanando.
Sair-lhe o tiro pela culatra.
Sair depenado.
Sair com uma mão atraz e outra adiante.

INTERESSE:
Puxar a brasa para a sua sardinha.
Puxar a sardinha com a mão do gato.
Não pregar prego sem estôpa.

IRRASCIBILIDADE:
Fogo de palha.
Chegar a mostarda ao nariz.
Dar o desespero.
Estar com seus burros; com seus azeites.

Estar de cara amarrada.
Estar com seus cabritos amarrados.
Estar comendo fogo; ou brasas.
Estar com cara de desmamar criança.
Ter maus bofes
Ter maus bofes; cabelos na venta.
Ter cabelos no coração.
Pôr as unhas ou os manguitos de fóra.
Tomar o pião na unha.
Trovoada de verão.
De crista levantada.

LIBERALIDADE:
Coração de ouro.
De mão beijada.
Mão aberta; mão larga.
Pai da pobreza.

MALIDICÊNCIA:
Bater língua.
Cortar miudinho.
Cortar na péle.
Fazer a cama a alguém.
Descascar a marreta.
Língua de trapo; ou de prata.
Meter a catana, a ronca.
Soltar os cachorros.
Descosêr as orelhas.

MORTE:
Dar com o rabo na cêrca.
Espichar as canelas.
Ir p'ra irmandade dos pés juntos
Ir dêste para a melhor.
Virar bicho.

NAMORO:
Andar nas águas.
Arrastar a aza.
Dar corda.
Enfeitar-se.
Fazer roda.
Fazer seu pé de Alferes.
Levar gola; lata; taboa.
Pau de cabeleira.
Tomar gargarejo.
Onze letras.

POBREZA:
Comer da banda pôdre.
Estar na pindaíba.
Estar de louça a um pires.
Não ter onde cair morto.
Não ter nada de seu.
Passar vida de cachorro magro.
Ser um pobre de Cristo.
Ser pobre como Job.
Sem eira nem beira nem ramo de figueira.
Fazer cruzes na bôca.
Ter caveira de burro.

PRESUNÇÃO:
Formiga com catarro.
Ter mais fama que escama.
Cair do céu por descuido.
Contador de potocas; de rodelas.
Prosa não custa dinheiro.
De meia tigéla.

PREGUIÇA:
Andar à fiuza.
Dar de mamar à enxada.
Deixar o barco correr.
Deixar correr o marfim.
Esperar por sapato de defunto.
Fazer cêra.
Ficar no gancho.

PROTEÇÃO:
Cair nas boas graças.
Fechar os olhos.
Passar a mão pela cabeça.

PRUDÊNCIA:
Aproveitar-se enquanto Braz é o tesoureiro.
Êle? ... nem uma, nem duas.
Fazer-se de Mané de côco.
Ficar de bico calado.
Macaco velho, mitrado.
Meter-se nas encolhas.
Não cair de cavalo magro.
Não dar um ar de sua graça.
Não falar nem piar.
Não meter mão em combuca.
Não tugir nem mugir.
Não se dar por achado.
Nem fé deu.
Não embarcar em canôa furada.
Pôr as barbas de môlho.
Vêr em que param as modas.

RAPIDEZ:
A toque de caixa.
Como gato por brazas.
Em três tempos.
Enquanto o diabo esfrega um olho.
Fogo viste linguiça.

Na ponta da língua.
Num pensamento; num relampago.
Num abrir e fechar de olhos.
Sangria desatada.
Tirar o pai da forca.

REPROCHE:
Botar os cachorros em cima.
Cortar as azas; cortar a prôa.
Deitar água na fervura.
Dar pai à criança.
Dar nome aos bois.
Pôr sal na moleira.
Pôr tudo em pratos limpos.
Preparar uma boa cama.
Quebrar a castanha nos dentes.
Apertar a cravelha.

TEMPOS REMOTOS:

No tempo em que Adão era cadete.
No tempo em que se amarravam os cães com linguiça.
No tempo dos Afonsinhos.
No tempo do Onça.

## HIPOCORÍSTICOS

São muito variados e empregados em Santa Catarina. Anotei os seguintes:

| | |
|---|---|
| ALEXANDRE: | Xandóca |
| ALBERTO: | Betinho |
| | Bebeto |
| | Beto |
| | Betoca |
| ALFREDO: | Fedóca |
| AMÉLIA: | Melinha |
| | Mela |
| ANGÉLICA: | Zélica |
| | Lica |
| ANTÔNIO: | Antonico |
| | Antoninho |
| | Tonico |
| | Toninho |
| | Totonho |
| ARTUR: | Tuca |
| BEATRIZ: | Brites |
| BENEVENUTO: | Nuto |
| CÂNDIDO: | Candinho |
| | Candoca |
| | Candonga |
| | Dóca |
| | Donga |
| CANUTO: | Nuto |
| CARLOTA: | Lolota |
| | Lota |
| CARLOS: | Carôlo |
| CAROLINA: | Caróla |
| | Carú |
| DEODATO: | Dato |
| DOMINGOS: | Mingóte |
| DOROTÉA | Tetéa |
| EDMUNDO | Mundico |
| | Mundo |
| ELEUTÉRIO: | Téio |
| EMÍLIA: | Mila |
| | Milóca |
| EMERENCIANA: | Merencia |
| EUCLIDES: | Quido |
| | Quidóca |
| EUGENIA: | Geninha |
| EULÁLIA: | Lalá |
| | Lalinha |
| FERNANDO: | Nandinho |
| | Nando |
| HELENA: | Lena |
| HENRIQUETA: | Quequeta |
| | Queta |
| ISABEL: | Béla |
| | Belinha |
| | Zabéla |
| | Zabelinha |
| FRANCISCA: | Francisquinha |
| | Chica |
| | Chiquinha |
| FRANCISCO: | Francisquinho |
| | Chiquinho |
| | Chiquito |
| | Chico |
| | Chicô |
| PEDRO: | Pedroca |
| ETELVINA: | Vivina |
| | Viví |
| ISOLINA: | Zola |
| | Zolinha |
| JOANA: | Jana |
| JOÃO: | Joãosinho |
| | Joanico |
| | Jóca |
| | Jojoca |
| | Janjão |
| | Jango |
| | Janguinha |

| | | | |
|---|---|---|---|
| JOAQUIM: | Quinca ou Quincas | LUIZA: | Luluca |
| | Quinquin | | Luca |
| JOAQUINA: | Quinota | | Lulú |
| | | | Iza |
| JOSÉ: | Josésinho | | Ziza |
| | Joquinha | LUCINDA: | Cinda |
| | Joca | | Cindinha |
| | Juca | MADALENA: | Lelena |
| | Juquinha | | Lena |
| | Cazéca | MANUEL: | Mandú |
| | Cazuza | | Manduca |
| | Zé | | Mané |
| | Zéca | | Manésinho |
| | Zequinha | MARGARIDA: | Margô |
| | Zezé | MARIA: | Mariasinha |
| | Nené | | Mariïnha |
| | Jojoca | | Mariquinhas |
| JOSEFINA: | Fina | | Mariquita |
| | Fifina | | Maricota |
| | Finóca | | Maricotinha |
| JULIA: | Julinha | | Maroca |
| | Julita | | Maruca |
| | Juju | | Bilica |
| LEONOR: | Nonô | | Quita |
| | | | Cota |
| LUIZ: | Lulú | | Ica |
| | | SEBASTIÃO: | Bastião |

## CASOS RIMADOS

### O BOI CARA-BRANCA
**(Canasvieira)**

No lugar da Ponta-Grossa
tem o campo do Pontal
dentro tinha formoso boi,
era um bonito animal...
Dentro dos campos de Lages
não se criava outro igual.

Um boi preto, cara branca,
(eu que digo é porque é)
a ponta da cóla branca,
calçado dos quatro **pé**... ..
Não respeitava homem a cavalo
quanto mais homem de a pé.

O famoso Cara-branca
Deixou o seu natural,
e veio mostrar sua fama
lá no campo do Pontal.
Contando ninguem acredita
na fama desse animal.

No domingo, dia de festa
o povo todo se ajuntou
para vêr o Cara-branca
que lá no campo ficou.
Quando de longe o avistaram
a metade se acobardou.

O Cara-branca fez frente
no meio de uma pastagem;
o pessoal de a pé
todo perdeu a coragem.

O povo se reuniu...
e entrou em combinação
para vir do povoado
arranjar uns quatro cão...
p'ra pegar o Cara-branca
que é igual a um leão.

Seguiram com os cachorros,
(uma cachorrada bôa),
encontraram o Cara-branca
no lugar chamado Gambôa.
Para o povo se escapar
Foi atráz de uma canôa.

Soltaram a cachorrada
no famoso animal;
o Cara-branca ganhou a praia
e foi parar lá no Pontal.
Quiz se atirar num lanchão
que vinha da Capital.

Saíu d'água para fóra
e na praia sêca parou...
Nessa mesma ocasião
veio chegando o **laçadô**.
Em distancia de dez braças
Com o Cara-branca gritou.

O Cara-Branca suspendeu-se
sem tocar o pé no chão;
não pegou o cavaleiro
por intermédio dos cão ..

O laçador se garantia
sem ter medo de laçar;
tinha receio do cavalo
que não dava p'ra aguentar.
Era lindo o Cara-branca
no meio da praia a berrar.

O Sol estava baixo
a noite já vinha perto,
a festa estava bonita:
era mesmo um céo aberto.
E o formoso Cara-branca
bem solto naquele dezerto.
O Cara-branca estava n'agua,
da venta saía-lhe fumaça...
Avistou uma pessôa
na distancia de cem braça,
botou-se p'ra dita pessôa...
Diz o laçador; — "Que desgraça!"

Quando o Cara-branca correu,
o laçador correu também,
para defender um pobre
que tantos filhinhos tem...
O famoso Cara-branca
não respeitava a ninguém!

Ás quatro horas da tarde
o laçador se animou,
passou a mão do seu laço
e para o Cara-branca marchou.

Parou em certa distancia
e pôz-se a consderar...
Deu um tiro no Cara-branca:
foi o mesmo que não atirar...
E o famoso Cara-branca
No meio da praia a cavar...

Atirou-lhe uma laçada
Mas não puxou pelo laço;
o lugar era dezerto
e tinha muito embaraço.
Mas quando ferrou a laçada
foi lindo o grande cagaço.

Não laçou pela cabeça,
ferrou no móle do pescoço...
Cara-branca pulou na praia,
e o barulho se fez grôsso...
E o laçador a gritar,
Que chegasse mais reforço.

Sempre botaram em dous laços
e tocaram pela praia à fóra.
Gritava o povo do morro:
— "Cara-branca vem embora!...
Quando o botaram na vara
o Sol inda estava de fóra.

Um cavaleiro na frente,
e o povo de a pé, atráz...
Chegou em certa distância
Parou e não andou mais.

O cavaleiro da frente
fucinhou e foi ao chão...
O que valeu ao laçador
foi trazer a faca na mão;
passou a faca no laço,
não houve perigo, não.

Todo o povo se abriu
e Cara-branca ficou
co'os dous laços de rasto
e o povo mais não chegou...
Perseguido dos cachorros
p'ra dentro d'agua entrou.

Aí foi grande o barulho,
foi bonito o saragaço;
os cavaleiros não puderam
chegar a agarrar o laço,
já estavam de combinação
para lhe dar um balaço.

Homens velhos do lugar
acabaram de dizer,
que boi como o Cara-branca
nunca se constou de vêr.
Correram p'ra cima do morro
para acabar de crêr...

Só mesmo quem foi lá vêr
como a coisa era bonita...
O caso sendo contado
o povo não acredita.

## O FILHO DO SACRISTÃO E SUAS NAMORADAS

**(Canasvieira)**

A Moça
Senhor Padre confessor,
queira-me aqui confessar,
porque tenho muita pressa,
não me posso demorar,
pois tenho mamãe doente
e preciso de a tratar.

O Padre
Espere um pouco, minha filha,
já vais ser **abreviada...**
Mas que é que você tem,
que anda tão **desquarada?...**
Conte o que lhe aconteceu,
qu'eu por mim não digo nada...

A Moça
Ah? meu rico confessor,
Eu me sinto empanzinada;
Não sei o que tenho em mim
Desd'a semana passada...
Vejo a barriga crescer,
não sei se será inchada?!

O Padre
Coitadinha! Pobre creança,
como és inocentinha!
Para o que trazes na pança
vai procurando madrinha...
Diz-me quem foi o tratante?...
que gostou dessa frutinha?...

A Moça
Foi o Antônio da vizinha,
que é um coração lavado;
brincou comigo à noitinha
e caiu no chão desmaiado.
Foi brincar com a Lulú,
por isso ficou cançado...

O Padre
Quem vem a ser a Lulú
de quem você me falou?
É alguma sua amiga
que Antônio dela zombou?...
Diga, que eu o castigo
quando vier onde estou...

A Moça
Não, senhor, é minha mana;
e tenho outra costureira
que vai casar com o Antônio
porque inda está solteira.
Mamãe gosta muito dêle
pela sua brincadeira...

O Padre
Oh! com seiscentos diabos,
já não posso ouvir tanto!
Eu sou padre, mas sou homem,
e com certeza não sou santo...
Já sinto tais calafrios...
desculpa se me levanto...

A Moça
O senhor está tão vermelho,
com certeza está doente?!
Se quizer volto amanhã
acabar o expediente.
Com respeito ao Antônio,
é cacete e amola a gente...

O Padre
Vai-te, com Nossa-Senhora,
Inocente endiabrada!
De tudo que me contaste
Só tua mãe é culpada,
que deixou o tal Antônio
lamber tôda a marmelada.

.....

O Sacristão
Que é que tem, seu Vigário?
o senhor está descorado,
parece que não está bom,
vejo-o tão apoquentado?
Se precisa alguma coisa
aqui me tem a seu lado...

O Padre
Vem cá, meu velho amigo,
que te quero perguntar
se conheces essa moça
que estive a confessar,
que aqui me deixou à tôa
com a cabeça no ar?!...

O Sacristão
Conheço-a perfeitamente;
é um anjo de virtude,
namorada de meu filho,
a quem sua beleza ilude...
Êle é muito envergonhado
e de cabeça muito rude...

O Padre
Santo Deus! estou pasmado
ou não escutei desta vez!
Dizes que o filho é envergonhado
E namora logo três?!...
É capaz de embrulhar tudo
se entrar na casa mais um mês...

O Sacristão
Eu não posso acreditar
na esperteza do rapaz!
Mas, agora não digo nada,
quero vêr o que êle faz;
quero vêr se a ciência
anda p'ra diante ou pr'a traz?

.....

A Moça
Bom dia, senhor Vigário,
Aqui me tem outra vez,
a dizer-lhe que mamãe
se casa d'aqui a um mês,
com o Antônio da vizinha
que nos namorou as três...

O Padre
Aí tens, meu velho amigo,
o teu plano seguro;
o tal rapazinho tolo
a beber vinho maduro;
depois de provar pão móle
também quiz provar do duro...

O Sacristão
Por esta agora não esperava,
qu'ele fôsse dessa raça,
que deixasse as moças novas
p'ra casar com uma carcassa.
Bem mostra que deixa o vinho
para só tomar cachaça.

O Padre
Eu já não quero ser padre,
pois não há religião;
antes quero ser pastor
e trazer sempre o pau na mão...
Dar cacetadas à vontade
é a minha satisfação.

O Sacristão
Muito bem, senhor vigário,
é meu gosto, é meu prazer
deixar de ajudar a missa
para bons petiscos comer...
Um filho que sai ao pai
Não se pode arrepender.

## A ENGEITADINHA

Em um grupo de meninas
uma vi tão delicada,
que não tinha pai nem mãe,
era uma pobre engeitada.

De todas as criancinhas
era ela a mais bonita;
mas não tinha no vestido
nem um só laço de fita...

Nem uma cruz no pescoço,
nem um anel no dedinho,
nem brincos que enfeitassem
seu semblante de anjinho.

As outras tinham botinas
com lindo laço e fivéla;
a pobresinha engeitada
não tinha um par de chinéla.

As outras tinham vestido
com lindos laços de fita;
e a pobresinha engeitada
Só tinha vestido de chita.

Coitada! entre as outràs
às vezes suspirava um ai,
como se dissesse ao mundo:
"Não tenho mãe nem pai.

Não tenho mãe, não tenho ca-
[rinhos;
Não tenho pai, não tenho desvêlos;
não tenho uma santa avósinha
que me penteie os cabelos.

No seu dia natalício
não sabia onde nasceu;
apenas sabe qu'entre espinhos
neste mundo apareceu.

— "Queria ter minha mãe,
como os outros têm a sua...
Não andava desprezada
como os cachorros na rua.

"Ah! meu Deus, tirai-me a vida,
Qu'eu mesmo quero morrer...
Uma mãe como foi a minha
nunca mais eu hei de ter".

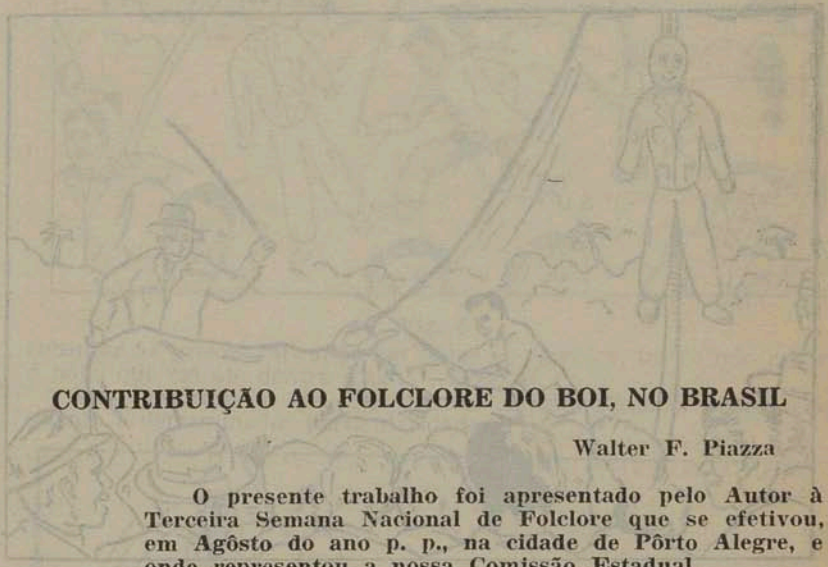
"Eu queria ter minha mãe,
nem que fôsse um espinheiro...
Embora ela me espinhasse
mas era a mãe verdadeira.

"Eu queria ter minha mãe,
nem que fôsse um tição...
Embora ela me queimasse
era a mãe do coração".

**Cooperemos para a conservação das nossas mais belas tradições, prestigiando a organização dos autos populares do ciclo Natal e de Reis:**

---

**A Comissão Catarinense de Folclore receberá, de bom grado qualquer contribuição que possa interessar ao seu museu especializado, ora em organização.**



# CONTRIBUIÇÃO AO FOLCLORE DO BOI, NO BRASIL

Walter F. Piazza

**O presente trabalho foi apresentado pelo Autor à Terceira Semana Nacional de Folclore que se efetivou, em Agôsto do ano p. p., na cidade de Pôrto Alegre, e onde representou a nossa Comissão Estadual.**
**Eis porque o divulgamos em primeira mão.**

O tema de nossa contribuição — contribuição açoreanista, frizamos — "o boi-na-vara" e outras "brincadeiras de boi", é — cumpre assinalar — uma revivescência da "tourada à corda", ainda, hoje, usada no arquipélago açoreno (1).

Sôbre o papel do boi nos habitualismos das Ilhas açoreanas (e das terras de onde se originaram seus povoadores) demos a palavra a um açoreano (2): "O Alentejo tem as **toiradas à vara larga.** Não há português do sul que desconheça essa modalidade primitiva da festa brava, em que o riso prepondera sôbre a emoção e a arte de lidar o toiro cede o passo às cambalhotas e às peripécias da fuga e da arremetida intermitentes. — A Terceira que cultiva, como nenhuma outra Ilha dos Açores, as corridas de toiros, possue, também, a sua modalidade própria, original, inconfundível — **toiradas à corda".**

No nosso Estado de Santa Catarina — e cremos ser o único Estado do Brasil onde se efetuam — as "brincadeiras de boi" são reali-

(1) — Album do 5º Centenário do Descobrimento dos Açores, 1432-1932, edição da Revista "Ilha Terceira".
(2) — Hugo Rocha — "Primavera nas Ilhas", edição de Ponta Delgada.

zadas, ùnicamente, nos municípios da orla litorânea, desde São Francisco do Sul até Laguna, onde são os verdadeiros divertimentos populares.

Um dos nossos informantes (3) disse que "a época de sua realização é na Semana Santa, inicia-se na quarta e prolonga-se até o sábado de Aleluia". Entretanto, cabe-nos afirmar que, na localidade de Santa Luzia, no município de Tijucas, assistimos um "boi-na-vara" em dias subsequentes à Páscoa de 1949, e, em outra época do ano, na primavera de 1948, na localidade de Terra-Nova, no mesmo município de Tijucas, assistimos o aludido folguedo.

E o que é o "boi-na-vara" ?

**Fig. 1**

Eis como Apolinário Pôrto-Alegre que assistiu a realização dêste habitualismo, na Ilha de Santa Catarina, na localidade de Saco dos Limões, o descreve (4): "Imaginem um comprido varejão forte e grosso, mas flexível, tendo seis ou sete metros de longura e talvez enterrado quase um metro pela extremidade mais cheia e robusta, para ficar firme no solo. Da outra extremidade pende um laço bem atado que vem prender-se às guampas dum boi escolhido, como capaz de luta (fig. 1). No meio do varejão há uma figura de homem em tamanho natural, feita de panos e trapos. Quando o cornígero prêso estica o laço, tentando desprender-se, a vara curva-se e o boneco como que fica suspenso e ameaçador sôbre sua cabeça (fig. 2). O boi que o vê, arremete contra êle, e a vara volta à posição vertical, levando consigo o boneco (fig. 3). Aquêle recua de novo, êste torna ainda à segunda posição. E repetem-se assim as mesmas cenas, enfurecendo por fim a alimária, a ponto de às vezes

(3) — Informação do sr. Carlos George Du Pasquier, agente de estatística do município de Biguaçú, SC.

(4) — Apolinário Pôrto-Alegre — "Viagem a Laguna (1896)", in "Província de São Pedro", nº 8, março de 1947, Pôrto-Alegre.

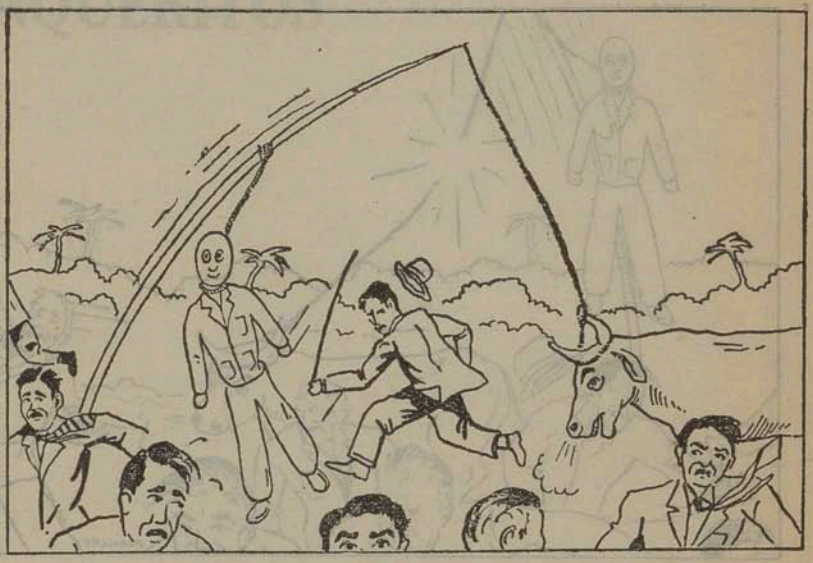


Fig. 2

rebentar as prisões, atirar-se em tôdas as direções, investindo contra o povo que cai até dentro d'água". (Fig. 4).

Esta descrição é fiel. No entanto cabem algumas observações quanto à determinadas particularidades.

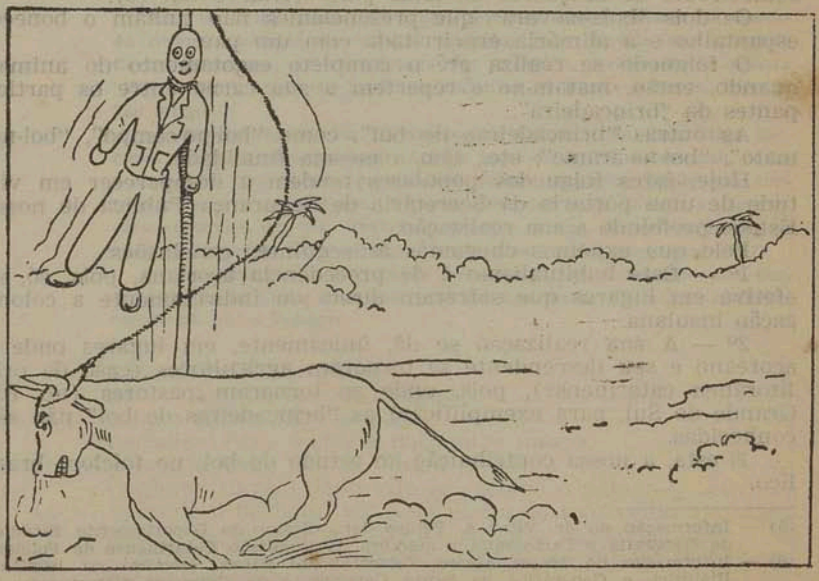


Fig. 3

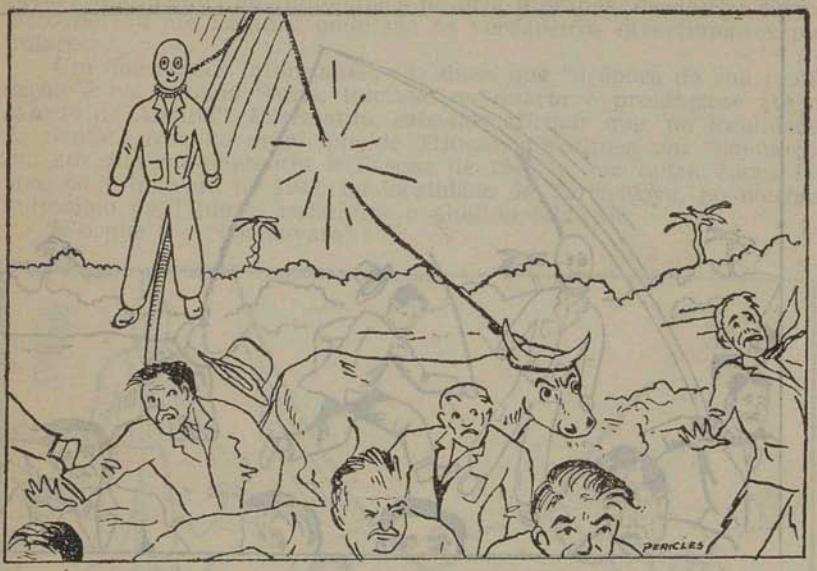



**Fig. 4**

No município de Araquarí (antigo Paraty), ao se prender o boi à vara se armam vários laços, afim-de se evitar a sua evasão (5). Em São José, à cauda do animal se amarrava uma lata e formava-se um semi-círculo de batedores de latas para irritar o boi (6).

Os dois "bois-na-vara" que presenciamos não tinham o boneco-espantalho e a alimária era irritada com um páu.

O folguedo se realiza até o completo esgotamento do animal, quando, então, matam-no e repartem a sua carne entre os participantes da "brincadeira".

As outras "brincadeiras de boi", como "boi-no-campo", "boi-no-mato", "boi-no-arame", etc., têm a mesma finalidade.

Hoje, êstes folguedos populares tendem a desaparecer em virtude de uma portaria da Secretária de Segurança Pública de nosso Estado proibindo a sua realização.

Pelo que expomos chegamos às seguintes conclusões:

1º — Êste habitualismo é de procedência açoriana, pois, só, se efetiva em lugares que sofreram direta ou indiretamente a colonização insulana.

2º — A sua realização se dá, ùnicamente, em lugares onde o açoreano e seu descendente se tornaram agricultores (caso da orla litorânea catarinense), pois, onde se tornaram pastores (no Rio Grande do Sul, para exemplificar) as "brincadeiras de boi" não são conhecidas.

É esta, a nossa contribuição ao estudo do boi, no folclore brasílico.

---

(5) — Informação do dr. Vitor A. Peluso Jor., diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia e membro da Comissão Catarinense de Folclore.

(6) — Informação do Major Álvaro Tolentino de Souza, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Comissão Catarinense de Folclore.

Pôrto-Alegre, agôsto, 26, 1950.

# INQUÉRITOS

## ADAGIÁRIO

### MUNICÍPIO DE LAGUNA

**Êste inquérito como nos temos referido anteriormente foi baseado numa coletânea de adágios reunidos pelo crudito dr. Armando Cortes Rodrigues, no arquipélago dos Açôres e, publicado na revista "INSULANA", órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel.**

**— Encaminhado pelo Departamento Estadual de Estatística mereceu a melhor atenção do sr. Agente local do IBGE, entretanto, como a Comissão Catarinense de Folclore possue naquela cidade um correspondente, o prof. Ruben Ulysséa, uma das mais completas formações culturais de Sta. Catarina, deu-lhe vistas do questionário ao qual acrescentou mais alguns adminículos (serão apontados: RU).**

**— Agradecemos a prestimosa colaboração de todos que nos têm ajudado nesta árdua luta em pról de um maior e melhor conhecimento do nosso Folclore.**

3 — Agôsto, candieiro pôsto.
**RU** — Agôsto, mês de desgosto.
6 — A bôca calada faz bôa sopa.
**Variante:** Bôca fechada não entra môsca.
11 — A cavalo dado, não se olha o dente.
Variante: Cavalo dado, não se escolhe o pêlo.
14 — Aprende o barbeiro novo na barba do tolo velho.
**RU** — Aprende-se a barbeiro na cara dos tolos.
16 — A quem se mete por atalhos nunca lhe faltam trabalhos.
17 — Beleza não põe mesa.
20 — Com teu amo não jogues as peras.
30 — De pequenino se torce o pepino.

34 — Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.
36 — Filhos criados, trabalhos dobrados.
42 — Largos dias têm cem anos.
55 — Nunca falta um chinelo velho para um pé doente.
**Variante:** Nunca falta um chinelo roto, para um pé torto.
60 — O que faz bem ao fígado, faz mal ao bofe.
63 — Pelo pôr da isca se conhece o pescador.
64 — Pelo afinar da viola se conhece o tocador.
69 — Porque sabe o diabo tanto? porque é velho.
**RU** — O diabo é sábio porque é velho.
70 — Quem vai ao ar, perde o lugar.
71 — Quem vai ao vento, perde o assento.
72 — Quem tem rabo, não se assenta.
74 — Quem diz o que quere, ouve o que não quere.
75 — Quem mal tem, não cuida.
**Variante:** Quem mal não tem, mal não pensa.
78 — Quem dá o pão, dá o castigo.
80 — Quem quere mais do que convem, perde o quere e mais o que tem.
81 — Quem não vê, não deseja.
**Variante:** O que os olhos não vêem, o coração não deseja.
85 — Quanto mais pressas, mais vagares.
87 — Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas.
99 — Uma mão lava a outra e ambas lavam o rosto.
**Variante:** Uma mão lava a outra e ambas o rosto.
103 — Águas passadas não fazem correr ribeiras.
**Variante:** Águas paradas não movem moinhos.
106 — Até à morte há sorte.
109 — A quem tudo quer saber nada se lhe diz.
**Variante:** A quem tudo quer saber, mecherico quer fazer.
113 — Burro velho não aprende letra.
**RU** — Burro velho não aprende mais o caminho.
117 — Comer e cramar o mais é começar.
**RU.**— Comer e coçar, tudo está no começar.
122 — Com papas e bolos se enganam os tolos.
123 — Deus ajuda a quem trabalha e esta regra nunca falha.
**Variante:** Deus ajuda a quem madruga.
125 — Dinheiro emprestado, inimigo ganhado.
131 — De grão em grão enche a galinha o paparrão.
**Variante:**De grão em grão, a galinha enche o papo.
148 — Mulher doente, mulher para sempre.
153 — Navio parado não ganha frete.
**RU** — Barco parado não ganha frete.
173 — Quem muito corre, pouco alcança.
186 — Quem tem filhos tem cadilhos, quem não tem, cadilhos tem.
197 — Uvas verdes, nem os cães as comem.
216 — Cada cabeça, sua sentença.
223 — Deus nunca falta aos seus.
225 — Dá-me gordura, dar-te-ei formosura.
230 — De dez réis a dez réis é que se chega a mil réis.
233 — Entre marido e mulher não metas a colher.
**Variante:** Entre marido e mulher, não se deve meter a colher.
235 — Flor no peito, asno feito.
**Variante:** Flôr no peito, bôbo feito.
243 — Laranja, de manhã é oiro, de tarde, prata e à noite, mata

**RU** — Banana, de manhã, é ouro; de tarde, prata; de noite, mata.

244 — Muito riso, pouco siso.

246 — Marinheiro não paga frete.

251 — Nem muito ao mar, nem muito à serra.

**RU** — Nem muito ao mar, nem muito à Terra.

254 — Ninguém se levanta, se não depois de cair.

255 — Nem com tôda a fome à caixa, nem com tôda a sêde à fonte.

**Variante:** Nem com tôda a fome se vai ao prato, nem com tôda a sêde se vai ao pote.

256 — O que é por gôsto regala a vida.

258 — O que o Diabo dá, o Diabo o tira.

**RU** — O que o berço dá, só a cova tira.

262 — Olhos que não vêem, coração que não padece.

**Variante:** Longe dos olhos, longe do coração.

263 — O que arde cura, o que aperta segura.

266 — Pela língua morre o peixe.

**Variante:** Pela bôca é que morre o peixe.

272 — Quem espera, desespera.

273 — Quem porfía, mata caça.

274 — Quem cala, consente.

276 — Quem sae aos seus não degenera.

**Variante:** Quem sae aos seus, não deve aos estranhos.

277 — Quem mais tem, mais deseja.

**Variante:** Quanto mais se tem, mais se quer.

279 — Quem muito dorme, pouco aprende.

286 — Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.

**Variante:** Quem vento semeia, colhe tempestade.

302 — Antes calar, que mal falar.

304 — Ande eu quente, e ria-se a gente.

307 — A bom entendedor meia palavra bonda.

**Variante:** Para bom entendedor, meia palavra basta.

314 — Cada qual com seu igual.

315 — Cão que ladra, não morde.

317 — Cautela e caldo de galinha nunca fazem mal a doente.

321 — Cesteiro que faz um cesto, faz um cento, se tem verga e tempo.

**Variante:** Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

331 — Em casa de ferreiro, espêto de pau.

339 — Hoje por mim, amanhã por ti.

341 — Homem prudente, vale por dois.

**Variante:** Um homem prevenido vale por dois.

345 — Morre o homem, fica a fama.

352 — Não há beleza, sem senão.

358 — O que não mata, engorda.

359 — Onde o galo canta, aí janta.

367 — Para judeu, judeu e meio.

**RU** — Para velhaco, velhaco e meio.

371 — Quem casa, quere casa.

372 — Quem não deve, não teme.

378 — Quem tem bôca, não manda assoprar.

380 — Quem tem sorte, até os cães lhe põem ovos.

383 — Quem tarde vier, comerá do que trouxer.

**Variante:** Aos chegam tarde à mesa, só restam ossos.

384 — Quem da e torna a tirar, ao inferno vai parar.

**Variante:** Quem dá e tira, cria rabo.
**RU** — Quem dá e tira, fica corcunda.
385 — Quem tem de pedir aos Santos, recorra a Deus.
386 — Quando mija um português, se mija um, mijam três.
388 — Ralham comadres, descobrem-se verdades.
**RU** — Brigam as comadres, descobrem-se as verdades.
398 — Uma desgraça nunca vem só.
400 — Voz do Pvo, voz de Deus.
402 — A fome é o melhor conduto.
**RU** — A fome é a melhor cozinheira.
403 — Antes sê-lo, que parecê-lo.
419 — Cria boa fama e deita-te a dormir.
**Variante:** Cria boa fama e deita-te na cama.
420 — Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.
422 — De vagar, que tenho pressa.
**RU** — Se tens pressa, vai de vagar.
426 — Da tigela à bôca, se perde a sopa.
**RU** — Do prato à bôca, perde-se a sôpa.
431 — Diz-me com que andas, dir-te-ei as manhas que tens.
**Variante:** Diz-me com quem andas, e dir-te-ei quem és.
432 — Enquanto se descansa, ajunta-se cascalho.
**RU** — Enquanto se descansa, carrega-se pedra.
440 — Honra e proveito não cabem num saco.
**RU** — Dois proveitos não cabem num saco.
443 — Ladrão, que furta ladrão, tem cem anos de perdão.
444 — Madrasta o nome lhe basta.
**RU** — Madrasta, o Diabo arrasta.
451 — Não há dinheiro que pague a saúde.
452 — Na barba do tolo todos aprendem a rapar.
456 — O seu, a seu dono.
460 — O que o berço dá, a tumba o leva.
**RU** — O que o berço dá, só a cova tira.
462 — O que é barato sai caro.
**Variante:** O barato sai caro.
468 — Papas quentes fazem mal aos dentes.
476 — Quem se pica, cardos come.
477 — Quem não canta, não balha.
**Variante:** Quem não chora, não mama
**RU** — Acha que não corresponde a variante ao sentido da colhida nos Açores.
481 — Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.
482 — Quem não te conhece, que te compre.
487 — Quem furta a ladrão, tem cem anos de perdão.
**Variante:** Ladrão, que rouba a ladrão, tem cem anos de perdão.
490 — Rí-se o nú do mal vestido.
**Variante:** Rí-se o rôto do esfarrapado.
493 — Tal pai, tal filho.
495 — Tanto tens, tanto vales.
**Variante:** Quanto tens, quanto vales; nada tens, nada vales.
498 — Tantas vezes vai o cão ao moinho, que lá fica o focinho.
**RU** — Tantas vezes vai o pote à fonte, que, afinal, lá deixa a asa.
501 — Ano novo, vida nova.
502 — Antes pouco, do que nada.
503 — Antes só, que mal acompanhado

504 — Antes morto com honra, do que vivo sem vergonha.
505 — Antes pouco e certo, do que muito e duvidoso.
506 — A palavras loucas, orelhas moucas.
507 — A palavra é de prata, o silêncio é de oiro.
509 — A galinha da minha vizinha é melhor do que a minha.
**RU** — A galinha do vizinho é sempre mais gorda.
515 — Cada um sabe de si, e Deus de todos.
517 — Casamento e mortalha, no ceu se talha.
519 — Chega-te aos bons, serás como eles.
520 — Deus dá o frio, conforme a roupa.
522 — Deus que te marcou, algum defeito te achou.
525 — Depois do mal feito, chorar não é proveito.
533 — Filho de peixe sabe nadar.
**Variante:** Filho de peixe, peixinho é. Filho de tigre, sai pintado.
535 — Guarda que comer, não guardes o que fazer.
539 — Longe de vista, longe do coração.
543 — Mais vale um gôsto, que quatro vintens.
551 — Ninguém sabe o bem que tem, senão depois de o perder.
553 — O que é vivo, aparece.
**Variante:** Quem é vivo sempre aparece.
555 — O homem põe, Deus dispõe.
556 — O bom filho à casa torna.
560 — O que tiver de ser meu, à minha mão há de vir ter
563 — Pobrete, mas alegrete.
570 — Quem tudo quere, tudo perde.
**Variante:** Quem muito quer, tudo perde.
571 — Quem me avisa, meu amigo é.
**Variante:** Quem avisa, amigo é.
572 — Quem não chora, não mama.
574 — Quem tem boca, não manda assoprar.
576 — Quem com ferro mata, com ferro morre.
**Variante:** Quem com ferro fére, com ferro será ferido.
578 — Quem casa não pensa, e quem pensa não casa.
583 — Quem anda à chuva, é que se molha.
**RU** — Quem anda na chuva, tem que se molhar.
586 — Quanto mais se mexe na porcaría, mais ela enjoa.
**RU** — Na m..., quanto mais se mexe, mais fede.
588 — Quanto mais depressa, mais devagar.
590 — Roma e Pavia não se fizeram num dia.
**Variante:** Roma não se fez num dia.
593 — Torto, é o anzol.
**Variante:** O direito do anzól é torto.
596 — Tanto vai a jarra à fontinha, que lá quebra a asinha.
**RU** — Tantas vezes vai o pote à fonte, que, afinal lá deixa a asa.
608 — Atrás de mim virá quem bom me fará.
609 — A quem Deus não deu filhos, deu o Diabo sobrinhos.
617 — Com vinagre não se apanham moscas.
621 — De vagar se chega longe.
**Variante:** De vagar se vai ao longe.
— Deus ajuda a quem muito madruga.
**Variante:** Deus ajuda a quem madruga.
— Em casa do Gonçalo manda mais a galinha do que o galo.
— Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.
**Variante:** A mentira tem pernas curtas.

645 — Mau é o rico avarento; pior é o pobre soberbo.
650 — Não há sábado sem sol, nem domingo sem missa, nem segunda sem preguiça.
661 — O pior cego é o que não quer ver.
671 — Quem boa cama fizer, nela se deitará.
672 — Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vêm?
**RU** — Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar vêm.
675 — Quem cospe para o ar, cai-lhe nos beiços.
**Ru** — Quem cospe para o ar, cai-lhe na cara.
689 — Real poupado, real ganhado.
**Variante:** Vintém poupado, vintém ganho.
698 — Uma vez é a primeira.
718 — Deus o dá, o diabo o tira.
720 — Dia de muito é véspera de nada.
725 — Em boca fechada não entra mosca.
729 — Fazer bem e não olhar a quem.
**Variante:** Faze o bem e não olhes a quem.
733 — Homem prevenido vale por dois.
736 — Mais vale pouco do que muito.
737 — Mais vale tarde do que nunca.
**Variante:** Antes tarde do que nunca.
742 — Não há rosas sem espinhos.
748 — O bom julgador por si se julga.
750 — Os dedos da mão não são iguais.
765 — Quem não sabe, aprende.
769 — Quem feio ama, bonito lhe parece.
774 — Quem a boa árvore se chega, boa sombra colhe.
776 — Quem comeu a carne, que lhe roa o osso.
781 — Quem canta, seu mal espanta.
784 — Quem beija os filhos, a boca dos pais adoça.
**RU** — Quem meus filhos beija, minha boca adoça.
794 — Teima, mas não apostes.
796 — Tristezas não pagam dívidas.
818 — De noite, todos os gatos são pardos.
820 — Duro com duro não faz bom muro.
823 — Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
831 — Gato escaldado de água fria tem medo.
836 — Livra-te dos ares que te livrarei de pecares.
**Variante:** Livra-te dos ares que te livrarei dos pezares.
838 — Maior é a nau, maior é a tormenta.
850 — O saber não ocupa lugar.
856 — O padre onde canta, aí janta.
**RU** — O galo onde canta, lá janta.
859 — O melhor da festa é esperar por ela.
864 — Pela aragem se vê quem vai na carruagem.
**RU** — Pelo passo da carruagem, vê-se logo quem vem dentro.
867 — Quem mais faz, menos merece.
**Variante:** Quanto mais se faz menos se merece.
869 — Quem não trabalha, não come.
873 — Quem dá o pão, dá o bordão.
**Variante:** Quem dá o pão, dá o castigo
886 — Quando um não quere, dois não brigam.
900 — Vaso ruim não quebra.
901 — A fé é que nos salva.

903 — Antes fazer, que prometer.
931 — Graça repetida não tem graça.
936 — Mãos frias, coração quente, amor ardente.
937 — Mãos quente, coração frio, amor vazio.
947 — Não deixes caminhos por atalhos.
950 — O olho do dono, engorda o cavalo.
981 — Quanto mais gatos, mais ratos.

Além dos mencionados foram anotados mais êstes:

Quem diz o que qeur, ouve o que não quer.
Quem ao feio ama bonito lhe parece.
Quem é burro, peça a Deus que o mate.
Antes só do que mal acompanhado.
Mais vale uma pomba na mão, do que duas voando.
Pancadas de amor não doe.
Comer e coçar, é só começar.
Amigos? são os dentes, isto mesmo, mordem a gente.
Dois bicudos não se beijam.
Depois da porta arrombada, trancas de ferro.
De médico e de louco, todos nós temos um pouco.
Nem tudo o que reluz é ouro.

A COMISSÃO solicita dos Srs. Correspondentes:

A COLHEITA E REMESSA de termos regionais e vocábulos comuns nas zonas em que residem, com a sua significação. Êste Boletim já publicou, e podem servir de modelo, um trabalho de Euclides José Felipe (nº 3), outro do Pe. Alvino Bertoldo Braun (nº 3) e outro do nosso Diretor (nº 4).

(Sugestão do Prof. Custódio Campos aprovada em sessão de 1º de abril de 1950).

# FOLCLORE ANTIGO DE SANTA CATARINA

## A SALGA DO PEIXE

**Virgílio Várzea**

Nessa mesma noite pelas casas dos donos de rêdes há tôda uma faina doméstica: a do preparo e salga do peixe. A menagére com as filhas, moças, parentas e outras das famílias amigas da vizinhança, acomodam-se nas cosinhas e nessas amplas varandas de chão dos prédios abastados, em tôrno do peixe colocado ao centro num grande montão; e cada uma de cócoras, agachada sôbre esteiras ou sentada em pequenos cêpos de madeira, empunhando uma faca amolada, com a pedra de afiar ao pé para quando se fizer necessária, começa o trabalho da extripação e da salga. Êste serviço era feito outróra pelos escravos da casa, homens e mulheres, que tinham longos serões nessas noites hibernais de pesca junto ao brazeiro confortável, ardendo e crepitando a um canto nos trafogueiros e toros. Extinta a escravidão, passou êle a ser desempenhado pela família dos pescadores que, quando se julga insuficiente para dar conta da tarefa, reclama o auxílio da parentela e gente conhecida das proximidades, a qual acóde prontamente mediante pequena remuneração.

Mas vejamos o modo por que se realiza o trabalho da extripação e salga. Postadas a dona da casa e as moças — filhas e estranhas — em volta ao montão, conforme se viu acima, a faina principia, pegando cada qual um peixe, que é aberto pelas costas e lanhado em sentido longitudinal desde a altura da cabeça até à cauda, depois de convenientemente extraidas a guelra, as ovas e a banha, como lá se chama a uma pasta gelatina que a tainha tem no ventre agarrada à espinha, e a qual derretida dá um azeite espêsso e escuro, muito utilizado para luz nêsses sitios. Desdobrada assim a tainha em numerosos lanhos, são êste cobertos por uma mancheia de sal que é espalhada em tôda a superficie das duas bandas cortadas. O peixe conserva a escama, e recebido êste preparo se o depõe aberto como fica em grandes balaios de taquára. Todo o serviço se faz com certa rapidês e destreza, sendo que em duas ou três horas um grupo de déz ou quinze pessoas póde escalar de setecentas a mil tainhas. As ovas recolhem-se num balaio menor, à parte, depois de terem levado também uma camada de sal. Durante o trabalho servem-se todos de três gamelas oblongas e de variados tamanhos — uma contendo água, que é renovada de vez em quando, para a lavagem do peixe; outra que recebe as tripas e guelras; e outra, onde está depositado o sal. Os filhos e agregados dos donos de rêdes, se os possuem, ao chegarem da labuta do mar, atiram-se também ao trabalho de alanhar e salgar, auxiliando as mulheres.

E até a madrugada, nessas cosinhas e varandas inundadas de peixe, há uma alegre algazarra de faina que só termina quando a última tainha é escalada. A essa hora então, empilhados os balaios cheios a um canto, onde ficam a escorrer, e despejadas e arrumadas as gamelas, pegam-se em oito ou déz tainhas — conforme o número de pessoas — e, preparadas, escamadas e reduzidas à postas, são lançadas a panela para o **caldo ou peixada** da ceia. O **caldo** é o peixe cozido em água e sal, com tomate, cebola verde e poucos outros temperos. É prato simples e comum, mas alí tão bem feito às vezes que constitue excelente repasto. Em geral, ao largar do serviço já a peixada está pronta, pois que fôra cuidada antecedentemente. Livre e arranjada a varanda, puxa-se um largo estrado portátil, muito usado na roça como mesa para as refeições, e, estendida sôbre êle uma pequena toalha alvíssima, que as mais das vezes não cobre senão a parte central, colocam-se os pratos em quadrado, põe-se-lhes ao pé a panela, com a competente colhér de páu para tirar-se o **caldo**. Sentados todos aos seus lugares, a **menagére** entra a servir — primeiro ao marido que está a seu lado, em seguida aos filhos e outros pela gradação das idades. Um môlho de laranja-azêda ou limão, com uma porção de pimentas esmagadas, enche ao centro um prato fundo, junto a cesta da farinha forrada de pano por dentro e junto à travessa colossal onde as postas alastram em montículo. Com o seu prato de caldo em frente às pernas, cruzadas comodamente à beira do estrado, cada um abarrotá-o de farinha, deixando porém um lugar aberto, por onde, antes de mexer o pirão, bebe algumas colheradas... Finda a ceia com uma tigela de café, após a qual todos se vão deitar.

De manhã muito cedo já tudo está de pé e, bebido o "aparado", arranjam-se os varais no terreiro, tiram-se grandes lascas de embira às bananeiras, rasgam-se estas em fibras finas, faz-se um pequenino furo à faca nas tainhas escaladas e passa-se aí o atilho, unindo-as duas a duas e as estendendo depois sôbre as varas para secarem ao sol. Às tainhas que têm de um a seis dias de sol chamam-se **frescaes**, porque conservam ainda a humidade da salga; as que dêsse tempo e começam a ganhar uma cor amarelada e uma oleosidade nos talhos endurecidos, denominam-se propriamente sêcas. Êsse peixe no estado frescal é o que há de saboroso; sêco porém perde muito do seu valor, sobretudo quando tem alguns meses, pois entra a cobrir-se de uma espécie de ponilha e a rançar, o que o torna às vezes intragável. A tainha frescal ou sêca é de muita procura e consumo por êsses sítios, onde se vende a 100 réis e mais, quando termina o inverno e o peixe torna-se menos abundante.

Êste mesmo processo de salga e seca é aplicado igualmente à enxova e à palombeta, que aparecem conjuntamente com a tainha, como já observamos, sendo a última numerosíssima até a entrada do verão, época em que ainda acode às enseadas em enormes cardumes. A palombeta é miúda e pouco maior que a savelha, mas escalada e sêca conserva-se anos e anos em bom estado, porque não é oleosa. Substitue perfeitamente o bacalháu e pôsto não seja de fina qualidade é superior a corvina (abundantíssima alí todo o verão) e tem agradável sabor, tanto fresca como sêca. Semelhante peixe constitue um dos recursos do pobre nesses lugares pela sua barateza, pois cada cento dêle custa de 200 a 400 réis e às vezes muito menos.

Durante o inverno, quem atravessa os caminhos que cortam em várias direções as freguesias e arraiais da ilha, não encontra uma casinha ou choupana em cujo terreiro não ostente a secar ao sol, em varaes, uma multidão de peixe escalado — tainha, enxova ou palombeta — desenhando um risonho quadro de fartura no meio dessas populações em geral pobres. Presos os pares pelo atilho de embira, o peixe assim aberto e dependurado às varas delgadas, correndo em linha e horizontalmente sôbre estacas a prumo, palpita vagamente ao vento, assemelhando-se, de longe, a enormes bandos de estranhas borboletas gigantescas, de uma côr térreo-avermelhada, que pousassem ao acaso entre verdura à frente de cada vivenda.

(Do livro "Santa Catarina — A Ilha", ed. 1900, Rio)

# FOLCLORE NACIONAL

## FOLCLORE CARIOCA

### SANTO ANTÔNIO NO FOLCLORE BRASILEIRO

Mariza Lira

Não há exagêro na quadrinha popular que diz:

"São João a vinte quatro,
São Pedro a vinte nove,
Santo Antônio a treze,
Por ser o santo mais nobre"

Na realidade Fernando Bulhões nasceu do casal Martins Bulhões — Teresa Taveira, da nobreza de Portugal.

Mas o que ficou dessa nobresa, para os fiéis, foram as graças sobrenaturais que Frei Antônio espalhou pelo caminho terreno e que o fêz galgar a glória celeste sob a invocação de Sto. Antônio.

A sua intercessão miraculosa é reclamada sob inúmeros aspectos.

O maior de seus milagres foi, sem dúvida o que se deu quando, já famoso orador, pregava em Pádua (Itália).

Avisado durante um sermão de que, em Portugal, o seu pai, condenado, caminhava para a fôrca, pousou por momentos a mão sôbre a fronte e, milagrosamente desdobrou-se, foi a Lisboa e salvou-o.

Nem os ouvintes de Pádua perceberam que, durante àquela rápida parada em que o pregador parecia apenas coordenar um pensamento, em pensamento havia realizado o até hoje discutido milagre do desdobramento da personalidade!

Daí a dupla invocação do seu nome Santo Antônio de Lisboa, para aquele que nasceu em Lisboa, em 1195, e Santo Antônio de Pádua, porque aí faleceu em 1232.

O prestígio do milagre de Santo Antônio alcançou as Índias, chegou ao Brasil e a todos os pontos onde existe um católico.

Santo Antônio, porém, sempre foi o santo do lar, dos nichos e barraquinhas.

Adorado com fervor é o orago das povoações, dos soldados, o santo familiar, o desvendador de perdidos, o protetor dos casamentos, que o sincretismo das religiões populares levou aos "candomblés" da Bahia, confundido com Ogum, santo guerreiro dos negros.

É festejado a 13 de Junho, dia de preceito em tôda a América pôr determinação da bula de 1722, do papa Inocêncio XVIII.

Por muito tempo foi êsse dia feriado no Brasil.

O milagroso santo desde os tempos coloniais que vem estendendo suas bençãos às nossas batalhas, garantindo vitória aos brasileiros. A libertação de Pernambuco é atribuida à sua milagrosa intervenção. Santo que os fiéis pernambucanos proclamam:

Milagroso Santo Antônio
Nosso padroeiro
Enche de alegria
Pernambuco inteiro.

A defesa da colônia do Sacramento, ao Sul, esteve também entregue á milagrosa intervenção de Santo Antônio, que após a vitória recebeu um custoso bastão do governador Veiga Cabral.

Durante a invasão de Duclerc e Duguay — Trouin, no Rio de Janeiro, em 1710, o governador Castro Morais pediu a proteção de Santo Antônio. O provincial do Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, enviou o rico bastão do santo ao governador, que apenas tocou a cabeça êle para iluminá-lo, pedindo também que colocasse a imagem na muralha do Convento, com uma lampada votiva, acesa.

Travou-se a batalha. Os franceses foram derrotados.

Desde então na frente do convento, em um nicho, fica a imagem de Santo Antônio e há sempre uma lamparina acesa.

O povo carioca tem grande fé nessa imagem, que chama Santo Antônio do Relento.

Por essas e outras vitórias alcançadas no norte e sul do Brasil, Santo Antônio atingiu altos postos militares, sendo condecorado pelo próprio D. João VI, que também lhe conferiu o pôsto de Tenente Coronel do Exército Brasileiro.

Com a proclamação da República e a consequente separação da Igreja do Estado, Santo Antônio perdeu o soldo, que até então era pago ao Superior do Convento.

A Ordem de Santo Antônio, porém, a cada novo govêrno que se sucedia, reiterava requerimentos sem resultado.

Foi o ministro da Guerra, general Dantas Barreto que num curioso despacho deferiu o pedido, com uma cláusula explicita: que o pagamento fôsse feito ao próprio ou ao seu procurador..."

Os devotos de Santo Antônio pintam sua figura em objetos de barro, de louça, de madeira, trazem-no em bentinhos e breves e antigamente até nos cepilhos da sela.

Daí o aviso ao máu cavalheiro:

"Segura-te no Santo Antônio!"

Também era uso em tempos idos colocar-se nas cartas as iniciais S. A. t. g. (Santo Antônio te guie) hábito motivado por um milagre do Santo realizado nas Asturias, em 1729.

Mas, ninguém desconhece a proteção de Santo Antônio para achar coisas perdidas, que surgem mal reza o responso:

Quem milagres quer achar
Contra os males e o demônio,
Busque logo o Santo Antônio,
Que aí o há de encontrar.

A confiança em Santo Antônio é ilimitada.
Mas o seu maior prestígio é entre as moças que querem casar.
A filosofia popular retrata êsses anseios na quadrinha pitoresca:

Santo Antônio me case já
Enquanto sou moça e viva
Porque o milho colhido tarde
Não dá palha nem espiga.

A crendice aconselha às pretendentes ao matrimônio, como meio infalível, o furto do menino de Santo Antônio, tanto que a rima popular afirma.

Não quero Santo Antônio grande
Dentro do meu oratório
Eu quero é o meu pequenino
Que ouve o meu peditório.

As vêzes o candidato tarda, ou é recalcitrante, e então vem o recurso extremo: penduram a imagem de cabeça para baixo e surram-na a valer!

Minha avó tem lá em casa
Um Santo Antônio velhinho
Em os moços não me querendo
Dou pancadas no santinho.

Alucinadas, chegam a tirar o resplendor da imagem e sôbre a tonsura pregam, com cêra, uma moeda qualquer, que só sairá dali e será convertida em velas, no dia do casamento.

Chegam até a mergulhar a imagem dentro dágua!

Conta-se que certa solteirona amarrou a imagem numa corda e jogou-a num poço.

Correu o tempo. O barro da imagem dissolveu-se e o noivo não apareceu.

Na época da escravidão, mau grado os milagres e as virtudes do Santo, os negros confessavam: — "Escravo, nem de Santo Antônio", e diziam meio incrédulos:

Santo Antônio foi bom santo
Pois livrou seu pai da morte
Mas, não livrou Pai João
Das penas da calabrote.

E chegavam a fazer promessas irreverentes:

Me peguei com Santo Antônio
P'ra casá com uma criôla
As almas ganha uma saia
Santo Antônio uma ceroula.

A tradição popular guarda sempre a malícia mais que tudo e pôr isso repete-se pôr aí:

Fui ao mato cortar lenha
Santo Antônio me chamou
Quando o Santo chama a gente
Que fará os pecadô.

As virtudes do taumaturgo, porém, estão registradas no populário brasileiro, em rimas simples mas expressivas como esta:

Santo Antônio foi tentado
Quando pelo mundo andou
Não resistiu do pecado:
Morreu, foi ao céu e gozou.

(Do "Correio da Manhã" Rio 18-6-50)

Temos a certeza de que V. S. gostou dêste número do nosso Boletim.

Já pensou V. S. no trabalho que se teve para fazê-lo?

Contribua, então, para que o nosso próximo número não seja inferior a êste.

O espaço não deve ser apenas de dois ou três. Colabore. Ajude.

Lembre-se que isto custa a fazer e é distribuido gratuitamente.

Ùnicamente para servir a Santa Catarina e ao Brasil.

O seu esforço será patriótico, em nos ajudando.

Ou a sua indiferença vai ao ponto de não se importar que esta publicação desapareça?

## FOLCLORE GOIANO

# FOLCLORE DOS GARIMPOS

João Dornas Filho

Da região do rio das Garças e do rio Araguaia recebeu o Autor algumas peças de alto valor etnográfico, qual sejam os "abc" que contam a vida do garimpo no alto sertão goiano. O que, aquí, reproduzimos é assinado por Otávio J. de Oliveira.

Eí-lo:

Araguaia é um rio rico,
porém de muita inconstância.
Contará com o prejuízo
quem fizer fiança.
Gente que muito abraça,
quando é no fim pouco alcança.

Bastantes almofadinhas,
que lá estão iludidos,
estão tocando escafandro
Já todos esmorecidos
pelo que estou vendo,
seus calculos saem perdidos.

Coitados dos bamburristas
de lá nos anos passados,
pensavam que este ano
os bamburros eram dobrados:
mas agora eles estão vendo
que todos estavam enganados.

Diamante tem o tempo,
ele não sai assim atôa;
se ele fôsse inacabável,
isto era uma vida bôa;
porém com mais ambição
parece que ele avôa.

Eu até hoje me lembro
que no garimpo do Pôço
ninguém queimava cascalho.
pegava diamante grosso.
O fato bem pensado
isto era um colosso.

Fizeram um grande alarme
pelo Brasil inteiro
Diziam que trabalhando
no canal faziam dinheiro.
O Araguaia abalou
até país estrangeiro.

Grande número de gente
que lá este ano ajuntou,
se alguém lá fez dinheiro,
o mais tudo se encravou.
Lá morreu um canalista
que até o capacete ficou.

Havia lá muitos homens,
bem poucos que mergulhava
A influência era tanta
porém não atacava.
Tinha gosto de vestir
mas nem o capacete molhava.

Isto era perigoso,
quem tinha medo tinha rasão.
Quando uma máquina encravava,
o mergulhador não tinha salvação
Logo ele saia morto,
arrastado pela mão.

Já o povo se assustava,
viviam só em aflição
Logo corria dizendo
ali tem naufragação.
Só quem salvava era Deus,
se tivesse compaixão.

Cada vez que uma máquina
estava tocando encravava,
este no dizer do povo
o mergulhador não se salvava
Logo o mangueiro
nos emburrados enroscava

Lá o primeiro desastre
que aconteceu este ano,
foi uma máquina encravada
com um mergulhador baiano
Já o rapaz estava morto
quando o tirou pelo cano.

Morreu também um alemão
com desculpa de congestionado
O que é certo quando viram,
Já ele tinha rodado.
Embaraçou-se com o outro,
que estava do outro lado.

No espaço de pouco tempo,
logo outro alemão morreu.
Este ficou congestionado,
pelo aspecto pareceu.
Quando ele foi tirado
logo as unhas empreteceu.

O povo não se incomodam,
no dia foi para o serviço.
Este pobre que morreu,
só se achou com um patricio
Para levar ao cemitério,
foi um grande sacrifício.

Pois neste mesmo dia
que este foi sequetado,
quando foi ao meio dia,
tinha um embaraço,
não havia meio de tirar
aquele pobre coitado.

Quando passou dezoito dias,
foi que o cadavel boiou.
Foi caso muito sério,
que preso o capacete ficou,
Isto foi visto por todos,
que todos admirou

Rio bravo como este
no mundo não há igual
Daí passou poucos dias,
morreu outro no caudal.
O Araguaia este ano
vai causar um grande mal

Se o Araguaia fôsse manso,
não tivesse correnteza,
podia-se facilmente
descobrir sua riqueza.
Araguaia é um rio rico,
bem rico de natureza.

Também lá tem o rebojo.
que este muito atrapalha.
É com muito sacrifício
que o mergulhador trabalha
A influência este ano
foi como fogo de palha.

Uns escafandristas este ano
que lá não fizeram nada,
estão todos esburacados,
isto é uma vida encravada.
esperando o rio encher,
estão todos de arriba.

Vai servir de grande exemplo
para os capitalistas;
pensavam por ter dinheiro
êles eram bamburristas;
ele só davam valôr
mergulhador canalista

Xegava tanto escafandro,
coisa de admirar.
A mancha velha
todos iam visitar.
Iam tirando entulho
até desacuçar

Isto era um comunismo,
serviço ninguém reparava
aonde um descobrisse,
os outros todos encostava
Só na praia do bamburro
que eles lá respeitava.

Zelando lá os serviços
para ninguém não entrar,
tinha muito diamante
para eles só pegar.
Tinha fuzil encostado
para quem quizer teimar

— O til é letra do fim,
porém de muito valôr.
Esta serve de exemplo,
no Araguaia eu mais não vou
Garimpo do Araguaia
para mim já se acabou.

Pôço do ria Araguaia, 12 de outubro bro de 1928.

Como se viu pelo desenvolvimento da xácara sertaneja, inumeros elementos etnograficos contêm a sua contextura, e peças como esta precisam ser recolhidas cuidadosamente para o posterior exame dos entendidos.

**(Do "Diário de Minas", Belo Horizonte — 5-11-1950)**

# FOLCLORE ALAGOANO

## "ZABUMBA", O "MAJOR" BONIFÁCIO E O "SURURU DA NEGRA"

Luiz Alípio de Barros

**Meu zabumba gemedor**
**Barriga de macaíba**
**Quem trouxe foi Sá Cicía**
**Olé, da Barra da Paraíba.**

Esta quadrinha define bem o zabumba, porque, em verdade, zabumba é um bombo grande e gemedor, feito em geral de couro de gato do mato ou de bode, com "barriga" ou aro de macaíba, uma palmeira muito comum em todo o Nordeste.

Entretanto, em Alagoas e Pernambuco costuma-se designar como zabumba não sòmente o bombo avantajado mas tôda uma banda musical de cinco figurantes, típica da região, que tem o bombo como instrumento base. A banda compõe-se, além do bombo, de dois pífaros ou pífanos ou "pifes", uma "caixa" e "pratos". Cinco instrumentos simples, de confecção e execução primárias.

O zabumba tem o seu campo de ação nas localidades menos progressistas. Êle é a banda de música das pequenas povoações, das vilas, dos banguês, das fazendas. Intimamente ligado à Igreja, o zabumba, com raras exceções, existe fora da religião. A sua atividade, pelos menos em Alagoas e Pernambuco, é quase inteiramente religiosa. Por isso ela está sempre nos festejos dos santos padroeiros e milagrosos, tocando nas missas e nos batizados, angariando espórtulas para as festas mais pobres, puxando as "cavalhadas", animando os leilões.

Na sua parte musical o zabumba possui sua música própria. É uma música elementar, por vêzes monótona. Mas pitoresca para o forasteiro e indispensável ao residente. Aquêle que visita a terra natal depois de longa ausência, ela é linda, tristemente linda, porque traz recordações de um tempo perdido.

*
* *

BONIFÁCIO SILVEIRA, o "major" Bonifácio, foi sem dúvida o maior folião que existiu em Alagoas, em todos os tempos. Em vida foi o organizador de todos os carnavais de Maceió, e suas festas natalinas de Bebedouro, arrabalde da capital alagoana, marcaram época. Bebedouro exultava com as festas do "major" e tôdas as famílias mais afortunadas da cidade possuiam casas ali para os dias festivos do fim do ano. O "major" não decansava, animando suas "pastoras", animando sua "marujada".

Natal passava e o velho entrava em preparativos para o Carnaval. Mandava adornar a cidade e no sábado gordo o seu "Zé-Pereira" era seu ? Pois tinha que sair do seu Bebedouro. "Olha o Zé-Pereira, olha o Carnaval". As trombetas anunciavam a entrada de Momo, e o cortejo ganhava a cidade. Passava pelo Mutange e na Cambona parava para os últimos retoques. A um sinal do velho o "Zé-Pereira" continuava o seu itinerário. Passava ainda meio frio em frente ao Palácio do Govêrno, na Praça dos Martírios, mas entrava quente, violento, triunfante, na rua do Comércio. Bonifácio abrindo caminho com o chapéu de palinha espetado na ponta da bengala, as "pastorinhas" do "major" adornando os carros alegóricos, acenando com as mãos para o povo comprimido nas calçadas. O "Zé-Pereira" do "major" fazia a rua do Comércio. O Carnaval tomava conta da cidade.

*
* *

CERTA VEZ Maceió foi abalada por uma notícia trágica. O sururu havia desaparecido da lagoa Mundaú. De Fernão Velho ao Trapiche da Barra teve gente

que ficou triste e até chorou. A marcha-frevo não tinha mais significação; ela dizia assim:

**Cavando a vida**
**No canal da Mundaú ..**
**Pesca caboclo**
**Massunin e sururú.**
**É da Favela, não,**
**Negra Juju,**
**Nasceu no rancho**
**Na terra do sururú.**

A marcha-frevo não tinha mais significação; o sururu desaparecera, havia sumido da lama da lagoa. Que seria daquela gente humilde, sem confôrto, que morava em choupanas e vivia da pesca do molusco ? Para existir o sururu carece de uma dose constante de água salgada, a água do Atlântico, e os canais que ligam a lagoa ao mar haviam sido obstruídos pelas violentas inundações. Mas os canais foram abertos, as águas do Atlântico penetraram novamente Mundaú a dentro, e a alegria voltou de Fernão Velho ao Trapiche. Já se podia cantar novamente a marchinha, e os vendedores e vendedoras ambulantes de Maceió puderam gritar de novo pela rua do Sol, pela rua das Verduras, pela rua do Arame, pelas ruas da Levada, de Bebedouro, do Farol, de Pajussara, de Jaraguá e do Poço o seu pitoresco e característico pregão:

**— Sururú hoje, freguesa ?**
**É grande e fresco ..**

Êste Boletim é órgão da Comissão Catarinense de Folclore, servindo aos folcloristas do Brasil e do Mundo.

Leitor amigo !
Colabore para a sua sobrevivência !

## FOLCLORE PERNAMBUCANO

# O MORCÊGO, O DOMINÓ, O PAPANGU, O DOUTOR, O URSO, O PRÍNCIPE, A MORTE, O DIABINHO

Eustorgio wanderley

Ainda vibram no ar os acordes festivos do carnaval que passou no início da primeira semana dêste mês. Não é, portanto, fora de propósito recordar tipos populares do carnaval antigo do Recife, antes, mesmo, da época em que o clube dos Vassourinhas começou a ensaiar os primeiros passos das esfusiantes replicas do "frevo" com a célebre e tradicional marcha n. 1, ao "Regresso", cantada com a popular quadrinha:

"Se esta rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas de brilhante
Para meu bem passear..."

Naquele tempo grupos de mascarados, com as mais diversas fantasias, saiam cantando, acompanhados por violões, harmônicas (sanfonas) e triangulos (ferrinhos) quase todos estalando castanholas e enfeitadas as fantasias com inúmeros guisos.

Salientavam-se, entre êles, os "morcêgos" que vinham, sempre à frente do grupo, abrindo as grandes asas de veludo negro, lantejouladas, fazendo piruetas, como se pretendessem voar...

Seguiam-se-lhe os dominós, alguns também de veludo ou de seda, com fitas multicores na ponta do capús, trazendo as mãos calçadas de luvas para não serem reconhecidos pelos dedos. Com os "dominós" vinham os "papangus" tendo como fantasia... duas saias e uma fronha. As saias brancas ou anagoas, como se usavam outrora muito rodadas e rendadas eram amarradas uma na cintura, e

outra em volta do pescoço; enfiavam a cabeça em uma fronha de "tampo rendado", à guiza de mascara, e se divertiam assim. O "doutor" usava, invariàvelmente mascaras representando a cabeça de um burro, trazendo nas mãos vários livros e uma grande palmatória. Sua indumentaria era um fraque de longas abas, ou casaca, algumas vezes feita de estopa ou aniagem. O "urso", com a mascara dêsse animal, usando roupa ou macacão marron de estopa desfiada para imitar o pêlo do bicho, trazia nas mãos um pau, ou cabo de vassoura... Fazia-se acompanhar pelo "domador", tipo de cigano com grandes bigodes e chapelinho de abas largas segurando, em uma das mãos, a extremidade da corrente que amarrava o "urso" pela cintura, e tocando um pandeiro.

Além dêsses mascarados vinha a figura tétrica da "morte" com aterradora mascara de caveira, envolta em lençois e trazendo nas mãos uma longa foice e uma sineta badalando sempre. Era o pavor das crianças que lhe fugiam gritando com medo.

Aparecia também, ao lado dêsses tipos de fantasia o "principe" ou "princes"... Usava calções pelo joelho, meias finas, sapatos de "entranha baixa" (scarpins) muitos laçarotes no gibão, capa de veludo ou de seda, gorro enfeitado de plumas e de arminho, assim como cabeleira loura ou castanha de cachos encaracolados, caindo-lhe sôbre os ombros. Eram-lhe indispensáveis as luvas, o leque e o espadim.

É preciso também não esquecer o "diabinho", figura, por assim dizer, clássica, do carnaval de antanho. Todo de vermelho, geralmente em tecido de malha, ou de meia, colado ao corpo, quando não era feita a fantasia em cetineta e até em cetim vermelho. Indispensável se lhe tornava uma longa cauda com que, às vezes batia nos garotos que o seguiam. Empunhava um tridente e ostentava na fronte os dois característicos chavelhos de Satanaz. Realmente endiabrado, pulava e gritava pelas ruas.

Entre outras modinhas em andamento de marcha, cantadas por êsses grupos de alegres foliões estava muito em voga uma que tinha êstes versos:

"Seu "sordado" não me prenda,
Não me leve pro "quarté",
Que eu não vim "fazê baruio"
Vim "buscá" minha "muié".

Ai, amor!
Amor do coração!
Viva Beberibe,
Santamaro, "Jabatão!"

Raramente hoje se vêem êsses tipos do carnaval de outrora no Recife. Outras fantasias os substituiram. Sucederam-se os clubes pedestres, as "troças", os blocos e outros agrupamentos, alguns com vistosas e ricas fantasias relembrando passadas épocas da história pernambucana, e o "frevo", avassalando tudo.

Muito louvável essa evolução. Entretanto da memória dos antigos não se apague a lembrança, nem no seu coração morre a saudade dos antigos tipos do carnaval do Recife de outrora, cantando, ingenuamente.

"Ai, amor.
Amor do coração!..."

# FOLCLORE DOUTRAS TERRAS

## MODOS DE DIZER MICAELENSES

por **F. Carreiro da Costa**

A linguagem popular micaelense, já aqui por vezes o dissemos e provamos, é rica não sòmente na quantidade, de vocábulos que a caracteriza mas também na série de locuções ou formas dialectais, que a torna ainda mais curiosa e pitoresca.

Assim, além das muitas palavras cem por cento micaelenses na sua pronúncia e no seu significado, encontramos em S. Miguel, usados com frequência pelo povo inúmeros modos de dizer cuja semântica não será de fácil apreensão se não nos detivermos por momentos a estudá-los.

Em S. Miguel chamam, por exemplo, **fundão de bilha** a todo o indivíduo mal intencionado — expressão que no século passado era tida como alcunha étnica dos habitantes de Ponta Delgada. Sinónimos desta, temos também os termos **queimado** e **milhafre** que são o mesmo que velhaco.

**Capaz de vencer uma guerra** é toda a pessoa que dispõe de muita energia. **Por outro lado, ser inacio** é ser dotado de boa índole. **Dar um bruxo ou dar um balanço** — é o mesmo que experimentar as forças com alguém. **Dar pelas beiças** significa dar na cara e **dar lenha** ou levá-la é espancar ou ser espancado. Há quem também diga **levar para catorze** no sentido de apanhar muita pancadaria e ainda **levar para tabaco.**

**Dar em padouto** é o mesmo que cair ou dar um trabulhão e, sempre que alguém emprega força demasiada em qualquer coisa que haja feito, diz-se que **comeu baleia.**.

Tôda a zanga de pouca dura e ainda com muitas palavras é considerada **fogo de faveiras,** pois **ter assôpro de baleia é ficar deveras zangado.**

**Lustrar as botas a alguém** é rodeá-lo de expressões elogiosas e sabujas. A expressão **estar-se derretendo tanto** pode significar desdenhar-se dêsses elogios como aceitá-los com muito desvanecimento.

A locução **cerimónia da Agua de Pau** é empregada no sentido de ninguém se servir, por vergonha, do que fica nas travessas.

**Estar à pamparela** é o mesmo que aparecer nú ou menos "descomposto". Todo o indivíduo que se torna aborrecido por vários motivos não passa de um **cegão de lata.**

Quando os cavalos não querem andar, teimando em ficar num sítio certo **estão a fazer risca** ou então **a fazer chapéu.**

Tôda a pessoa que é **coxa** ou, por outro lado molengona e preguiçosa, diz-se que está **como as malaçadas.**

Quando alguém porventura está zangado, a gente micaelense afirma que está **alporado** ou ainda está **reinando**, porque reinar e reinoso são respectivamente sinônimos de zangar e zangado.

Quando, porventura, qualquer pessoa está de relações tensas ou esfriadas com outra, diz-se que está **arrepiada.**

Fazer anos ou completá-los é o mesmo que acabar anos porque é frequente ouvir-se: — "**Acabei** tantos anos no mês de tal. **Acabar** — usam-no também no sentido de envelhecer, enfraquecer, etc. Assim é uso dizer-se: "Fulano está bem acabado!"

Ao homem novo chamam por vezes **homem tenro** e também **frango de vintém.** Este último caso aplica-se geralmente ao rapaz entre os 15 e os 18 anos. É muito conhecida a quadra popular que reza assim:

**Estes rapazes de agora,**
**Franguinhos do vintém,**
**Prometem deiz reis às almas**
**A ver se a barba lhes vem..**

Trazer os **bofes pedrados** é sofrer uma arrelia ou uma consumição grande — **abater à cama** é o mesmo que adoecer. **Andar cozida** é também andar apoquentada. Quando se não quer ligar importância a outrem, é costume dizer-se esta expressão **muito meiga: — Vou-te olhar para os queixos!**

Da pessoa exagerada nos seus modos de falar e de gesticular, usam afirmar **que tem proa que é tenente.**

O indivíduo gordo e indolente é considerado um **talhão de Santa Maria.** Num desafio entre um cantador e uma rapariga esta respondeu-lhe desta forma:

**Vai-te lá, touro da serra**
**Criado à revelia!**
**Quem te mandou cá meter**
**Talhão de Santa Maria?**

Quando certa pessoa ou coisa se mostra branca ou descorada, comparam-na deste modo: — **Branca como alfeni.**

Andar na pedra-mestra é proceder com segurança, ou melhor, devidamente apoiado.

Quando alguém, doente, recebe os santos sacramentos, põe-se **nas mãos de Deus** e quando está a morrer, dizem **que está se apagando** ou então que está **a fazer biscoito para a viagem.**

**A esmola** perdida é toda aquela que é dada em louvor de S. Luís e que geralmente se materializa num pão que põem à porta para o levar — a primeira pessoa que por ali passa.

**As alminhas do escuro** não são mais que as almas do purgatório. **Dar a alminha ao menino** é batizá-lo, porque, se êle morre sem batismo, morre sem alminha ou então **morre mourinha.**

Por outro lado **deixar uma pessoa mourama** é pô-la meia morta com pancadaria.

**Nascer impelicado** é nascer para ter muita sorte. Para isso, porém, é necessário que metade da película seja enterrada e a outra metade lançada no alto mar,

porque se acaso alguém a rouba ou algum animal a come, a pessoa que nasceu com ela será ladra e terá uma vida desafortunada.

Quando alguma coisa se apresenta à superfície da terra, encontra-se à **babugem** da mesma.

**Meter flatos na cabeça de alguém** é enchê-la de idéias falsas e enganadoras — e, quem de qualquer maluqueira, tem **macaquinhos no sótão. Pegar de cabeça é endoidecer. a perguntas** é o mesmo que sujeitar a um interrogatório. Quando alguém se apresenta com aspecto tristonho costuma dizer-se que traz os **ares entroviscados.**

Todo o indivíduo que teve a infelicidade de perder nos seus negócios, diz-se que deu com a **ferramenta em prego.**

Quem intriga, **anda a tecer** e quem é despedido **vai para o caminho.** Quem elogia muito uma pessoa, **dá-lhe manteiga** e quem foge precipitadamente **dá as atracas. Andar numa atafona** é estar muito atarefado, numa **roda viva**, assim como **andar aos terremotos** traduz o viver com muitas dificuldades.

Quando uma pessoa caminha devagar, é uso afirmar-se que **vai na sua manage.** Se, pelo contrário, anda depressa, diz-se que **vai a pulo** ou então que anda **perlim-tim-tim.**

Quando alguém vem com modos lisongeiros e enganosos, ou melhor, com pés de lã, afirmam que **vem com os pés nas mãos.** Qualquer questão difícil de resolver, **tem dente de coelho.**

**Ser mau por sentença** é sê-lo por sentença divina. Indivíduo que não pertence à mesma classe social doutrem, **não é do mesmo pano.** Mostrar-se teimoso **é estar como a lapa na pedra**, o que significa portanto estar agarrado às suas convicções.

E, porque, já estamos na hora, esperamos que, ao terminar, não digam que **fizemos cangas a mosquitos**, isto é, que procedemos a trabalho inútil. Alguma coisa do que fica dita se poderá aproveitar. Por consequência, concluimos como o povo: — **entre Maria vai Ana, quem não canta balha** — o que por outras palavras significa que entre mortos e feridos há-de escapar.

**(Palestra proferida no Emissor Regional dos Açores)**

"A Ilha" — 17-4-1948

**Interesse-se pelo nosso folclore. A Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.**

# FOLCLORE ESPANHOL

## TERAPÊUTICA OCULAR

Antônio Castillo de Lucas

Os remédios populares vão sendo, afortunadamente, cada dia menos empregados; é esta uma conquista da ciência; o povo sente grande temor ao tratar com os seus próprios recursos as doenças dos olhos,e assim, quer recolher diretamente nas aldeias e nas clínicas hospitalares as notícias, de modo direto, dos remédios que se empregam nos povos, nem que eja apenas a simples fórmula, e sôbre tudo, que seja praticada, e que de tanto se repetir se converteu em provérbio: **"A vista é muito delicada".**

Nos manuscritos dos processos inquisitoriais (**Cirac Estopeñan — Los procesos de hericherias en la Inquisición de Castilla la Nueva** — Madrid, 1942) são citadas curiosas fórmulas empregadas pelas bruxas, feiticeiros, sortílegos e curandeiros prêsos pelo Santo Ofício como herejes, já que as suas fórmulas associavam sempre a magia de um dito ou de práticas supersticiosas mistificando assim a religião. Vestígios dêstes ditos podem ser alguns dos seguintes:

Na Andaluzia quando um corpo estranho cae no olho dizem, ao mesmo tempo que se o sopra:

"Una mota me cayó,
San Pedro me la quitó,
con la leche de Maria,
ya'stá la mota caía."

E nas Asturias e na Galicia se recolhem muitas variantes dêsse tipo de ditos (orações) para curar as velidas e os tersões: Se colocam déz grãos de trigo em uma taça com água limpa, se apanha um dos grãos e se atira para trás por cima da cabeça, e com outro dos grãos se fazem cruzes sôbre o olho enfermo, e dizendo, ao mesmo tempo, a oração seguinte:

"Santa Lucia
tres libros tenia;
en uno leía,
en otro escribia,
y en otro **belidas** deshacia.
Co-a gracia de Dios e da Virgen Maria
con un padrenuestro e un avemaria,
a Santiña e santo deste día."

Esta oração que dizem em Forcarey (Pontevedra) é semelhante a de outros lugares da região; existem muitas variantes que recolhe a **Revista de Tradiciones Populares** (Madrid — 1944) e é curioso comprovar como esta oração é muitíssimo conhecida em Portugal, segundo os doutores Lima Carneiro e Pires de Lima (Pôrto), dizendo assim, ao fazerem o sinal da cruz com três grãos de trigo:

"Jásus, nome de Jásus,
nome de toda a virtude
San João e Santa Luzia
que sare esta **bolida.**"

Uma forma de exorcismo sem mistificar a religião é usada na Galicia para curar, ao mesmo tempo que se unta com alho o olho enfermo, queima-se um sabugo de milho:

"Orzón, orzón,
picaron
vaite de aquí
en tres anos e un día
no volvas a min".

Deixo de copiar os remédios que existem nos livros de medicina popular como no de George Black, traduzido por Machado (1890), **Secretos de Agricultura** de Frei Miguel Agustin (1722); repetimos que hoje como remédios caseiros aplicam-se somente os inofensivos, principalmente os que proporcionam calor à vista para curar os catarros da mesma com cozimentos de maçanilha, salgueiro, malva, que nunca são prejudiciais por serem preparados com água fervida, ou a aplicação de corpos quentes como é o ovo recém-pôsto para aclarar a vista, ou o anil quente por fricção, uma chave (ôca), etc. passados sôbre os tersóes, etc. etc.. Por certo que na tradição chilena se exige que a chave seja de ouro, para que tenha a virtude curativa.

Nunca se aprecia melhor o bom senso popular que ao se contemplar o abandono desta terapêutica supersticiosa ou quando menos rotineira, para aceitar os conselhos dos modernos oftalmólogos; o povo tem seguido fielmente esta sábia regra refraneira: **Usa os remédios, conforme te dê com eles.**

(**Folklore Oftalmológico**, ed. L. N. E. S/A., Barcelona, 1944)

**Mande contar V. também as lendas da sua terra! Ela deve possuí-las. Falta apenas quem as recolha e conte...**

## COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

**Relação dos membros efetivos**

| Nomes | Endereço |
|---|---|
| Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral) | R. Esteves Júnior, 138 |
| Almiro Caldeira de Andrada. (Sub-Secretário) | Av. Hercílio Luz, 127 |
| Walter F. Piazza (Tesoureiro) | Av. Hercílio Luz, nº 66 |
| Altino Flores | R. Feliciano Nunes Pires |
| Alvaro Tolentino de Souza | R. Vidal Ramos, 50 |
| Antônio Taulois de Mesquita | R. Esteves Júnior |
| Aroldo Caldeira | R. Brigadeiro Silva Pais |
| Bento Aguedo Vieira | R. Crispim Mira, 89 |
| Carlos Büchele Júnior | Dep. de Geogr. e Cartografia |
| Carlos da Costa Pereira | R. Anita Garibaldi |
| Custódio de Campos | Av. Mauro Ramos |
| Doralécio Soares | Rua Major Costa, 28 |
| Elpídio Barbosa | Av. Hercílio Luz, 131 |
| Emanuel Paulo Peluso | Instituto Trompowsky, 14 |
| Henrique da Silva Fontes | Av. Trompowsky, 14 |
| Henrique Stodieck | R. Saldanho Marinho, 30 |
| Hermes Guedes da Fonseca | Assembléia Legislativa |
| Jaldir Faustino da Silva | Av. Mauro Ramos |
| Ildefonso Juvenal | R. Aracy Vaz Callado |
| João A. Sena | R. D. Jaime Câmara, 37 |
| João Crisóstomo de Paiva | R. 24 de Maio, 467 — Estreito |
| João dos Santos Areão | R. D. Jaime Câmara, 11 |
| José Cordeiro | R. Rafael Bandeira, 35 A |
| Lídio Martinho Calado | R. Alves de Brito |
| Martinho de Haro | R. Altamiro Guimarães |
| Manoel Soares de Azevedo Maia | R. Conselheiro Mafra, 93 |
| Nereu Corrêa | R. D. Jaime Câmara |
| Osvaldo F. de Melo (filho) | Travessa Urussanga, 6 |
| Othon d'Eça | Av. Mauro Ramos, 120 |
| Percival Calado Flores | R. Feliciano Nunes Pires |
| Plínio Franzoni Júnior | R. Delminda Silveira, 173 |
| Pedro José Bosco | Rua Lajes, 60 |
| Roberto Lacerda | Dep. Estadual de Estatística |
| Romeu Sebastião Neves | Rua Lauro Linhares |
| Victor A. Peluso Júnior | Dep. de Geogr. e Cartografia |
| Walter Tenório Cavalcanti | Assembléia Legislativa |
| Wilmar Dias | R. Esteves Júnior, 47 |

## COMISSAO CATARINENSE DE FOLCLORE

### Relação dos Representantes Municipais

| Nomes | Municípios |
|---|---|
| Acilio A. Pereira Pires ..... | Gaspar |
| Alírio Barreto Bossle ..... | Palhoça (Sto. Amaro) |
| Antônio Dias ..... | Brusque |
| Antônio Nunes Varela ..... | Joaçaba |
| Aroldo Carneiro de Carvalho ... | Canoinhas |
| Euclides José Felipe ..... | Curitibanos |
| Francisco Machado de Souza .... | S. Francisco do Sul |
| Hermínio Millis ..... | Pôrto União |
| Jefferson Davis de Paula ..... | Jaraguá do Sul |
| João Reitz (Cônego) ..... | Araranguá (Sombrio) |
| Lupércio Lopes ..... | Palhoça |
| Neusa Nunes ..... | Tubarão |
| Norberto Bachmann ..... | Joinvile |
| Norberto Silveira Júnior ..... | Itajaí |
| Otaviano Ramos ..... | São José |
| Orlando Ferreira de Melo ..... | Blumenau |
| Osias Guimarães ..... | Blumenau |
| Plácido Gomes ..... | Joinvile |
| Rogério Fagundes ..... | Campos Novos |
| Romeu Boiteux Piazza ..... | Nova Trento |
| Ruben Ulisséa ..... | Laguna |
| Teobaldo Costa Jamundá ..... | Indaial |
| Teófilo Matos ..... | São Joaquim |